



MARLOVA GROSS DA SILVA

O IMPACTO DO MAL-ESTAR DOCENTE NO PROTAGONISMO DO PROFESSOR

CANOAS, 2021

MARLOVA GROSS DA SILVA

O IMPACTO DO MAL-ESTAR DOCENTE NO PROTAGONISMO DO PROFESSOR

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle – UNILASALLE, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Educação

Orientação: Prof. Dr. Gilberto Ferreira da Silva

CANOAS, 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586i Silva, Marlova Gross da.

O impacto do mal-estar docente no protagonismo do professor
[manuscrito] / Marlova Gross da Silva. – 2021.

119 f.: il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade La Salle,
Canoas, 2021.

“Orientação: Prof. Dr. Gilberto Ferreira da Silva”.

1. Educação. 2. Formação de professores. 3. Prática docente.
4. Profissionalismo docente. 5. Bem-estar. I. Silva, Gilberto Ferreira
da. II. Título.

CDU: 378.124

Bibliotecário responsável: Michele Padilha Dall Agnol de Oliveira - CRB 10/2350

MARLOVA GROSS DA SILVA

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de mestra, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle.

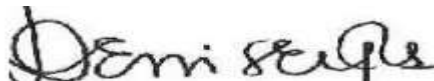
BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dr^ª. Narjara Mendes Garcia
Universidade Federal do Rio Grande



Prof^ª. Dr^ª. Elaine Conte
Universidade La Salle Canoas/RS



Prof^ª. Dr^ª. Denise Regina Quaresma da Silva
Universidade La Salle Canoas/RS



Prof. Dr. Gilberto Ferreira da Silva
Universidade La Salle, Orientador e Presidente da Banca

Área de Concentração: Educação

Curso: Mestrado em Educação

Canoas, 16 de dezembro de 2021.

À minha filha Isabela Gross Didio, razão da minha conquista, inspiração diária, que me impulsiona a querer sempre alcançar o melhor.

À minha mãe Mariza Z. Poltosi Gross, que com sua sabedoria sempre me incentivou a estudar e nunca desistir dos meus sonhos.

Ao meu irmão Marcelo Poltosi (*in memoriam*) um exemplo de força de viver, dignidade, sabedoria ...

Considerando a temática desta pesquisa, dedico a todos os docentes, que mesmo na adversidade da profissão, mantem a esperança e o amor como propulsão para contribuir para um mundo melhor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, Luz para os meus pés e que permitu que eu trilhasse por esse caminho, firme para alcançar o propósito.

Ao querido orientador prof. Dr. Gilberto Ferreira da Silva, pela dedicação e paciência em mostrar-me os passos para realização desta pesquisa.

Às professoras Dr^a. Elaine Conte, Dr^a. Denise Regina Quaresma da Silva e a Dr^a Narjara Mendes Garcia que aceitaram participar da banca de qualificação promovendo importantes contribuições para realização deste estudo.

Aos participantes do Grupo de Pesquisa em Educação Intercultural, pelo conhecimento partilhado e pelos anseios projetados.

À direção da Escola Municipal de Ensino Fundamental Anita Garibaldi, que generosamente acolheu essa pesquisa, permitindo que a mesma se realizasse dentro do seu contexto.

Aos colegas que se disponibilizaram a participar deste estudo, contribuindo para produção dos dados e tornando-se parceiros nesta caminhada.

A todos os colegas aos quais convivi como estudante ou como colega em minha jornada no magistério.

A todos os estudantes e famílias aos quais convivi como professora ou orientadora, os mesmos sem saber, também foram meus professores.

À Unilasalle, que me acolheu, onde aprendi e desenvolvi o amor pela pesquisa.

A todos(es), gratidão!

Que o cidadão saiba e repita que está diante de um artífice do nosso futuro, que merece respeito. Que o Estado saiba que este é um trabalhador especial, que deve ser tratado de forma especial. Que os sindicatos saibam que existem mais dramas entre o professor e os alunos que imaginam as lutas salariais.

E que o educador ouça:

Parabéns professor, você tem um trabalho completo, cuidado professor, você tem um trabalho completo demais (Wanderley Codo)

RESUMO

A presente dissertação se insere na linha de pesquisa 1 – Formação de Professores, Teorias e Práticas Educativas – do Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado Acadêmico, da Universidade La Salle (Unilasalle) e está vinculada ao Grupo de Pesquisa em Educação Intercultural (GPEI). O objetivo deste estudo centrou-se em: Compreender de que maneira o mal-estar docente, repercute no protagonismo em sala de aula, em relação a qualidade da prática pedagógica. Tal propósito, também considerou o contexto pandêmico vivenciado pelos docentes, no período de realização deste estudo. Assim, esta pesquisa compreendeu as condições de trabalho docente e sua dinâmica no contexto educativo, estabelecendo relações entre o mal-estar docente, profissionalismo e profissionalidade. Para a fundamentação teórica foram utilizados alguns autores como Esteve (1999), Nóvoa (2002), Codo (2006) e outros. O estudo pautou-se por um levantamento bibliográfico, complementado por entrevista e grupo focal. Os participantes da pesquisa foram professores de uma escola pública, localizada na região metropolitana de Porto Alegre que atuam com os anos finais do ensino fundamental. Os dados produzidos foram trabalhados de acordo com as etapas da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). Dentre as questões que o estudo permitiu observar, destacam-se: o impacto da política neoliberal na profissão docente, a sobrecarga de trabalho, desvalorização docente, bem como o adoecimento dos professores. A compreensão do fenômeno no âmbito profissional docente, possibilitou projetar ações como, por exemplo, o Programa Saúde na Escola (PSE), procurando atender as demandas referentes a saúde e bem-estar dos professores. Espaços de escuta aos docentes na instituição escolar que trabalham, oferecendo apoio e acolhimento. Orientações para que os professores desenvolvam o cuidado de si como pessoas humanas e que o trabalho possa ser um exercício de humanização. Formação contínua entre pares, voltada para construção da identidade docente e aprimoramento profissional. Valorização salarial e profissional, por parte dos gestores, considerando o que já preconizam políticas públicas neste campo. Essas ações poderiam contribuir para minimizar os efeitos do mal-estar docente, incentivando a prevenção e à promoção do bem-estar.

Palavras-chave: Formação de Professores. Prática docente. Profissionalismo e Profissionalidade. Mal-estar/bem-estar docente.

ABSTRACT

The present dissertation is linked to the research line 1 – teacher training, theories and educational actions – from the graduate course in Education, Master's Degree of the University Of La Salle (Unilasalle) and it's bound to the Intercultural Education Research Group. This study aims to: understand how teacher malaise reflects on their protagonism in the classroom, in relation to the quality of pedagogical practice. The purpose has also considered the pandemic context in which teachers had been experiencing while this study was conducted. Thus, this research involves teachers' working conditions and their dynamics in the educational environment, establishing relationships between teacher malaise, professionalism and professionality. For theoretical foundation, Esteve Zaragoza (1999), Nóvoa (2002), Codo (2006) and others were used. The study is grounded by a bibliographic survey, complementing by interview and focal group. The participants of the research were teachers of a public school, located in the Metropolitan region of Porto Alegre, who teach for Upper elementary grades. The data collected were analyzed by the content analysis method (BARDIN, 2011). Among the issues that were pointed out, the follow stand out: the impact of the neo-liberal policy on teaching profession, the work overload, teaching devaluation, as well as teacher's illness. The understanding of the phenomenon in its professional scope has allowed to project actions such as, the Health in School Program, seeking to attend different demands concerning teachers' health and wealth, spaces for listening at schools, offering support and acceptance. Guidance so teachers can develop self-care as human beings and so that working can be a humanization exercise. Continuing education among colleagues aiming the construction of teaching identity and professional improvement. Salary and professional valuation by administrators, considering the ongoing public politics. These actions could add to minimize teacher malaise, encouraging wealth prevention and promotion.

Keywords: teacher training, teaching practices, professionalism and professionality. Teacher malaise/wealth.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Categorização dos fatores que provocam o mal-estar docente.....	26
Figura 1 – RS com a delimitação do município de Guaíba.....	60
Figura 2 – E.M.E.F Anita Garibaldi.....	61
Figura 3 – Pátio da escola.....	62
Figura 4 – Professora desenvolvendo conteúdo de Arte.....	63
Figura 5 – Orientadora em prática circular com os alunos.....	64
Figura 6 – Enfermeira do CAPS em palestra sobre Valorização da Vida.....	64
Figura 7 – Psicóloga da SME com alunos do 9º ano.....	65
Figura 8 – Reunião pedagógica.....	65
Figura 9 – Reunião com a comunidade escolar.....	66
Quadro 2 – Informações pessoais do grupo.....	71
Quadro 3 – Roteiro de Entrevista.....	116
Quadro 4 – Grupo focal.....	117

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
AC	Acre
BDTD	Banco de Dados de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CMPC	Celulose Riograndense
CPM	Conselho Escolar
COVID – 19	Coronavírus Sars-CoV-2
CPERS/RS	Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul
E.M.E.F	Escola Municipal de Ensino Fundamental
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério de Educação e Cultura
NEE	Necessidades Educativas Especiais
OIT	Organização Internacional do Trabalho
PNE	Plano Nacional de Educação
PSE	Programa Saúde na Escola
SME	Sistema Municipal de Ensino
SARESP	Sistema de Avaliação e Rendimento Escolar do Estado de São Paulo
SINEPE/RS	Sindicato do Ensino Privado do Rio Grande do Sul
SINPRO/RS	Sindicato dos Professores do Ensino Privado do Rio Grande do Sul
SRP	Sala de Recursos Pedagógicos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 CONTEXTO NEOLIBERAL COMO PULSÃO AO MAL-ESTAR DOCENTE POSSÍVEIS RUPTURAS COM O PROCESSO DE PROFISSIONALIZAÇÃO/PROFISSIONALIDADE	20
3 PANORAMA DO MAL-ESTAR DOCENTE: UM OLHAR DESDE AS PESQUISAS	25
3.1 Eixos Temáticos	27
3.1.1 <i>Política Educacional e Instituição Escolar</i>	27
3.1.2 <i>Condição de Trabalho Docente</i>	33
3.1.3 <i>Saúde e Trabalho</i>	37
3.2 De Revisão em Revisão: Ampliando o Diálogo na Produção do Bem-Estar/Mal-Estar Docente	44
3.3 O Que Dizem os Estudos: Sínteses Possíveis	53
4 METODOLOGIA.....	58
4.1 Campo Empírico.....	60
4.2 Participantes da Pesquisa	66
4.3 Pesquisa de Campo.....	67
4.4 O caminho	67
5 MAL-ESTAR/BEM-ESTAR DOCENTE: O QUE FALAM OS PROFESSORES	72
5.1 Eixo 1- Ser Professor	73
5.1.1 <i>Categoria Sobrecarga de Trabalho.....</i>	73
5.1.2 <i>Desvalorização Docente</i>	77
5.1.3 <i>Indisciplina</i>	80
5.1.4 <i>Déficit na Formação Docente</i>	82
5.1.5 <i>Realização Profissional</i>	88
5.2 Eixo 2 – Patologia	92
5.2.1 <i>Categoria Adoecimento Docente.....</i>	92
5.3 Eixo 3 - Reflexões Docentes.....	97
5.3.1 <i>Relevância Social:</i>	97
5.3.2 <i>Política Neoliberal.....</i>	99
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS	109

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista.....	116
APÊNDICE B – Planilha do Grupo Focal	117
APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	118

1 INTRODUÇÃO

Abordar o mal-estar docente significou mergulhar no interior da profissão, procurando identificar os condicionantes do seu surgimento, quais os indicativos da sua existência e de que maneira é possível pensar alternativas para minimizar seu impacto no ambiente escolar.

Vale ressaltar que o mal-estar docente poderá ser percebido de forma explícita, ou disfarçada de cansaço e desânimo pela profissão. Acredita-se que muitos professores não reflitam sobre a existência desse mal, a maioria está absorvida em suas funções e afazeres profissionais, sem tempo para refletir/falar com os colegas de profissão sobre as aflições que o fazer docente e o ser docente lhes causa. O trabalho do professor extrapola os muros da escola – suas funções se estendem para além da sala de aula. Os educadores assumem responsabilidades que antes eram das famílias, sobrecarregando-se com exigências que, quando não atendidas lhes causam sofrimento.

Salienta-se a relevância do que se pretendeu investigar para que se pudesse discutir e planejar estratégias a partir do problema, buscando possibilidades para criação de espaços nos quais os professores possam exercitar de forma autônoma os seus modos de pensar e de agir. Desenvolver uma cultura de reflexão docente, no espaço escolar, torna-se importante – o professor poderá refletir sobre como se percebe enquanto sujeito profissional, a forma como é afetado pela experiência na docência, as relações que dão e os efeitos que essa ação profissional cotidiana acaba provocando. Essa reflexão possibilitou abrir espaço para o resgate do exercício da profissão docente, do desenvolvimento humano e do sentido próprio de desenvolver o processo de ensinar e aprender. Principalmente nesse cenário pandêmico, onde um turbilhão de novas necessidades se apresentaram e os docentes tiveram que adaptar suas práticas, sobrecarregando-se de trabalho. Ressalta-se que os meios para alcançar os estudantes, desenvolveram-se por tecnologias, realidade desafiante para muitos docentes, tanto ao que tange o acesso e equipamentos apropriados, quanto ao ajuste do conteúdo às necessidades dos estudantes.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a pesquisa em questão esteve alicerçada na intenção de expor os desafios, de temas que são constituídos no contexto escolar e que atingem diretamente o educador enquanto pessoa e profissional, assolando a autoestima e o trabalho eficaz dos docentes. Nesta perspectiva, desde o final do século XX, teóricos como Esteve, Codo e Nóvoa lançam olhar para a temática mal-estar docente, enfatizando o sofrimento e adoecimento dos professores por serem exigidos em demasia, tendo que desenvolver funções muito além do que seriam suas atribuições. Os docentes tiveram que

acompanhar as mudanças ocorridas na sociedade, conseqüentemente nas famílias dos educandos, fato que contribuiu para que houvesse um novo perfil de aluno, com maiores necessidades, enquanto os pais se tornaram mais omissos. Importante salientar que o avanço tecnológico, de forma antagônica, fez com que a escola parecesse mais obsoleta, principalmente a pública, não conseguiu se equipar para acompanhar o avanço da informática. Assim, as salas de aula continuam compostas pelas mesmas configurações do século passado: mesas, cadeiras, quadro e giz. Este pode ser um motivo que contribui para que o professor não consiga desenvolver aulas mais atrativas, interessantes, fato esse desencadeador de questões ligadas à indisciplina dos educandos. “Os professores se encontram ante o desconcerto e as dificuldades de demandas mutantes e a contínua crítica social por não chegar a atender essas novas exigências” (ESTEVE, 1999, p. 13).

Nesse contexto, o cerne desta pesquisa foi encontrar respostas que evidenciassem a dimensão do mal-estar docente dentro da sala de aula, porque, quando se concebe que os professores estão adoecendo, logo surge o pressuposto que sinaliza para qualidade do processo ensino-aprendizagem, uma vez que o educador é quem faz pulsar o mecanismo que promove a aprendizagem. Considerou-se que para os profissionais dedicados e comprometidos, é conflituoso estarem cientes das questões estratégicas necessárias ao desenvolvimento de uma aula com qualidade, no entanto, existem imbricações nas situações que dificultam ou impedem tal feito. Diante desse disparate, entre o que é necessário ser feito e o que realmente se consegue realizar, o escopo do presente estudo trouxe à tona o questionamento que pode esclarecer o impacto do mal-estar docente na qualidade de sua atuação, em relação ao processo de ensino-aprendizagem. Diante desse cenário, configurou-se o problema da pesquisa: de que maneira o mal-estar docente, repercute no protagonismo docente em sala de aula, em relação à prática pedagógica? Para alcançar respostas a questão citada, o objetivo geral, constituído foi o seguinte: compreender de que maneira o mal-estar docente repercute no protagonismo em sala de aula, em relação à qualidade da prática pedagógica. Sendo os objetivos específicos: identificar os elementos que intensificam o mal-estar docente na escola investigada; verificar de que maneira as condições de trabalho afetam as formas de como o professor assume o seu papel no processo educativo; analisar quais políticas públicas poderão dar suporte à minimização do impacto do mal-estar docente; analisar quais ações poderão ser apresentadas com objetivo de promover o bem-estar docente no contexto da escola investigada.

Desta forma, tornou-se fundamental uma retomada de conceitos da estruturação da profissão professor, levando em consideração sua subjetividade como ponto favorável para constituição da profissionalização, resgatando o sentido do trabalho docente e do ser docente.

Refletir a respeito da educação, suas nuances e percalços é algo que está alicerçado em minha¹ prática, desde o primeiro dia que coloquei os pés em uma escola, já na condição de profissional da educação. Visto que, esta atividade exige de mim, conhecimento teórico, habilidade prática e, sobretudo, vivência e valores que estão impregnados na relação do eu com o outro. Nas palavras de Imbernón (2011, p. 14):

[...] tudo isso nos leva a valorizar a grande importância que têm para a docência a aprendizagem da relação, a convivência, a cultura do contexto e o desenvolvimento da capacidade de interação de cada pessoa com o resto do grupo, com seus iguais e com a comunidade que envolve a educação. [...] A profissão exerce outras funções: motivação, luta contra a exclusão social, participação, animação de grupos, relações com estruturas sociais, com a comunidade [...].

Conseqüentemente, o magistério requer a capacidade de se colocar no lugar do outro, interagir nos vários contextos que circulam dentro do espaço escola. Essa habilidade de relacionamento interpessoal é condição *sine qua non* para o desenvolvimento da profissionalidade docente.

Na década de 90, com a conclusão do Curso Normal, o primeiro passo para o ingresso na carreira do magistério, através da universidade, rumo ao objetivo de atingir a “excelência como professora”, utopicamente acreditava que na academia seria lapidada para exercer plenamente o ofício. Em 1997 ingressei na faculdade de Pedagogia – Orientação Educacional. O embasamento teórico que aprendia me instigava a planejar para uma prática eficaz. No ano de 1999 consegui um contrato emergencial no Estado, em uma escola da zona rural, que tinha em sua clientela alunos oriundos de famílias integrantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. Foi uma experiência significativa, convivi com uma comunidade e com peculiaridades muito diferentes das quais estava acostumada. Contudo, a teoria estudada na faculdade, muitas vezes, ganhava uma distância significativa da realidade na prática – que me inquietava, sempre acreditei que a educação transforma. Mas, não desisti e comecei a questionar a prática, a realidade da escola rural na qual estava inserida, bem como a subjetividade, as peculiaridades da clientela que estava trabalhando. Consegui fazer aproximações da teoria com a prática, mas a excelência como professora ainda não tinha alcançado, já que o insucesso de alguns alunos gritava alto em meu senso crítico e ético. Por

¹ Nesta seção, dado o caráter pessoal, expressei-me na primeira pessoa do singular.

isso, na universidade, optei por desenvolver o projeto de iniciação científica sobre a temática fracasso escolar.

Em 2001 fui aprovada no concurso público do Estado como professora de anos iniciais. Assumi o cargo em uma escola da periferia de Guaíba. Já em 2004, aprovada no concurso do município, assumi o cargo de Orientadora Educacional. Era um sonho se concretizando, atuar nessa função me permitiria ter uma visão ampla da escola e de todos os sujeitos envolvidos.

Na trajetória como Orientadora Educacional, desenvolvi projetos na escola, entre eles, o trabalho “Cuidados com os Cuidadores”, cujo enfoque principal é dar uma atenção à saúde mental dos professores que atuam na escola, oportunizando que o professor tenha 50 minutos de conversa com a psicóloga escolar, para desabafar tristezas ou conquistas em sua prática pedagógica. Ao oportunizar esse momento aos educadores, almejei proporcionar um acolhimento para que os mesmos se sintissem amparados e pertencentes à instituição. Das experiências desse percurso de trabalho emergem indagações a respeito do desamparo em que se situa a pessoa professor, sem políticas públicas que promova subsídios para que este possa desempenhar sua função com dignidade. Essa situação repercute no desempenho desse profissional.

Observo que os educadores parecem estar perdidos a respeito de qual caminho seguir em suas rotinas com as situações que surgem no espaço escolar. Embora a literatura no campo da educação seja vasta, analiso que os professores demonstram ter uma dificuldade em articular o que é lido a sua prática. Essas observações que faço no cotidiano da escola em que atuo me direcionam à pesquisa, como fonte de conhecimento produtivo².

É possível observar na rotina escolar, em reuniões pedagógicas, ou mesmo na sala dos professores, que há instaurado na educação escolar um mal-estar docente, que ocasiona um peso muito significativo na vida de docentes e discentes. Entretanto, ao analisar produções já realizadas que enfocam o mesmo tema, surgem pesquisas de diferentes áreas dessemelhantes à educação e geralmente pesquisas isoladas que priorizam apenas levantamento de dados. No entanto, aprofundar estudos que abordem essa problemática se faz necessário porque essa realidade pode ser uma das molas propulsoras para fazer a diferença na qualidade do processo educacional.

Segundo Souza e Leite (2011), é interessante observar o predomínio de pesquisas empíricas pela psicologia e fonoaudiologia e de revisões da literatura pela educação. O tema

² Encerra-se, aqui, a escrita em primeira pessoa do singular.

ganha visibilidade crescente, mas carece de uma abordagem multidisciplinar. O enfoque dos estudos realizados por outras áreas, pode mascarar outras dimensões do problema, entre elas a repercussão dessa dificuldade docente em desempenhar de forma eficaz a sua função, em um espaço em que os desafios da diversidade são fecundos e requerem uma perspicácia didática e relacional. Conforme as autoras, “[...] os trabalhos continuam entendendo os problemas relacionados à saúde do professor muito mais como um processo biopsíquico do que um processo social” (SOUZA; LEITE, 2011, p. 1110). Entende-se que as muitas doenças geradas no desempenho da função docente passam a naturalizar-se como se fossem doenças comuns.

Conforme Bicudo-Pereira *et al.* (2003), as escolas sediam uma série de programas e ações para promoção da saúde de crianças e adolescentes em que professores se configuram como importantes mediadores. Contudo, eles não são considerados como atores ou protagonistas da aprendizagem em relação a sua própria saúde. De acordo com a autora, não é fomentado nas escolas projetos e/ou programas que contemplem a promoção do bem-estar do professor. A esse profissional é imposto hierarquicamente metas que – quando não atingidas – geram um sentimento de frustração. É lamentável constatar que o ritmo frenético imposto aos educadores não aparece na mesma proporção em relação à transformação e melhoria das condições do exercício da atividade pedagógica.

Nesse sentido, Nóvoa (2015, p. 265) sustenta que “[...] nosso mal-estar é grande, mas parecemos resignados e apáticos, como se tudo fosse inevitável, como se não houvesse alternativa. Chegou o tempo de dizer ‘não’”. Sendo assim, é necessário romper com esse estado de inércia em que se encontra o professorado, através de produções de cunho científico que legitimem o que é visível, porém ignorado. É amplamente compreendido que o trabalho docente é fundamental para a sociedade. No entanto, esse profissional precisa ser valorizado explicitamente, por meio de ações que propiciem seu desenvolvimento de maneira integral. Urge que se desenvolvam políticas públicas que amparem o docente como um todo, isto é, pessoa/profissional.

Segundo Nóvoa (1995, p. 17), “[...] cada professor constrói sua maneira própria de ser e de ensinar, intercruzando o eu pessoal e o eu profissional [...]”. Ou seja, não estão dissociadas subjetividade e profissionalismo. Entendo que a subjetividade docente em articulação com o eu profissional é que mantém o processo relacional na práxis. Nesse direção, Penin (2009, p. 3) remete para a ideia de compreender que o sentido de profissionalidade está atrelado à “fusão dos termos profissão e personalidade”.

Desse modo, compreende-se que os estudos apontam para questões da subjetividade docente como fator que constitui o educador e, por isso, esteja presente no processo

relacional, podendo interferir para uma atuação muitas vezes deficitária desse profissional que carece de formação continuada mas, igualmente, de valorização subjetiva pela função de excelência que deve desenvolver. Nesse sentido, o tema proposto para este estudo abordará, de maneira empírica, a vivência, os anseios e atuação dos professores do 6º ano de uma escola da rede municipal de ensino localizada no município de Guaíba.

O adoecimento dos trabalhadores docentes torna-se, cada vez mais uma presença na escola, sendo portanto, uma temática que está na ordem do dia em debates e pesquisas acadêmicas. Perscrutar este caminho é um desafio lançado, não apenas por pesquisadores da área ou que tenham o interesse nesse campo de pesquisa, mas até mesmo para o poder público e a sociedade como um todo, diante de números tão contundentes, já demonstrados em pesquisas publicadas no Brasil e no exterior (OLIVEIRA, 2013; ASSUNÇÃO, 2003; ESTEVE, 1999).

De acordo com Esteve (1999), a expressão mal-estar docente é empregada para descrever os efeitos permanentes, de caráter negativo, que afetam a personalidade dos professores, como resultado das condições psicológicas e sociais em que exercem a docência, em razão da mudança social acelerada. Algumas dessas mudanças se refletem diretamente na prática do professor em sala de aula e, por isso, desenvolvem nesse profissional, sentimentos negativos capazes de modificar o desempenho do seu trabalho.

Ressalta-se, que nesse período de pandemia da COVID – 19, os docentes estão sendo exigidos ao máximo, colaborando para intensificar os casos de adoecimento na categoria. A citação a seguir, trás argumentos que esclarecem de que maneira a intensificação do trabalho docente está acontecendo nesse momento:

O trabalho vai além da carga horária contratada e o professor encontra-se disponível nos três turnos para responder às perguntas e tirar dúvidas por WhatsApp. Além disso, há a necessidade de planejar as atividades, enviar, seja em formato digital ou físico, e, ainda, ter tempo para receber e corrigir as atividades realizadas pelos alunos. (SARAIVA; TRAVERSINE; LOCKMANN, 2020 p. 13).

Conforme as autoras o trabalho remoto, que ficou estabelecido na pandemia, trouxe novas exigências aos docentes que tiveram que desempenhar suas atividades em uma fronteira entre o formal e a informalidade. Porque, os horários para atender as famílias, fugiam da formalidade do horário da escola, passou a ser a qualquer momento. Demanda que se instalou, devido a necessidade de esclarecimento de dúvidas sobre a plataforma, sobre como postar as devolutivas de atividades entre outras. As famílias ficaram com dificuldades de gerenciar esse

momento de estudo remoto e isso, sobrecarregou os professores que tiveram que realizar essa incumbência.

Analisa-se que o mal-estar ocasionado no professor, devido aos fatores já citados e agravados pela pandemia, refletiu-se de maneira a gerar um “apequenamento” ao aceitar abrir mão da crítica, da reflexão, da sua condição de produtor de conhecimento e de pesquisador na sua própria ação e, resignadamente, acreditar que a profissão que escolheu para si seja triste e difícil. Baseando-se nesta realidade, acredita-se ser possível contribuir para as discussões a respeito do mal-estar docente, através da produção de dados e análises que possam corroborar com a vida profissional da categoria docente. Para tanto, organizou-se a estrutura desse trabalho da seguinte forma: no primeiro capítulo, objetivou-se apresentar para o leitor os pressupostos teóricos a respeito da temática estudada, explicitando conceitos de profissionalidade e profissionalização, mal-estar/bem-estar docente, bem como, explanação sobre o atual contexto político que incisivamente interfere na educação de maneira geral.

No segundo capítulo, se abordou a pesquisa realizada no Banco de Dados da CAPES, onde foi possível levantar os dados produzidos por pesquisadores, sobre essa temática, incluindo outros estados brasileiros, no período de 2015 a 2020. A partir desse estudo, no terceiro capítulo, foi possível iniciar a contextualização sobre o tema estudado, aprofundando conceitos e refinando o olhar para questões que foram emergindo dessas pesquisas. No quarto capítulo pretendeu-se aprofundar o estudo, investindo na análise de artigos que foram publicados em revistas Qualis A, e que abordaram pesquisas de 2010 a 2019, cujo o escopo apontava para as questões do mal-estar/bem-estar docente. O quinto capítulo destinou-se a apresentar os caminhos metodológicos da presente pesquisa, que denominou-se qualitativa. Ressalta-se que para produção dos dados foi utilizada entrevista semiestruturada e grupo focal. Para o tratamento dos dados, aderiu-se a técnica da Análise de Dados, preconizada por Bardin. A apresentação foi organizada considerando a lógica metodológica da técnica. Por isso, para compreender e analisar, os dados foram classificados por categorias, logo na sequência, foi se construindo um diálogo entre as percepções catalisadas, os teóricos que balisaram esse estudo, os partícipes e os dados dos pesquisadores que compuseram o quadro referente de pesquisa ao Banco da CAPES, para que se pudesse construir uma estrutura possível de reflexões, a respeito do objeto de estudo que esta investigação apresentou.

No capítulo final, foi possível realizar uma reflexão que se ancorou em todo o processo de análise realizado durante a efetivação desse estudo, que acredita-se poderá corroborar para estudos outros que venham discutir a profissão docente, na perspectiva da qualificação da categoria docente.

2 CONTEXTO NEOLIBERAL COMO PULSÃO AO MAL-ESTAR DOCENTE POSSÍVEIS RUPTURAS COM O PROCESSO DE PROFISSIONALIZAÇÃO/PROFISSIONALIDADE

No bojo do presente capítulo, se apresentará uma explanação do sistema político instaurado no Brasil e de que maneira se expressam suas implicações nesse contexto educacional que é impactado pelas estratégias capitalistas. Em um primeiro momento, se objetivou contextualizar a influência neoliberal em relação à formação docente, explicitando o funcionamento desse processo como forma de controle do trabalho dos professores, se fazendo imperioso. Em seguida, aborda-se o desenvolvimento do mal-estar docente, atingindo a saúde e o fazer dos professores que impactados pelo sistema, andam trôpegos em relação a sua profissão, tendo como urgência a reconstrução de identidade profissional, para que possam se fortalecer e lutar enquanto categoria. Por fim, infere-se a respeito da formação continuada, como base para construção do sentido de profissionalismo/profissionalidade, acredita-se que esses constructos possam servir de base para nortear o trabalho do professor em uma práxis voltada para o crescimento pessoal e profissional do docente.

Nessa perspectiva, compreende-se que o atual cenário político neoliberal, instaurado nos países ocidentais, pode ser evidenciado em vários setores da sociedade, principalmente na educação através da política de desprofissionalização docente. Verifica-se que o governo tira a autonomia do educador através do controle do processo de formação e trabalho do professor, pautando a educação a partir da (des)profissionalização e da (des)legitimação da profissão docente. Os pilares neoliberais, sustentam que o professor, para ser valorizado, tem que merecer, e as escolas, para serem de “qualidade”, dependem da tecnologia. Essa política abre passagem aos interesses de empresários que veem a educação como mercadoria, visando o lucro. Um exemplo disso é a Rede Latino-Americana pela Educação (Reduca), constituída por um grupo de empresários que atuam em diferentes países da América Latina. No Brasil, recebe o nome de Todos pela Educação. A esse respeito, Frigotto (2010) critica:

O movimento dos empresários em torno do Compromisso Todos pela Educação e sua adesão ao Plano de Desenvolvimento da Educação, contrastada com a história de resistência ativa de seus aparelhos de hegemonia e de seus intelectuais contra as teses da educação pública, gratuita, universal, laica e unitária, revela, há um tempo, o caráter cínico do movimento e a disputa ativa pela hegemonia do pensamento educacional mercantil no seio das escolas públicas. (FRIGOTTO, 2010, p. 14).

Nesse contexto, interpreta-se que o movimento deve ser visto pelos educadores de forma crítica, refletindo o ideário capitalista, que é produzir e receber. Esse molde, se incorporado ao magistério, garantirá um retrocesso não somente à categoria dos professores mas a toda a sociedade. Afinal, educar é um ato político e o modelo de educação neoliberal objetiva “formar” um professor alienado, despolitizado, que trabalhe visando merecer pontos, titulações e/ou prêmios por fazer um trabalho melhor do que o seu colega. Esse é o novo perfil de profissional que a política vigente almeja lapidar.

Em meio a esse cenário, é crescente o número de produções acadêmicas que se referem ao mal-estar docente, que, de maneira densa, faz parte do cotidiano de grande parte dos docentes da educação básica. Conforme Vasconcellos (2006, p. 20), “[...] desde 1983, a Organização Internacional do Trabalho (OIT), aponta os professores como sendo a segunda categoria profissional, em nível mundial, a portar doenças de caráter ocupacional”. Compreende-se que as mudanças políticas – que interferem na sociedade como um todo – causam grande impacto nas condições de trabalho do professor, visto que, a precarização das estruturas físicas e organizacionais da escola, seguidas dos baixos salários oferecidos ao magistério, somados às responsabilidades em relação ao processo de ensino-aprendizagem, inclusão, indisciplina, entre outros, são feixes que contribuem para promover o mal-estar docente. Esteve, pioneiro em abordar essa problemática, conceitua mal-estar docente como sendo “[...] o conjunto de reações dos professores como grupo profissional desajustado devido à mudança social” (ESTEVE, 1991, p. 56). Na explicitação desse conceito, entende-se que o autor infere que tal transtorno não é ocasionado por questões subjetivas e/ou orgânicas dos professores, mas sim, pelas condições sociais, as quais estão interligadas ao espaço educacional. Como é amplamente divulgado, as escolas apresentam uma precarização em suas estruturas físicas, que resultam em um sucateamento de recursos pedagógicos, os quais poderiam servir de apoio à prática pedagógica dos professores. Essa constatação é apenas um dos dados que apontam os desafios de exercer o magistério. Quando somado a outras questões referentes à realidade da escola, torna-se mais impactante compreender a situação laboral dos educadores e almejar trazer à luz o mal-estar docente que acontece, muitas vezes, sem compreensão ou de maneira velada.

Nóvoa corrobora citando: “Os professores são criticados por não garantirem na escola aquilo que a escola não consegue fora dela” (2002, p. 57). Sendo assim, reflete-se em um contraponto – o objetivo da escola é a ensinagem – considerando o aluno como um todo, promovendo pedagogicamente ações que favoreçam a construção de habilidades e competências a esse educando. No entanto, para as questões sociais que emergem na escola, o

tratamento, a resolução, deveria ser social, porque extrapola as limitações da instituição. Ainda na citação de Nóvoa, pode-se constatar o grau de responsabilização e exigência à qual um professor é exposto, dele é esperado que resolva situações como, conflitos da comunidade, rivalidades nas redes sociais, desestrutura familiar, situações que não estão arroladas em suas atividades e muito menos em sua formação, mas que permeiam o espaço da escola.

Essas circunstâncias tornam o campo de atuação do docente fértil para produção do estresse, esgotamento que, em conjunto com a demanda à qual é submetido, resulta na produção do mal-estar docente. É imperioso apontar que a intensificação dessa mazela é degrau para ocasionar outras moléstias, como é o caso da síndrome de Burnout: “[...] uma síndrome através da qual o trabalhador perde o sentido da sua relação com o trabalho” (CODO, 2006, p. 238). Baseando-se na gravidade dos fatos, tal condição remete a arguir que a situação em que se encontra o sistema educacional, neste século, está produzindo uma geração docente adoecida, vivenciando um dilema paradoxal “[...] pois há tanto a ser feito e muito pouco se consegue fazer”. Esse “não conseguir fazer” traz à tona as dúvidas a respeito da competência do professor. É necessário que se discuta e alargue os debates a respeito do papel do docente, esclarecendo-os e alertando as autoridades competentes a respeito desse mal, para que se envolvam nessa causa, intervindo com medidas que possam melhorar as condições de trabalho docente. Isso evitaria um possível colapso no sistema educacional, devido às condições de saúde dos educadores que “[...] já é reconhecida pelos pesquisadores como uma epidemia internacional” (CODO, 2006, p. 249). O autor alerta e reforça essa problemática, fazendo com que se reflita sobre o fato de a síndrome de Bournot estar sendo reconhecida como uma epidemia internacioanal, independente de cultura ou classificação econômica de um país. Certamente essa “equação” terá um impacto muito agravado nos países de economia inferior, como é o caso do Brasil, sabe-se que nos países subdesenvolvidos – onde faltam condições básicas em muitas comunidades – a escola é o braço que acolhe, é o farol que orienta, potencializando grandemente as atribuições do professor, que, dentro da comunidade torna-se psicólogo, enfermeiro, pai, mãe, assistente social e responsável único pelo processo ensino-aprendizagem.

Assim sendo, urge que a escola seja sacudida e fomente em seu espaço, formações, para que os educadores possam realizar o movimento de reflexão e crítica a respeito do papel que representam nesse contexto político, e busquem fortalecer o seu processo de profissionalização/profissionalidade. Esse movimento pessoal e profissional, poderá ser propiciado na instituição, com o intuito de o educador poder refletir a respeito de sua prática. Ressalta-se que a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, no § 1º, assegura a promoção da

formação inicial, continuada e a capacitação dos profissionais de magistério, estudo esse que deve ser embasado por conhecimentos científicos, não reduzidos ao pragmatismo, porque o docente necessita aprofundar os seus saberes e ter acesso a novos conceitos e incorporá-los à sua prática. Marcelo advoga que o “[...] desenvolvimento profissional docente pode ser entendido como uma atitude permanente de indagação, de formação de questões e procura de soluções” (MARCELO GARCÍA, 2009, p. 9).

Considerando o que propõe o autor, a formação continuada é um processo a ser desenvolvido ao longo da carreira docente; é um movimento de adaptação contínua, conforme a demanda do grupo docente, com o propósito de melhoria da prática e qualidade da educação, enriquecendo o processo de profissionalização/profissionalidade. Entende-se que o cenário educacional sempre exigiu do professor que fosse um reproduzidor de conhecimento e que executasse tarefas previamente estabelecidas. Ou seja, sempre o exterior desse profissional foi visto, nunca se contemplou o interior da pessoa professor. Sendo assim, não é possível ver preocupação com as questões que afligem ou impactam a profissionalidade docente.

O autor ainda corrobora, inferindo que:

[...] refere-se ao próprio professor como pessoa, como profissional, como sujeito que aprende. Se noutras alturas enfatizávamos o conceito de desenvolvimento, agora referimo-nos à importância de aprofundar o profissional como dimensão necessária da formação de professores. (MARCELO GARCÍA, 1999, p. 145).

Compreende-se que o docente seja um profissional que tem o compromisso permanente de formação e construção profissional. No entanto, o subjetivo do professor deve ser visto como algo que está dicotomicamente ligado à forma de como aprende e como ensina. Por isso, ao se pensar em formação de professores, é necessário que essa característica seja considerada, respeitada, oportunizada aos docentes condições de aperfeiçoar sua profissionalidade. O professor é um profissional de relações humanas. À vista disto, sua formação deverá contemplar tais aspectos, contribuindo para o desenvolvimento de uma docência de qualidade. A esse respeito, infere Wittorski (2014, p. 900):

A profissionalização “põe em cena” aquisições pessoais ou coletivas, tais como os saberes, os conhecimentos, as capacidades e as competências. Mais ainda, poderíamos dizer que ela reside no jogo da construção e/ou da aquisição desses elementos que permitirão, no final, dizer a respeito de alguém que ele é um profissional, ou seja, é dotado da profissionalidade “o conjunto dos conhecimentos, dos saberes, das capacidades e das competências que caracterizam sua profissão.”

Sendo assim, compreende-se a profissionalidade como um movimento de dentro para fora. É a subjetividade buscando ferramentas que tornem possível o pertencimento em uma determinada categoria. É a autoformação que se efetiva, refletindo a respeito da práxis e reelaborando saberes. Pode-se afirmar que profissionalidade – algo interno, subjetivo – é a base que ampara o profissionalismo – ações externas a que se denomina profissionalização. O conceito de profissionalidade está atrelado ao sentido de competências e habilidades que são desenvolvidas ao longo da formação profissional, configurando a identidade do docente.

A formação continuada, sendo embasada por conceitos que valorizem e humanizem o trabalho docente, servirá como fortalecimento a essa categoria, que necessita seriamente de cuidados e vínculos humanizados em seu contexto de trabalho. Prover, dentro das escolas, projetos que inspirem cuidados e oportunidades de reflexão dos docentes, em relação às suas práticas cotidianas, proporcionará momentos de bem-estar. Acredita-se que esse acolhimento reflexivo, consubstanciado com políticas públicas que minimizem os impactos do mal-estar docente, poderá reverberar em uma ação pedagógica mais eficaz diante dos educandos.

Sobretudo, se considerarmos a forma como os docentes tiveram que atuar na pandemia, a demanda exigida, necessita de pré requisitos, que não foram contemplados em momentos anteriores de formação, por isso os mesmos tiveram que massacradamente se reinventar, usando plataformas, para adaptar conteúdo para estudantes especiais entre outros aspectos que exigiram em demasia dos docentes. Nessa esteira, corroboram os autores:

A docência nos tempos de pandemia é uma docência exausta, ansiosa e preocupada. Que quer acertar, mas que avança no meio da incerteza e da adversidade – e que não tem a menor ideia do caminho. Como todos, os professores estão imersos em uma névoa e seguem através dela, buscando fazer o melhor, mas sem garantias. (SARAIVA; TRAVERSINE; LOCKMANN, 2020, p. 17).

De acordo com os autores, nesse arcabouço, se encontram os docentes cambaleantes e exercendo seus fazeres titubeando, em acertos e erros, como quem anda no escuro. Acredita-se que a formação entre pares no chão da escola poderá ser o acender das luzes para essa categoria.

3 PANORAMA DO MAL-ESTAR DOCENTE: UM OLHAR DESDE AS PESQUISAS

Neste capítulo apresenta-se uma revisão de estudos acadêmicos brasileiros sobre o mal-estar docente, com o objetivo de consubstanciar o estudo, embasando-o em pressupostos de pesquisas neste campo. Com o intuito de explanar e para que se possa ter um panorama geral, do que dizem as pesquisas, organizou-se um quadro dividido em três eixos, onde foi possível categorizar os dados encontrados, bem como as referências necessárias para identificar suas origens. Dessa forma, considerando as informações que emergiram dessas pesquisas, se estabeleceu um diálogo possível de reflexão que foi registrado, na sequência da exposição.

A sociedade atual encontra-se em transformação devido às constantes mudanças ocorridas no cenário político e social do mundo. No contexto de globalização em que a humanidade se encontra não existem limitações, nem fronteiras para o novo, para a mudança. Esse fato requer uma postura atuante que acaba tendo que desacomodar costumes, crenças ou achismos que estavam instaurados em nossa cultura. Esse movimento causa um desconcerto, forçando uma ruptura com a zona de conforto em que os sujeitos estavam acomodados.

No contexto escolar é possível perceber esse desconforto na forma de mal-estar docente, pois as mudanças que ocorreram fora dos muros da escola ecoam dentro das salas de aula. Isso porque os professores são mais exigidos, necessitando de um estofo maior de conhecimento para poderem gerenciar as situações que surgem no cotidiano escolar. No entanto, a precariedade dos recursos que são disponibilizados para que este profissional possa dar conta da demanda que lhe é exigida, bem como da carga emocional que carrega no relacionamento intra e interpessoal com a comunidade na qual está desempenhando o seu trabalho, são mínimos diante da responsabilidade do docente.

Nesse sentido, para que se possa ter uma visão mais concreta e atualizada sobre o mal-estar docente no Brasil, realizou-se uma pesquisa ao banco eletrônico da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior – CAPES. Esta é referência à comunidade acadêmica, apresentando pesquisas convalidadas e analisadas por banca. Optou-se por utilizar o seguinte descritor: mal-estar docente e educação básica. Definiu-se o período de 2015 a 2020, procurando-se assim, entrar em contato com uma produção atual de tal modo que se possa construir o diálogo e aprofundar a discussão.

Foram analisados de maneira qualitativa, os títulos, as palavras-chave e resumos das teses e dissertações, totalizando 44 produções. Após análise, foram selecionadas 04 teses e 22 dissertações. Considerou-se na análise dos dados, o contexto da pesquisa, os objetivos da pesquisa, a metodologia e resultados.

No que se refere ao aspecto temporal, essa análise evidenciou que 2017 é o ano em que se concentram o maior número de produções (oito), seguido por 2016 e 2018 (cinco), 2019 (quatro) e 2015 (quatro).

Quanto à abordagem, constatou-se que 23 pesquisas eram de cunho qualitativo e 03 quali-quantitativas, considerando-se que foram utilizados instrumentos para produção de dados como entrevistas, análise de prontuários médicos, observação e grupos de discussão.

Em relação aos principais objetivos das pesquisas, destacam-se os seguintes: analisar amplamente a questão, a fim de construir alternativas para transformação de “mal-estar” em “bem-estar” do exercício da profissão docente; compreender o processo de constituição da identidade docente das professoras colaboradoras ao longo do tempo, levantando indícios de desenvolvimento profissional e dos impactos das políticas públicas educacionais no exercício da docência; compreender o mal-estar docente, no contexto das relações internas da escola, para pensar estratégias que visem à superação do problema; analisar o discurso de docentes que lecionam no ensino fundamental sobre as dificuldades, os entraves com os quais lidam em sua atuação profissional e o modo como encaram as situações.

Esses objetivos direcionam para desvelar as causas do mal-estar docente, bem como compreender de que maneira os professores são impactados em suas práxis e saúde. O quadro 1, a seguir, apresenta a categorização dos fatores que provocam o mal-estar docente, por eixo temático, evidenciados na análise das dissertações e teses pesquisadas.

Quadro 1 – Categorização dos fatores que provocam o mal-estar docente

Eixo Temático	Fatores	Autor/Ano
Política Educacional e a Instituição Escolar	Tarefas burocráticas; Inexistência de leis específicas a higiene do trabalho docente; Precarização do trabalho; Avaliações externas; Baixos salários; Variações do papel do professor; Inclusão; Exclusão dos professores readaptados; Desvalorização da profissão.	MONTEZUMA, Luci Fátima (2016) SILVA, Ailton S. da (2017) NERY, Gabriela R. (2016) MUNIZ, Gardenia O. (2018) FERREIRA, Gisele N. (2017) MEIRELES, Janaína B. (2019) OLIVEIRA, Michele F. (2015) OLIVEIRA, Sienne C. (2016) TOLFO, Silvia R.B. (2017)
Condições de Trabalho Docente	Exaustiva jornada de trabalho; Violência escolar; Falta de perspectiva do futuro; Imposições da direção; Falta de autonomia; Desmotivação dos alunos e famílias; Falta de autoridade; Situações de insatisfação; Dificuldade em adaptar o conteúdo à realidade do aluno; Falta de identidade docente;	RODRIGUES, Ana Paula (2015) PEREIRA, Antônio Igo B. (2016) COSTA, Cleytom G. da (2018) GREGORIM, Cristiane P. (2016) COSTA, Diana P. (2019) ROCHA, Érika S. (2017) MOMBACH, Lauri A. (2015) CARVALHO, Márcio H. de (2015)

	Falta de coletividade.	
Saúde e Trabalho	Depressão; Síndrome de Burnout; Doenças ocupacionais; Exaustão emocional; Trabalho em sala de aula desencadeando problemas mentais; Medicalização.	PEREIRA, Juliana Martins. (2017) DEBASTIANI, Valdemir José. (2017) POLTRONIERI, Cristiane N. G. (2018) PENA, Davi P. (2017) SANTIAGO, Jonatas S. (2019) SILVEIRA Valéria da S. (2019) SOARES, Manoel Messias F. (2018) CAETANO, Letícia Farias (2017) LEITE, Natália Costa (2018)

Fonte: Produzido pela pesquisadora, 2021.

3.1 Eixos Temáticos

Considerando-se a tônica da íntegra das pesquisas selecionadas, optou-se por dividi-las em eixos temáticos, expondo de forma contextualizada, a trajetória que os pesquisadores que antecederam a este trabalho trilharam. Em cada eixo temático são apresentados os objetivos, a metodologia, o campo empírico, os sujeitos, bem como os resultados das pesquisas selecionadas.

3.1.1 Política Educacional e Instituição Escolar

As nove pesquisas que compõem este eixo lançam reflexões sobre como o docente desempenha sua profissionalidade no interior do espaço escolar, considerando-se a medida de respaldo que alcança dentro das políticas educacionais e da instituição escolar. Nesse sentido, este eixo está composto por dados de pesquisas que retomam a prática docente, abordando as limitações e possíveis negligências sofridas pelos professores que atuam na educação básica e vivenciam o mal-estar docente.

A pesquisa de Montezuma (2016) teve como objetivo compreender o processo de constituição da identidade docente das professoras colaboradoras ao longo do tempo, bem como levantar indícios de desenvolvimento profissional e dos impactos das políticas públicas educacionais no exercício da docência. Participaram dessa pesquisa 13 professoras de cinco escolas, que faziam parte do SARESP – Sistema de Avaliação e Rendimento Escolar do Estado de São Paulo. O estudo foi desenvolvido tomando as narrativas autobiográficas escritas e/ou orais. Conforme a autora, observa-se que as professoras colaboradoras vivem em contextos com significativas mudanças educacionais, políticas e sociais, que marcaram a trajetória de suas vidas e das expectativas que têm com relação à educação. Através da análise das narrativas autobiográficas, Montezuma (2016, p. 300) destaca: “[...] que as professoras

acreditam na escola pública e até por isto se preocupam com a retomada na valorização da carreira profissional docente.” Complementando, a pesquisadora aponta:

[...] os estudos sinalizam o desconforto das professoras frente à precarização profissional sentida no trabalho docente, o desconforto com os processos avaliativos, tanto do desempenho da escola, quanto dos educadores, o que as deixa com receio sobre como será o destino desta categoria no futuro e, algumas vezes, até com um certo mal-estar docente. (MONTEZUMA, 2016, p. 303).

Os estudos realizados por Silva (2017) objetivaram identificar quais as estratégias usadas pelos professores a fim de suportar o mal-estar na docência, analisar os níveis de autoestima, autorrealização e as perspectivas de bem-estar, bem como, identificar e analisar os indicadores de bem-estar baseados em aspectos positivos e negativos. A pesquisa foi realizada em uma escola municipal de Panambi/RS. Os sujeitos participantes foram 24 professoras dos anos iniciais. A metodologia utilizada foi o estudo de caso, a abordagem é de natureza qualitativa e quantitativa, tendo como base de investigação o empirismo. A produção de dados foi através de questionário, com questões abertas, observação, pesquisa bibliográfica e pesquisa documental. Conforme Silva (2017, p. 72): “O ‘excesso de trabalho’ aliado à ‘ausência dos pais na escola’ foram citados como ponto dificultadores na relação professor-trabalho, professor-aluno contribuindo para desmotivação e a fragilidade nas relações”. O autor aponta o papel muitas vezes determinante dos gestores da instituição de ensino, os quais devem compreender que os professores com pouca experiência necessitam ter seus trabalhos “notados”, “percebidos”, principalmente pela equipe diretiva e pelos próprios pais. O pesquisador destaca:

A desvalorização profissional, baixos salários, sobrecarga de trabalho, variações no papel do professor, falta de apoio da família, indisciplina dos alunos [...] podem acarretar sintomas físicos, emocionais ao professor, provocando frustração, diminuição da autoestima, esgotamento, estresse, depressão, baixa motivação. (SILVA, 2017, p. 76).

Nery (2016) realizou sua pesquisa com o propósito de identificar e analisar motivações e expectativas de professores de Química do ensino médio no que se refere a aspectos que motivam ou não a permanência desses docentes no exercício de sua profissão. O estudo aconteceu em cinco escolas estaduais de São Paulo, tendo oito professores como sujeitos da pesquisa. Trata-se de pesquisa exploratória, utilizando um questionário para a coleta de dados. O autor constatou:

Fatores como falta de recursos materiais, de condições de trabalho, baixos salários, desvalorização profissional, carga horária excessiva, ausência de família no apoio e acompanhamento dos educandos, falta de limites dos alunos, violência e falta de segurança são abordados como desencadeadores do mal-estar docente. (NERY, 2016, p. 68).

A seguir, outro fato relevante que emergiu da pesquisa:

É que as dificuldades em exercer a docência foram relacionadas pelos professores como sendo: a indisciplina dos alunos, a desorganização da estrutura escolar, a desvalorização do professor, a falta de pré-requisitos dos alunos, o desinteresse do aluno, as mudanças de conteúdos, a falta de apoio familiar, bem como o desencanto com a profissão. (NERY, 2016 p. 69).

Complementando, o pesquisado enfatiza:

Referente à carreira o desafio de superar este fator desencadeador de mal-estar é grande uma vez que o governo paulista atribui aos professores um plano de carreira impossível de ser atingido plenamente e que não transfigura em valorização profissional, neste sentido a mobilização dos professores para melhoria salarial e de condições de trabalho têm sido frequente, no entanto, apesar de todo o desgaste as demandas dos professores não têm sido atendidas. (NERY, 2016, p. 69).

No estudo de Muniz (2018), o objetivo principal foi compreender como os professores de ciências vivenciam e permanecem em sua profissão, ao apresentarem, dentre as manifestações do mal-estar, o seu adoecimento no caminhar junto à profissão docente. A pesquisa foi pautada em abordagem qualitativa, realizada com docentes de escolas estaduais e municipais da cidade de Jequié-BA. O processo metodológico constituiu-se mediante a história de vida dos professores, numa perspectiva autobiográfica. A autora constatou que o contexto educativo influencia diretamente no processo do mal-estar na escola, afirmando o seguinte:

O encontro com a docência contribuiu, de certa forma, com o desejo de permanecer e que os diversos fatores (indisciplina, precárias condições de trabalho, carga horária excessiva, realidade diferenciada da sua formação, entre outros) acarretam o mal-estar docente, contudo, alguns não manifestam o adoecimento, outros desenvolvem algumas enfermidades, chegando a necessitar de um afastamento do trabalho para superar tal situação. (MUNIZ, 2018, p. 111).

Neste estudo foi apontado: “Os professores estão imersos em muitos dilemas no espaço de trabalho e são apontados, pela sociedade, pelo poder público e pela comunidade escolar, como os maiores responsáveis em resolver os problemas da educação” (MUNIZ, 2018, p. 112).

Ferreira (2017) em sua dissertação, teve como objetivo investigar se após o processo da readaptação funcional dos professores do ensino fundamental I e II há um desencanto com

a profissão e uma conseqüente desconstrução da identidade profissional. O método empregado foi a pesquisa básica de caráter exploratório e descritivo, de abordagem qualitativa, realizada na rede municipal de ensino de um município do litoral norte paulista. A amostra deste estudo se compôs por doze professores readaptados permanentemente. A coleta de dados foi realizada por meio da técnica de questionário semiestruturado. O estudo apontou que “o processo que se inicia com o mal-estar, passando pelo adoecimento e culminando na situação de readaptado, impacta diretamente a identidade profissional destes docentes, levando ao desejo de deixar a profissão” (FERREIRA, 2017, p. 107).

O autor, inferiu que:

Nessa pesquisa, por meio de um panorama das atuais condições de trabalho e saúde dos professores, observou-se que os processos de flexibilização e precarização das condições e relações de trabalho docente são alguns dos elementos que provocam o fenômeno da readaptação. (FERREIRA, 2017, p. 107).

Ainda de acordo com Ferreira (2017, p. 107):

[...] é necessário considerar o mal-estar docente em suas mais amplas dimensões. O professor readaptado sente-se sobrecarregado e fragilizado incompetente, de maneira consciente ou inconsciente e afasta-se de suas funções por meio de licenças médicas e readaptação sob o estigma da doença psíquica ou física.

Meireles (2019) desenvolveu sua pesquisa na Região Sul do Rio Grande do Sul, com uma abordagem qualitativa, utilizando a análise de discurso nos relatos das professoras, extraídos de entrevistas semiestruturadas. Foram entrevistadas dezoito professoras de nove escolas de educação infantil, em nove cidades. O objetivo principal foi analisar como a sobrecarga de trabalho impacta na saúde das professoras de educação infantil. Ficou evidenciado que

[...] precárias condições de trabalho nas escolas, as extensas jornadas, remuneração insuficiente, além das altas demandas familiares, pelas quais as mulheres são as principais, senão as únicas responsáveis, levam essas professoras a realizarem um alto esforço, tanto físico como mental, acarretando uma enorme sobrecarga de trabalho[...] (MEIRELES, 2019, p. 5).

O estudo apontou:

O cansaço físico das professoras que atuam na Educação Infantil é ainda mais acentuado, pois o trabalho com crianças menores exige muita desenvoltura física e equilíbrio emocional, além de movimentos repetitivos e posições incomodas no decorrer do dia. Isso exige das professoras uma alta demanda física e psicológica no seu trabalho profissional. (MEIRELES, 2019, p. 56).

Michele Oliveira (2015) realizou sua pesquisa com o seguinte objetivo: analisar como têm sido apresentadas as discussões sobre trabalho e saúde docente em pesquisas realizadas na área da educação, apresentadas e divulgadas nas produções acadêmicas da área (revistas classificadas pela CAPES em A1 e trabalhos publicados na ANPED), produzidas no período de 2004 a 2014. A pesquisa se caracteriza como bibliográfica e se estruturou por meio de uma abordagem qualitativa. A autora constatou que “[...] os dados demonstram um alto número de professores e casos de adoecimento através de dados estatísticos e uma grande quantidade de professores com licenças e atestados médicos por questões de doença” (OLIVEIRA, 2015, p. 94). A pesquisadora cita:

Os autores dialogam com intensidade nas questões sobre a precarização do trabalho, nos baixos salários, na intensificação do trabalho docente, nos problemas relacionados a gestão, nas condições estruturais e reservam um parágrafo para apresentar que essas condições prejudicam a saúde do professor. (OLIVEIRA, 2015, p. 94).

E Michele Oliveira (2015, p. 96) acrescenta:

[...] houve avanços teóricos no que diz respeito à discussão sobre saúde e trabalho docente entre os pesquisadores no campo da Educação no Brasil, que passaram a analisar as condições de trabalho, os enfrentamentos dos docentes ante a sua realidade e não apenas as patologias ou os possíveis adoecimentos.

Já Sienne Oliveira (2016) teve como objetivo principal em sua pesquisa, analisar as causas do mal-estar docente do professor da rede pública de ensino da cidade de Manaus, relacionando-as à responsabilidade estatal. Utilizou-se da pesquisa teórico-bibliográfica, consolidando-se com a pesquisa quali-quantitativa, fazendo uso do conhecimento bibliográfico. Ficou evidenciado, nesta pesquisa, que: “O meio ambiente laboral dos professores da rede estadual de ensino no estado do Amazonas é inadequado, logo um bem jurídico está sendo lesado e o Poder Público está inerte, pois o descaso é histórico” (OLIVEIRA, 2016, p. 190). Além disso, a pesquisa demonstrou:

[...] Falta de material de apoio didático-pedagógico, há superlotação das salas, ritmo acelerado de trabalho, a sala de aula tem má circulação de ar, e 80% deles trabalham muito tempo em pé, e não há uma modernização tecnológica que atenda as necessidades do professor e do aluno. (OLIVEIRA, 2016, p. 191).

Ficou constatado:

Na questão salarial houve um percentual de 100,0% de insatisfação, ou seja, descontentamento geral dos professores pesquisados. Também há baixo investimento na educação continuada do docente, e 40% dos professores afirmam que são desvalorizados. (OLIVEIRA, 2016, p. 191).

A autora infere que:

A lei no Direito ambiental é clara no que concerne a reparação por danos ambientais, se não tem higidez no meio ambiente do trabalho pelo não cumprimento dos dispositivos legais referente a garantia à vida, à saúde e ao bem estar do trabalhador por parte dos empregadores, o Poder Público deve ser responsabilizado por isso, seu ato comissivo ou omissivo traz consequências diretas aos lesionados e indireta a própria sociedade, pois alguém precisa pagar (ônus) literalmente pelo erro. (OLIVEIRA, 2016, p. 194).

Tolfo (2017) objetivou compreender como as formas de desenvolvimento do trabalho escolar podem ser orientadas a partir das demandas geradas pelas situações de mal-estar vividas pelos professores, no âmbito de uma escola pública de educação básica do município de Santa Maria/RS. Este estudo é qualitativo e utilizou como instrumentos de coleta de informações entrevistas semiestruturadas, realizadas com dez participantes, e um diário de campo. A autora cita que:

Situações de mal-estar evidenciadas na escola investigada interferem no desenvolvimento do trabalho escolar, refletindo sobremaneira a ação docente, verificou-se que o mesmo é intensificado pela ausência de diálogo e partilha de experiências pelos professores. (TOLFO, 2017, p. 126).

A pesquisa apresenta os principais intensificadores do mal-estar docente:

Precariedade das condições de trabalho: infraestrutura, falta de recursos materiais e humanos; - Fragilidade das relações interpessoais (coletividade x competitividade); - Desvalorização social e salarial dos professores; - Falta de momentos para discussão e de maior acompanhamento pedagógico; - Ausência de diálogo; - Repasse da responsabilidade das famílias para os professores. (TOLFO, 2017, p. 122).

Finalizando a análise do eixo 1, apontam-se os resultados das pesquisas que mais se associam ao problema do presente estudo. Assim, destacam-se: a sobrecarga de trabalho, as variações no papel do professor, a negligência da família, desvalorização salarial, a precarização do trabalho e a falta de promoção de higidez no ambiente de trabalho (OLIVEIRA, 2015; MONTEZUMA, 2016; NERY, 2016; SILVA, 2017; OLIVEIRA, 2017; TOLFO, 2017). Compreende-se que esses indicadores são importantes reveladores da difícil realidade dos profissionais da educação, corroborando com a reflexão sobre a forma como a estrutura educacional está organizada. Essa organização contribui para que o profissional da

educação tenha que desenvolver suas funções sob condições inadequadas, não contemplando suas necessidades, muito menos as dos educandos.

3.1.2 Condição de Trabalho Docente

As condições de trabalho do professor estão atreladas ao ambiente físico da escola e às relações entre os pares, com os alunos, com as famílias dos mesmos e com a direção, entre outros. São fatores que exigem várias atribuições desse profissional, gerando estresse e desencanto com a profissão. Por isso, os oito estudos que compõem esta temática versam a respeito das peculiaridades que atravessam a prática docente.

A dissertação apresentada por Rodrigues (2015) teve como objetivo compreender o processo do mal-estar docente no contexto escolar, a partir das percepções dos professores. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utilizou quinze questionários e duas entrevistas, ambos semiestruturados. A investigação ocorreu em duas escolas estaduais de ensino fundamental de Sorocaba/SP. Os resultados apontaram “[...] que a ausência das interações mais duradouras, das parcerias e do trabalho coletivo, favorecem o isolamento do professor e geram dificuldades que podem provocar o mal-estar docente” (RODRIGUES, 2015, p. 65).

A autora destaca:

As aulas e demais atividades que a compõem, como o planejamento das mesmas, o preparo e correção das avaliações de verificação da aprendizagem, o acompanhamento e estratégias diversificadas às dificuldades de aprendizagem dos seus alunos, podemos perceber a sobrecarga do trabalho docente. (RODRIGUES, 2015, p. 66).

Além disso, afirma que

[...] a superlotação de alunos em uma sala de aula pode acarretar ao trabalho dos professores dificuldades metodológicas até para se fazer ouvir, sentindo-se no final da aula, exaustos, muitas vezes insatisfeitos e frustrados por não ter sido possível alcançar os objetivos esperados com a turma. (RODRIGUES, 2015, p. 67).

A tese de Pereira (2016) objetivou investigar as ligações existentes entre desautorização e violência escolar contra o professor, em uma instituição de educação básica, e identificar seus possíveis efeitos no trabalho docente. Trata-se de uma pesquisa quanti-qualitativa e delineou-se como exploratória, com formato de estudo de caso, realizada em uma escola pública estadual de ensino médio da cidade de Rio Branco (AC). Os sujeitos investigados foram 35 professores e 106 alunos. O estudo mostra “[...] que os professores se

queixaram de que, sem autoridade, se convertem em alvos de humilhação e violência dos alunos, e por isso se sentem inseguros e com medo, nas escolas onde trabalham” (PEREIRA, 2016, p. 236).

Conforme Pereira (2016, p. 237):

Os professores, relataram que impossibilitados de se proteger adequadamente e sem poder contar com o apoio da família, da justiça, ou mesmo do sistema educacional, encaminham os casos de violência, dos triviais aos mais graves, à coordenação ou à direção da escola para que providências sejam tomadas, ou, a depender da situação, recorrem à intervenção da polícia, como nos caso de brigas generalizadas, de porte de armas ou drogas e de tentativas de assassinato.

A autora complementa:

A precarização do magistério e o descaso com a educação também ficam evidentes quando mencionaram a extensa jornada de trabalho que precisam cumprir diariamente, o pouco tempo de que dispõem para preparar as aulas, a rotina estressante e desgastante que enfrentam, a escassez de materiais e equipamentos das escolas, a ineficiência do apoio pedagógico, a ausência da família e a grande pressão que sofrem para atingir as metas de aprovações e médias dos alunos impostas pelo sistema educacional. (PEREIRA, 2016, p. 238).

A dissertação de Costa (2018) teve como objetivo analisar a situação do mal-estar docente em professores do ensino médio na cidade de Teresina, no estado do Piauí. Fora empregada a abordagem de método misto sequencial explanatório, uso de técnicas quantitativas como suporte à vertente qualitativa. Ficou evidenciado que “[...] existe um grupo considerável de professores que necessita de atenção e cuidados por estarem em situação de vulnerabilidade no que diz respeito ao adoecimento ou agravamento de seu estado” (COSTA, 2018, p. 68). O pesquisador indica que “acerca dos condicionantes do mal-estar docente, foi verificada uma concentração de fatores relacionados à carga horária laboral e às possíveis deficiências estruturais e organizacionais da escola pública.” (COSTA, 2018, p. 68). E ainda enfatiza “[...] a necessidade de combater a naturalização de condições negativas ao serviço docente” (COSTA, 2018, p. 69).

A pesquisa de Gregorin (2016) procurou compreender o mal-estar docente no contexto das relações internas à escola, para pensar estratégias que visem à superação do problema. A investigação foi de cunho qualitativo e envolveu relatos das histórias orais de vida, temática de cinco professores de uma escola da zona leste de São Paulo. Ficou entendido o mal-estar docente como fenômeno que antecede às doenças que levam ao afastamento de profissionais. São aqueles incômodos que os professores sentem, mas não conseguem – sem uma análise mais aprofundada – perceber o que exatamente os está incomodando (GREGORIN, 2016).

O autor observou:

A dificuldade do professor em relacionar-se de maneira satisfatória com a família dos alunos, ou ao contrário, da família relacionar-se satisfatoriamente com a escola, tem sido um ponto crucial na questão do mal-estar docente, pois todos os entrevistados narraram que, na sociedade contemporânea, a família não tem colaborado com as questões que envolvem a aprendizagem dos alunos. (GREGORIN, 2016, p. 149).

Nesse sentido, Gregorin infere:

Os estudos indicam a necessária articulação entre categorias ‘família e autoridade’, sendo que, se a família tem perdido sua autoridade, seus filhos, na escola, como alunos, podem reconhecer no professor uma autoridade que não enxerga em seus pais ou responsáveis? (GREGORIN, 2016, p. 150).

Nos estudos de Costa (2019), buscou-se compreender as representações sociais de professores de uma escola da Zona Leste do município de São Paulo, em situação de vulnerabilidade socioeconômica, sobre ser docente, com o propósito de investigar estratégias de resiliência e resistência elaboradas por eles. Como metodologia foi realizada revisão de literatura, busca da etimologia das palavras “resistência” e “resiliência” nas ciências da natureza e sessões de grupo focal, procedeu-se à sistematização dos dados de acordo com os métodos de análise de conteúdo. A autora constatou que “a partir dos grupos focais, pôde-se inferir que os professores se sentem desmotivados e desvalorizados, pois entendem que os alunos não estão interessados em aprender os conteúdos propostos.” (COSTA, 2019, p. 71). E afirma:

Afastando de uma perspectiva de culpabilização do professor, é que formar, rever, repensar, compreender e discutir a subjetividade docente, pode contribuir para diminuir a angústia e o sofrimento, pois, conhecendo as expectativas acerca da profissão e de sua atuação, os docentes poderão lidar melhor com as situações cotidianas. (COSTA, 2019, p. 72).

A autora, com bases nos resultados da pesquisa, propõe:

[...] o desenvolvimento de oficinas de caráter psicossocial com o intuito de trabalhar com os professores as noções de bem-estar e mal-estar docente, bem como suas causas e condicionantes socioculturais, em especial em contextos de vulnerabilidade social. (COSTA, 2019, p. 72).

A dissertação de Rocha (2017) teve como objetivo discutir as reverberações trazidas pelo fenômeno intitulado como mal-estar docente na constituição da subjetividade do professor, à luz dos escritos da Psicologia Histórico-Cultural. O estudo é de natureza

qualitativa explicativa e teve como campo empírico os espaços de formação continuada de Fortaleza. Os procedimentos de pesquisa foram: revisão bibliográfica, aplicação de questionários e análise de dados. O instrumento utilizado foi a Symptom Checklist-90-Revised (SCL-90-R), que se configura como uma escala psicológica, designada como Inventário Multidimensional de Indicadores de Aspectos Psicopatológicos. Os sujeitos da pesquisa foram vinte professoras da educação infantil que participaram das atividades de formação promovidas pela prefeitura. O estudo aponta:

A maioria dos professores analisados possui ensino superior e desempenha trabalhos externos à escola, com o objetivo de complementação de renda. Os dados encontrados aqui aparecem como alarmantes, pois denunciam os baixos salários aos quais os docentes são submetidos. (ROCHA, 2017, p. 72).

Na pesquisa ficou evidenciado que os “[...] sintomas que surgiram nas professoras foram os que denotam sinais somatizadores, depressivos, obsessivos compulsivos, ansiosos e dificuldades nas habilidades interpessoais” (ROCHA, 2017, p. 75).

Rocha constatou:

O que se apresenta junto aos professores não é um mal-estar difuso, são doenças psíquicas já catalogadas pelos manuais de transtornos mentais e que associadas às condições desses sujeitos encontram um terreno fértil a sua instalação, tendo em vista que os professores estão inseridos em políticas educacionais que buscam atender principalmente as demandas trazidas pelo capital. (ROCHA, 2017, p. 77).

A pesquisa realizada por Carvalho (2015) teve como objetivo principal compreender como os professores lidam com o conflito, a percepção que eles têm do seu contexto e as formas por eles encontradas de mediar seu sofrimento. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três professoras em exercício da docência da Secretaria de Educação do Distrito Federal, pautadas nas trajetórias de vida das personagens, sob a ótica da Sociologia Clínica e com contribuições da Psicodinâmica do Trabalho.

O estudo apresenta que:

Tem-se uma conjuntura e estrutura que aliena e despersonaliza ao máximo seus trabalhadores; que faz com que eles não tenham nem a necessidade de se olharem em seu ambiente de trabalho, se esse for seu desejo; que os coloca (teoricamente) em um estrato social mais elevado, de servidor público de nível superior concursado. (CARVALHO, 2015, p. 102).

Além disso, pesquisador salienta: “A profissão de professor ainda vive a idealização do romantismo, que o docente é detentor de um conhecimento mais elevado e que por isso

seria tratado melhor, mas o que se tem na realidade é uma categoria que está sendo relegada ao proletariado” (CARVALHO, 2015, p. 103).

O trabalho apresentado por Mombach (2015) objetivou analisar possíveis relações entre a espiritualidade e o trabalho docente. A pesquisa é de cunho qualitativo e como metodologia foi realizada observação participativa, entrevista individual com questões abertas. A gestão escolar pode criar espaços de acolhida dentro da escola para que cada sujeito se sinta bem e possa viver com intensidade sua vida. A espiritualidade é um caminho que pode ajudar e tem ajudado, como vimos na pesquisa, a muitos professores no exercício de sua profissão. Não é possível padronizar o caminho, até porque existem muitos modos de se viver a espiritualidade, porém, é importante criar espaços para dar vazão a essa dimensão humana. É importante que todos se sintam acolhidos nesses processos (MOMBACH, 2015).

O eixo dois aponta questões que corroboram com o escopo do presente estudo. Entre os resultados destacam-se: violência escolar, excesso de carga horária laboral, indisciplina, desmotivação da família e identidade docente (RODRIGUES, 2015; GREGORIN, 2016; ROCHA, 2017; COSTA, 2018; COSTA, 2019). Ao escrutinar esses dados, pode-se inferir que o mal-estar docente é recorrente e está ganhando força. A responsabilização e atividades a que os professores estão sendo exigidos engatilham situações que despersonalizam a atividade do docente. Esse fato ocasiona o enfraquecimento profissional, reduzindo a atividade intelectual e aumentando o desencanto pela profissão.

3.1.3 Saúde e Trabalho

Os resultados das nove pesquisas apresentadas a seguir, afluem em relação ao mal-estar docente e seus impactos na saúde do professor. O alto teor de exigências em relação às competências e habilidades dos professores, para que tenham excelência em sua prática, é apontado pelos estudos como sendo o principal determinante que prejudica a saúde do professor.

A tese apresentada por Pereira (2017) objetivou analisar a coerção da instituição escolar que ocorre em diferentes direções, entre governo do estado, equipe escolar, alunos e comunidade e as percepções de professores que lecionam no ensino médio, sobre a violência que permeia esse contexto. Os sujeitos da pesquisa foram um grupo de professores da área de linguagens e seus códigos, estabelecida pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC) – sete professores de Português, três de Inglês, dois de Arte e três de Educação Física. Esses docentes atuam em escolas da região centro-oeste paulista. Caracteriza-se como um estudo de

natureza qualitativa, cuja abordagem é a história do tempo. A técnica para coleta de dados – entrevista em grupo ou grupo focal – consistiu na gravação das reuniões, que foram filmadas e posteriormente transcritas, textualizadas e analisadas à luz da literatura sobre o tema. Pereira (2017, p. 158) aponta que “[...] os participantes evidenciaram que suas jornadas de trabalho são intensas, que atendem um número elevado de alunos por turma, que se ressentem de tempo e espaço adequados para conversar com os colegas e planejar atividades diferenciadas.” Outro fato importante:

Mais da metade dos professores participantes afirmou ter desenvolvido alguma patologia desde que ingressou na carreira, assim, acreditamos que o mal-estar docente está atrelado aos compromissos intrínsecos ao cotidiano profissional na escola, nesse sentido, é inevitável. (PEREIRA, 2017, p. 160).

O autor relata que os educadores, em sua jornada de trabalho exaustiva, não sentem vontade para se atualizar.

A dissertação de Debastiani (2017) teve como objetivo analisar as condições de trabalho dos docentes e estabelecer relações destes com o seu mal-estar, referendado pela teoria marxista da alienação com vistas para sua emancipação. A investigação é de cunho bibliográfico, natureza teórica, com enfoque qualitativo. Foi analisada a categoria do trabalho na perspectiva de Karl Marx – é pelo trabalho que o homem transforma a natureza, pela necessidade de sobrevivência, ao passo que neste ato se transforma e se humaniza. Daí que a compreensão do estresse docente e a síndrome de burnout não são naturais e intrínsecos no exercício da profissão – existe uma causa. O pesquisador profere “que as condições objetivas do trabalho ajudam a explicar o adoecimento do docente e não mais pelas explicações simplistas das consequências naturais ou de anormalidades (o que podem acontecer, mas necessitam de melhores investigações)”. (DEBASTIANI, 2017, p. 91).

O autor apontou estratégias para humanizar o trabalho docente:

Realização de formação no sentido de melhorar os ambientes de trabalho (administração de conflitos) e também para orientação, para que os educadores desenvolvam o cuidado de si como pessoas humanas e que transformem o trabalho em fonte de vida e realização profissional. (DEBASTIANI, 2017, p. 92).

Nesse mesmo sentido, acrescenta:

Desenvolver atividades e processos formativos que atendam à saúde mental do professor [...] em meio a situações de alienação e estresse necessita-se que se apresentem contra propostas com vistas à emancipação do trabalhador docente. Se existe situações que dificultam o exercício do trabalho docente ideal, os elementos

de superação serão encontrados na mesma sociedade que os produziu (DEBASTIANI, 2017, p. 92).

A dissertação de Poltronieri (2018) foi realizada com os objetivos de identificar, analisar e compreender as percepções dos docentes de Ciências Naturais e Matemática sobre o mal-estar docente. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, documental e de campo, cujos dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas aplicadas a uma amostra de quatro professores de Ciências Naturais e Matemática, do ensino médio de Escolas Estaduais do Município de Barra do Bugres/MT. Os resultados indicam categorias que descrevem as causas do mal-estar docente, a partir das percepções dos professores entrevistados, tais como: indisciplina; carga-horária excessiva; baixa remuneração; uso inadequado da tecnologia; falta de interesse, estrutura inadequada e inquietações. Os resultados da pesquisa de campo foram complementados pelos documentos analisados, onde foram encontrados situações-problema que demonstram índices de adversidades na saúde ocupacional docente.

A pesquisa de Pena (2017) teve como objetivo descrever e analisar a percepção de saúde na trajetória profissional de professores readaptados. A amostra pesquisada foi composta por professores de ambos os sexos, que estavam readaptados há mais de um ano, em escolas públicas de São Paulo/SP. Os instrumentos utilizados foram entrevista com perguntas norteadoras e um questionário de identificação dos participantes. O autor constatou que: “A ausência do trabalho em sala de aula acaba por perturbar a identidade dos professores. [...] o professor que se readaptou deixa a classe duas vezes: a primeira é a sua própria sala de aula e a segunda é a classe de ser professor, a categoria” (PENA, 2017, p. 50). E mais: “[...] questões relacionadas à falta de respeito com a figura do professor, a violência em sala de aula e descaso do Estado com a categoria” (PENA, 2017, p. 50). O estudo apontou que “[...] os poucos recursos, ou a falta deles, limitam a preparação das aulas e pode influenciar negativamente os resultados do aprendizado, levando os professores a questionarem sua competência profissional” (PENA, 2017, p. 50). Em síntese, Pena (2017, p. 51) conclui:

A tendência dos professores em buscar alternativas individuais para o enfrentamento do mal-estar presente no ambiente profissional, o trabalho do grupo de professores com a equipe dirigente e com a comunidade escolar não são assinalados com o devido destaque, como alternativa para a promoção de saúde. (PENA, 2017, p. 51).

Santiago (2019) em sua dissertação, objetivou discutir sobre causas que aprofundam o mal-estar docente numa escola em tempo integral e seus reflexos no processo de construção da identidade e da professoralidade do professor, com vistas a uma Educação Emocional. Os

sujeitos da pesquisa foram sete professores do Colégio Estadual Yeda Barradas, em Feira de Santana/BA. É uma pesquisa qualitativa de caráter colaborativo, com metodologia etnográfica. Para a produção de dados foi organizado um grupo de discussão. Santiago concluiu que o grupo é fragilizado e, algumas vezes, despreparado emocionalmente para atuar em um programa que amplia as ações didático-pedagógicas e pessoais do professor, visto que não há uma formação para esse sujeito e a escola não dispõe de infraestrutura física, econômica e didática para a realização das diversas ações do referido programa.

O autor destaca:

Que reconhece que o papel do educador nesta sociedade de valores voláteis e fugazes será sempre inconcluso, cabendo uma atitude de constante reconstrução, já que nunca estará acabado nem será o mais exato e preciso profissional possível. É sempre salutar aprender. (SANTIAGO, 2019, p. 86).

E acrescenta:

Para as possibilidades de alcançar um bem-estar docente com o desenvolvimento de competências emocionais como mecanismo de enfrentamento das diversas demandas oriundas da escola pública que se quer de qualidade para os nossos filhos e gerações vindouras. (SANTIAGO, 2019, p. 86).

Silveira (2019) teve como principal objetivo, em sua pesquisa, estudar a docência a partir dos ciclos da vida profissional, considerando os discursos docentes e os sentidos de docência que neles reverberam. Buscou identificar – nos dizeres das interlocutoras da pesquisa a respeito de seus modos e estratégias de permanência na escola – sentidos ligados à constituição das identidades docentes que possibilitem compreender o fazer docente ao longo do tempo de sua constituição. Esta pesquisa é de caráter qualitativo e para produção dos dados realizou conversa informal e grupo focal. Os sujeitos da investigação foram quatro professoras da educação básica, de uma escola da rede pública municipal localizada em cidade do litoral norte do Rio Grande do Sul. A autora destaca que no discurso docente ressoam sentidos que indicam oscilação da posição-sujeito docente entre a resistência e o esgotamento, o desafio, a culpa e a inflação/terceirização de tarefas, também reverberando efeitos de sentido de docência autônomo-afetiva e amor pela profissão.

Soares (2018), em sua dissertação, objetivou analisar as queixas sobre os fatores que têm provocado o sofrimento psicológico nos professores, presentes nos prontuários médicos/psiquiátricos daqueles que buscaram tratamento no Hospital de Saúde Mental do Acre – HOSMAC, no município de Rio Branco/AC, no período de 2003 a 2018, que podem ter causado o adoecimento desses profissionais. No processo de investigação foi utilizada a

abordagem qualitativa. A coleta e a análise dos dados foram realizadas em uma perspectiva interdisciplinar, sendo pautada por uma interação flexível entre documento/objeto de estudo e os conhecimentos teóricos e metodológicos que nortearam a pesquisa. O autor destaca:

Que os principais fatores determinantes para o mal-estar, sofrimento e adoecimento são a reorganização do trabalho nas instituições educacionais que têm levado a uma intensificação das atribuições docentes, gerando manifestações de sofrimento que evidenciam e ensejam o adoecimento. (SOARES, 2018, p. 101).

Soares identificou os fatores explicitados por meio das queixas/falas das professoras, presentes nos prontuários psiquiátricos, e a literatura que estuda o mal-estar causado em virtude das atividades profissionais nos contextos sociais contemporâneos.

O autor auferiu:

O trabalho docente no momento contemporâneo envolve responsabilidades e atividades pedagógicas, que não estão restritas ao espaço escolar e à regência da sala de aula. As docentes são submetidas a mecanismos de controle implementados pelo sistema gestor, em busca de maiores resultados com eficácia e mais importante, com redução de gastos. (SOARES, 2018, p. 101).

Importante ressaltar que “[...] os dados apurados nesta pesquisa podem desassossegurar as autoridades para que se organizem e invistam recursos que efetivem políticas públicas que minimizem o sofrimento de professores, para que possam gerir uma educação de qualidade” (SOARES, 2018, p. 103).

A dissertação de Caetano (2017) objetivou investigar o discurso do mal-estar docente produzido no *Facebook* e como este vem incidindo nos modos de ser e exercer a docência na contemporaneidade. Para isso, apoiou-se nos estudos pós-estruturalistas e em alguns conceitos-ferramentas de Michel Foucault, tais como governo e processos de subjetivação. Analisou-se nessa pesquisa, algumas postagens publicadas nas páginas “Professores Sofredores”, “Professora Indelicada” e “Pedagogia da Depressão”, durante o período de 2012 até junho de 2016, assim como os comentários dos professores feitos nessas páginas. A escolha por essas páginas deu-se devido ao maior número de seguidores.

A autora destaca:

Analisou o processo de medicalização docente: a proliferação de doenças físicas e psíquicas como produtores da biodocência. Nesta categoria analítica percebeu que alguns fatores de ordem social estão sendo revertidos para o âmbito da medicina, passando a ser entendidos como uma doença que precisa ser tratada e curada, produzindo um processo de medicalização e biologização da vida. (CAETANO, 2017, p. 124).

E conclui:

À discursividade que é produzida no *Facebook* sobre a docência [...] tais movimentos podem vincular-se ao que Foucault entendeu por *contraconduta*, ou seja, pequenas revoltas diárias; certas possibilidades de escapes ao que está sendo entendido como natural ao ofício docente e que todo professor deve assumir como carga de sua “sofrida profissão” (CAETANO, 2017, p. 125, grifo do autor).

Leite (2018) em sua tese, utilizou o método de pesquisa qualitativo de orientação clínica e buscou compreender a posição subjetiva do sujeito falante e suas formas de gozo ou satisfação pulsional como docentes de língua inglesa. A técnica utilizada nas entrevistas foi a investigação-intervenção, cujo procedimento inicial foi uma escuta das singularidades discursivas realizadas pelos sujeitos que participaram do estudo. Essa dinâmica proporcionou observar a satisfação ou insatisfação desses profissionais em relação ao labor. Foi possível realizar *links* entre as falas dos professores e o objeto de estudo investigado. Os participantes da pesquisa foram três professoras de língua inglesa em desvio de função no estado de Minas Gerais. A autora aponta que o adoecimento dos professores aparece muitas vezes vinculado ao sofrimento psíquico. Os professores afastados da sala apresentam sintomas de exaustão mental e física, tendo inúmeras dificuldades no retorno à sala de aula. Ficou evidenciado que as professoras encontraram no desvio de função uma possibilidade de lidarem com o mal-estar que as afligia e causava doença. O estudo constatou que, como um sintoma, o desvio de função marca a forma como as professoras se posicionam subjetivamente perante a vida, em trajetórias que desvelam não somente elementos objetivos de relação com suas escolhas profissionais mas revelam algo para além. Ao contrário do especulado inicialmente, a língua inglesa, como objeto de investimento de ensino das professoras, não foi indicada pelos professores como estando diretamente relacionada aos desvios de função. A língua inglesa pareceu ser um objeto de investimento do professor, que não se ligava a quaisquer ideais educacionais, como, por exemplo, proporcionar maiores oportunidades de trabalho para os alunos, ampliar seu repertório cultural, expandir as possibilidades de interações sociais dos alunos, promover momentos de (des)identificação identitária, entre outros. Talvez se possa interrogar se a falta de questionamentos desses sujeitos sobre suas demandas profissionais não tenha os conduzido para o adoecimento.

O comprometimento da saúde dos docentes é um fator que emergiu com ênfase entre as pesquisas analisadas. Dentre os resultados dos estudos que afinam com o presente projeto pode-se salientar: saúde ocupacional, sintomas mentais, depressão e medicalização (CAETANO, 2017; PENA, 2017; PEREIRA, 2017; LEITE, 2018; POLTRONIERI, 2018).

Acredita-se que o discurso da responsabilização, eficiência e eficácia atinge a subjetividade do professor, minimizando ou anulando a satisfação profissional. O que deveria ser uma competência sustentada por habilidades desenvolvidas em um movimento de profissionalização e profissionalidade tornou-se um retrocesso, o qual está impondo aos docentes um trabalho de produção que foca em metas e resultados. Em consequência desses ditames na educação, os profissionais estão adoecendo, e o mais preocupante é a naturalização com que esse é percebido.

Com base nos dados auferidos nas pesquisas, pode-se argumentar que o contexto educacional carece de reorganização em sua totalidade. No entanto, aqui ficam acentuadas as questões em relação ao trabalho docente. Os estudos sinalizam que a forma como a estrutura educacional está organizada corrobora para que o profissional da educação tenha que desenvolver suas funções sob condições inadequadas, que não contemplam suas necessidades. Tal constatação converge com o cerne do problema do estudo em percurso, pois o mesmo indica como hipótese a forma como o mal-estar docente impacta no protagonismo do professor, no que tange à prática pedagógica. Os estudos evidenciaram processos de adoecimento, em parte dos educadores, devido ao estresse enfrentado no cotidiano escolar, que de acordo com Pereira (2016, p. 238):

[...] a rotina estressante e desgastante que enfrentam, a escassez de materiais e equipamentos das escolas, a ineficiência do apoio pedagógico, a ausência da família e a grande pressão que sofrem para atingir as metas de aprovações e médias dos alunos impostas pelo sistema educacional.

Esse indicador propicia uma reflexão a respeito dos ideários políticos intrínsecos na educação, visto que, o mecanismo que ocasiona a exaustão dos docentes pode estar mascarando os objetivos capitalistas, visando a exploração do trabalho através da alienação da subjetividade profissional, principalmente de professores. Tal realidade impõe aos educadores uma função meramente produtiva, deixando à margem o potencial intelectual e subjetivo da docência. Da mesma forma, esse aceleração de atividades e cobranças a que os profissionais da educação estão sendo alvejados foram apontados na pesquisa de Pereira (2017, p. 160): “[...] os professores admitem que situações características da profissão: o trabalho fora da escola, a preparação de aulas, a correção de provas, tem lhes tirado o – ânimo! para se atualizar e aprender a utilizar novas ferramentas pedagógicas”.

O aceleração das atividades docentes e o excesso de cobranças que é demandado ao professor da educação básica sobrecarrega-o e dificulta sua qualificação, uma vez que o tão refinado movimento de ação-reflexão-ação requer leitura e a qualificação necessita de tempo,

mesmo dos profissionais mais experientes. Essa premissa está prevista em lei: Metas 15 e 16 do Plano Nacional de Educação – PNE, na LDB 9.394/96, nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena e da Rede Nacional de Formação Continuada de Professores (BRASIL, 2014). No entanto, precisa ser praticada em sua máxima, com formação de qualidade que fuja dos padrões mercadológicos de diplomação com conteúdo raso, característica neoliberal. A formação docente que se vislumbra, como em um tremeluz, trata de abordar questões pertinentes que se referem à riqueza pedagógica mas que instiga o professor a se reestruturar e se permitir autor de sua profissionalidade.

Acredita-se que movimentos de transformação na categoria docente possam advir das pesquisas e intensificação de debates a respeito dessa mazela que atinge parte dos professores. Esse processo poderá ser o aríate³ que abrirá oportunidades para a criação de políticas públicas que contribuam para o bem-estar docente. Ressalte-se a importância de se investigar e reverberar este tema, para que não fique aprisionado no espaço da escola ou limitado ao subjetivo docente. É necessário que seja divulgado, que ganhe espaço e circule em outras esferas para que se possa enfraquecê-lo a fim de extingui-lo do contexto educacional.

3.2 De Revisão em Revisão: Ampliando o Diálogo na Produção do Bem-Estar/Mal-Estar Docente

No final do século passado, começaram a surgir obras a respeito da vida e percursos profissionais dos professores, nessa literatura, pode-se salientar as análises realizadas por Esteve (1999), que abarcam as peculiaridades ocasionadas pelo mal-estar docente na vida pessoal e profissional dos professores. Tais perspectivas de investigação contribuíram para explicitar as questões de insatisfação dos professores no magistério, tema que tem sido objeto de estudo, tanto no Brasil quanto em outros países. Importante ressaltar, que o termo mal-estar docente, é uma expressão que foi cunhada por esse pesquisador e passou a ser reconhecido pelo próprio e outros estudiosos como fenômeno desencadeado por múltiplos fatores, envolvendo a escola, a comunidade e a sociedade em geral. Para o autor, a expressão é intencionalmente ambígua, referindo-se a um incômodo indefinível. Diferente de uma dor física, que podemos localizar ou determinar seus sintomas, o mal-estar indica que algo não está bem, porém nem sempre somos capazes de definir o que é o motivo.

³ Máquina de guerra usada na Antiguidade e na Idade Média para abrir brechas em muralhas ou portões de castelos e povoações fortificadas.

Acredita-se que a concordância com o autor seja plausível e coerente, uma vez que se pode considerar o quanto está obsoleta os recursos utilizados na escola, bem como, as formações oportunizadas aos professores, evento que colabora para execução de um trabalho limitado que expõe o docente aos julgamentos da sociedade de maneira geral. Conforme constatado nas pesquisas, professores tornam-se alvos de críticas e culpabilização pelos fracassos que ocorrem no contexto da escola, logo, são impactados em sua autoestima, criatividade, autonomia, desencadeando doenças como estresse, depressão, ansiedade entre outras.

Considerando a complexidade vivenciada na profissão docente, Esteve (1999) ao identificar as possíveis causas que caracterizariam a presença do mal-estar docente, especifica fatores primários, sendo os que incidem diretamente sobre o trabalho do professor em sala de aula e os secundários, referentes ao contexto em que se exerce a docência. Esses fatores podem afetar o trabalho do professor a ponto de, isolados ou combinados entre si, provocar o mal-estar docente. O autor destaca vários fatores como desencadeadores desse mal-estar, tais como: a modificação no papel do professor e do apoio do contexto social, os objetivos inadequados de um ensino voltado às massas, a imagem social fragilizada do professor, os recursos insuficientes e condições de trabalho problemáticas, a violência nas instituições escolares e a acumulação de exigências sobre o professor. Torna-se necessário refletir, conforme Esteve (1999), na atualidade não há uma sintonia entre escola, família e demais grupos sociais, não raramente há discordância entre esses segmentos, no que tange as questões de valores, posturas e posicionamentos. O absentismo de algumas famílias, em relação a responsabilidade e participação na escola, não lhes privou o direito a cobrança e exigências em relação a instituição escolar. Nesse sentido, parece que o professor é o único responsável pelo desempenho de todos os estudantes e em um sentido integral, visto que, a escola da contemporaneidade não é apenas cobrada sobre componentes curriculares, porque foi forçada a dar conta de várias outras questões, cujas exigências descaracterizam a função do educador professor.

Nesta mesma linha, a mídia divulga as fragilidades da educação, tecendo comentários e expondo dados relacionados as avaliações externas, que na maioria das vezes, deflagram informações distorcidas a respeito da incapacidade dos docentes, enfrente a qualidade da educação. Situação que legitima negativamente a imagem social do professor, que mais uma vez torna-se o “único” responsável pelo fracasso escolar. Autores como Esteve (1999), Codo (2002), Nóvoa (1995) amplamente discutem que a responsabilização somada a falta de valorização, são fatores que contribuem para desencadear o mal-estar docente.

Por outro lado, com o intuito de se fazer o contra ponto, reflete-se que há necessidade de formação contínua no processo de profissionalização e profissionalidade dos docentes, a troca entre pares, como já foi mencionado neste estudo, servirão de alicerce para tão necessária reconstrução da identidade do professor. Assim, analisa-se as mudanças que ocorrerem na sociedade nas últimas décadas, mudaram o cenário da escola transformando e aumentando o modo de trabalhar dos professores, causando o esgotamento profissional. No entanto, vale ressaltar, que o processo formativo dos professores não sofreu efetivas mudanças, que os modelos normativos nas universidades seguem os mesmos, em relação a esse realidade Gatti, afirma:

[...] a escola, enquanto instituição social e de ensino, é elemento quase ausente nas ementas, o que leva a pensar numa formação de caráter mais abstrato e pouco integrado ao contexto concreto onde o profissional professor vai atuar. [...] Predomina nos currículos a formação disciplinar específica, em detrimento da formação de professores para as áreas do conhecimento. (GATTI, 2009, p. 153).

Conforme a autora, acredita-se que o disparate entre o que é trabalhado nos bancos universitários, como a ênfase dada ao desenvolvimento de conteúdos que contemplam apenas áreas específicas do componente curricular, que o futuro docente irá trabalhar, o distancia muito da realidade do todo de uma escola, que é um campo inflado pela diversidade, desigualdades e com demandas urgentes, que vão muito além do conteúdo. Compreende-se, que tal realidade gere um descompasso no fazer do professor, porque para esse torna-se difícil equalizar o que aprendeu, com a demanda real a qual é exigido rotineiramente (GATTI, 2009).

Toma-se este trabalho como desafio para compreender como a literatura no campo da educação, vêm tratando a questão do mal-estar docente no âmbito do desenvolvimento do exercício do magistério. Como se revelam? Como são traduzidas pela literatura e quais seriam as características e principais modos de enfrentamento que a categoria profissional docente vem construindo ou recorrendo para se manter atuante e em boas condições no trabalho? Estas são algumas das questões que acabam por mobilizar a curiosidade na execução deste trabalho. Por isso, baseando-se na complexidade dessa temática, considerou-se conveniente trazer à discussão mais estudos que pudessem auxiliar, a respeito do conhecimento em relação ao mal-estar docente no atual cenário brasileiro. Assim sendo, foi realizada uma revisão de literatura, estado da arte, onde se verificou as conclusões e avanços que os estudos nesse campo apontam.

Orientando-se nessa perspectiva, realizou-se uma busca por artigos que contemplassem a temática bem-estar/mal-estar docente. Quatro trabalhos (KASPER, RINALDI, 2017; LAZZARI, SILVA, 2013; GAMA, MOTTA, 2016; PENTEADO, NETO, 2019) apresentaram em seu escopo, análise de produções acadêmico-científicas referentes ao mesmo objeto de estudo.

As autoras Lazzari e Silva (2012) realizaram análise de 89 teses e dissertações defendidas em Programas de Pós-Graduação no Brasil, catalogadas no banco de dados da CAPES no período entre 2003 a 2012, tendo como descritores: “mal-estar docente” e “bem-estar docente”. As pesquisadoras citam que “do total de teses e dissertações, 58 versam sobre mal-estar docente, correspondendo a 65% das pesquisas encontradas; 31 sobre bem-estar docente e, [...] nove versam sobre mal/bem-estar docente” (LAZZARI, SILVA, 2012, p. 5). Ficou evidenciado nesse estudo, a prevalência de mulheres relacionadas a essa temática. Conforme as autoras:

Ao analisarmos o nível de produção/ano, observamos que, entre os anos de 2003 a 2007, há uma tendência oscilante entre a quantidade de defesas efetivadas, mas, a partir de 2008, há um aumento gradativo. Em 2012, percebe-se um aumento no número de dissertações e teses defendidas, ou seja, na última década, houve um crescimento de mais de 100% das pesquisas relacionadas a esse tema (LAZZARI; SILVA, 2012, p. 6).

O aumento no número de produções acadêmicas que abordam o bem/mal-estar docente, nos últimos anos, revela o quanto essa problemática está presente no contexto educacional. Esteve (1999, p. 144) afirma que “o mal-estar docente é uma doença social produzida pela falta de apoio da sociedade aos professores, tanto no terreno dos objetivos do ensino como as recompensas materiais e no reconhecimento do status que lhes atribui”.

Desse modo, fica explicitado a gama de desamparo a qual o educador está exposto, o trabalho docente na contemporaneidade perdeu o prestígio que possuía há algumas décadas. Atualmente é exigido do professor uma multifuncionalidade que não corresponde aos salários e muito menos à valorização de sua função. Ocorreram mudanças na sociedade, especialmente nas estruturas de famílias, que corroboraram para impactar a qualidade de desempenho desses profissionais. E, como se não bastasse, não foram implantadas políticas públicas que pudessem minimizar as lacunas existentes dentro das escolas, principalmente de educação básica.

De acordo com Lazzari e Silva (2012), das teses e dissertações analisadas, o autor Esteve foi citado em nove; Jesus embasou sete; Stöbaus apareceu em quatro; Bardin e Freud,

em três; outros autores apareceram com menos relevância. Segundo as autoras, 71% das pesquisas foram de cunho qualitativo, considerando que o tema está relacionado com aspectos subjetivos.

Dentre os resultados encontrados nas pesquisas revisadas, Lazzari e Silva (2012), destacam alguns achados, que enfatizam a prevalência desta temática nas escolas.

Percebe-se que o fenômeno do mal-estar docente ocorre em todo o país. No estado do Rio Grande do Sul, em uma pesquisa realizada pelo Centro dos Professores(as) do Estado Rio Grande do Sul (cpers,2013), 3.166 PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO, EM 2011, RESPONDERAM AO “Self-REPORTING QUESTIONNAIRE”, questionário aprovado pela Organização Mundial da Saúde, que possibilita identificar se o sujeito desenvolveu algum transtorno psíquico. Os principais sintomas apresentados são nervosismo, tensão, sensações desagradáveis no estômago, insônia, dores de cabeça, perda de interesse, entre outros. (LAZZARI; SILVA, 2012, p. 2).

Diante da observação das autoras, constata-se que há uma linha crescente do fenômeno mal-estar na vida dos docentes, nesse interim, reverbera a importância de estudos nesta área, com o propósito de identificar e sanar os efeitos negativos causados por esta mazela.

Na mesma perspectiva, os autores inferem que:

É notório o quanto têm transitado pelos setores da educação os termos bem-estar e mal-estar docente. Nas últimas décadas surgiram mudanças nas práticas pedagógicas, na “desvalorização do magistério”, ou seja, na educação como um todo, em decorrência das mudanças sociais, políticas e econômicas (LAZZARI; SILVA, 2012, p. 10).

Conforme os autores, os efeitos da instabilidade que ocorre no país, impactam a vida profissional dos professores, porque os mesmos sentem drasticamente essas interferências no currículo da escola, no plano de carreira e no modo como são exigidos no desenvolvimento de suas práticas.

Outro destaque, que salientou-se no estudo dos autores é que “independente do lugar em que os docentes atuam, as dificuldades encontradas fazem parte de seu dia a dia” (LAZZARI; SILVA, 2012, p. 11). Observa-se que este aspecto, ocasiona a reflexão a respeito da amplitude do tema, que não pode ser considerado local ou algo pontual, conforme Esteve (1999) o mal-estar docente ultrapassa as fronteiras nacionais. Acontecimento que nos instiga, a promover planejamentos que direcionem os docentes a se posicionarem com medidas cabíveis para produção do bem-estar profissional.

Nesse mesmo sentido, os autores consideraram que “[...] urge preparar e potencializar nossos educadores para as mudanças de uma sociedade emergente e, do mesmo modo,

preparar esse profissional para assumir mudanças pessoais que auxiliem na busca de estratégias para lidar com situações adversas” (LAZZARI; SILVA, 2012, p. 12).

Compreende-se que para os autores, é necessário se desenvolver habilidades subjetivas nos docentes que os capacitem para o enfrentamento do mal-estar, pode-se inferir que aspectos subjetivos como a capacidade de resiliência, seja um ponto importante para se desenvolver, porém outros aspectos necessitem de atenção.

Pode-se salientar nos estudos de Lazzari e Silva, 2012; Gonçalves, 2008; Ferreira, 2009; Aranda, 2007; Doms, 2011; Rodrigues, 2011 e Celso, 2012, que destacaram as seguintes ideias:

Gonçalves (2008) apresentou, em sua pesquisa, possibilidades de identificação das relações existentes entre bem-estar e mal-estar docente e gênero. Doms (2011) citou o mal-estar docente como um fenômeno social do mundo ocidental, utilizando o embasamento de Esteve. Rodrigues (2011) enfatizou que os professores constroem mecanismos para criação do bem-estar docente e isso auxilia para que se tornem mais resilientes. Celso (2012) abordou, em seu estudo, as consequências do estresse nos professores, considerando-os como grupo de risco, indicou a falta de assertividade dos docentes em situações como: sentimento de frustração, raiva, políticas de recursos humanos, relacionamento interpessoal, entre outros. Refere que os professores precisam se conscientizar para construir recursos de enfrentamento aos desafios. Ferreira (2009) analisa a atuação e o perfil de homens no magistério, considerando que essa profissão é sexotipificada como feminina. Os participantes afirmam que o bem-estar é um fator social, porém o professor precisa se posicionar. Aranda (2007) estudou o que condiciona o professor a viver o mal-estar docente. A pesquisa foi desenvolvida com docentes da rede municipal, estadual e particular de Porto Alegre. Ficou evidenciada a solidão sentida pelos docentes, a qual o autor traduz como sendo “um traço da docência no momento atual”.

A revisão de literatura acerca do mal-estar docente realizada por Kasper e Rinaldi (2017) ponderou dados de teses e dissertações que se encontram publicadas no Banco de Dados de Teses e Dissertações (BDTD), no período de 2000 a 2016. Foram considerados 51 trabalhos, sendo oito teses e 43 dissertações. Para se direcionar a esses trabalhos foi utilizado o descritor “mal-estar docente”. O escopo desse estudo interpreta as produções acadêmico-científicas que inferem sobre o mal-estar docente na educação básica brasileira.

As autoras defendem que:

Apesar das inúmeras pesquisas existentes sobre o tema do mal-estar docente, o mesmo ainda continua sendo uma realidade e as pesquisas referentes a essa temática não param de crescer. Dessa forma, tendo em vista o expressivo número de pesquisas sobre o assunto, a necessidade de contextualização e compreensão do objeto investigado, consideramos necessário o levantamento de estudos que abordam essa temática, a fim de compreender melhor o que as teses e dissertações brasileiras revelam sobre o tema na contemporaneidade. (KASPER; RINALDI, 2017, p. 2).

De acordo com o estudo, o mal-estar docente é um tema recorrente que tem chamado a atenção de pesquisadores, revelando o impacto que o mesmo causa, interferindo na saúde e no desempenho pedagógico dos docentes. Embora o número de pesquisas sobre essa temática seja relevante, ainda não se pode visualizar políticas públicas que possam vir a minimizar essa problemática. No entanto, acredita-se que é salutar divulgar o tema e os estudos já realizados, para propiciar reflexão e debates que possam vir a conscientizar os próprios docentes a respeito dos sintomas que sentem e que na maioria das vezes não sabem identificar ou naturalizam a situação. As autoras concluíram que

a questão do desprestígio social e dos baixos salários em meio aos fatores de alta frequência. Entre os indicadores de frequência média encontram-se a longa jornada, a indisciplina e a inclusão do aluno com deficiência. O gráfico de fatores de frequência média apresentou uma grande diversidade, 29 indicadores de mal-estar foram encontrados, são exemplos: as relações interpessoais no trabalho, a falta de suporte ao professor e as avaliações sistemáticas dos alunos. (KASPER; RINALDI, 2017, p. 10).

Os dados encontrados na revisão de Kasper e Rinaldi (2017) correspondem aos resultados apontados em outros estudos que se referem à mesma temática, enfatizando a necessidade de debates e reflexões que tragam à tona possíveis caminhos à produção do bem-estar docente.

As pesquisadoras Gama e Motta (2016) realizaram uma revisão de literatura tendo como fontes artigos acadêmico-científicos, referentes ao período de 2010 até 2014, de revistas da área da educação de relevância, classificadas com Qualis A1. Foram encontrados 231 artigos que abordam o mal-estar docente em escolas públicas de educação básica do país. Selecionaram 30 artigos, por terem o foco de estudo em comum. O objetivo do estudo foi caracterizar o trabalho docente no país, bem como levantar dados de como os pesquisadores estão trabalhando com essa questão. O estudo evidenciou que:

o salário dos professores é colocado como condicionantes direto da qualidade da educação. Contudo, o salário não vem sendo analisado a luz de comparações entre outras profissões. Dados relevantes como nível acadêmico e horas de ensino não são colocadas em pauta, pois se fossem, as horas trabalhadas pelos professores

excederiam muito mais do que as demais profissões. (GAMA; MOTTA, 2016, p. 10173).

Considerando o excesso de atividades que são demandadas ao professor, bem como a responsabilidade que é pertinente à sua função, torna-se pertinente questionar os baixos salários de uma categoria que é responsável por gestar todas as outras.

As pesquisadoras apontaram que

os artigos também trouxeram a importância do uso das tecnologias pois estão cada vez mais no cotidiano dos estudantes. Eles apontam para a necessidade de as mesmas serem usadas em sala de aula, porém, infelizmente os aparatos tecnológicos que temos atualmente nas escolas públicas, não dariam conta das novas tecnologias que estão sendo implementadas em outros países, devido a sua ineficácia. (GAMA; MOTTA, 2016, p. 10173).

Acredita-se que esse deve ser um ponto de desconforto para os professores, porque para se desenvolver uma aula que chame a atenção e o interesse de crianças e adolescentes, o professor necessita de recursos pedagógicos, entre eles a informática, que incremente sua ação e viabilize momentos lúdicos de aprendizagem.

As pesquisas de Penteado e Neto (2019) envolveram as narrativas de doze publicações, tendo como objetivo identificar os principais aspectos atribuídos às questões epidemiológicas, de naturalização da problemática na docência, políticas públicas, organização do trabalho e identidade profissional docente. As autoras apontaram “[...] o desafio de se pensar corpo/saúde/bem-estar no âmbito da cultura ocupacional docente, como elementos que substanciam o desenvolvimento profissional e o projeto de profissionalização docente” (PENTEADO; NETO, 2019, p. 135).

Compreende-se que é necessário fomentar entre os docentes a cultura do autocuidado, no sentido de prevenção, considerando as exigências para o desempenho de suas atribuições. Constataram que

[...] o enfrentamento da problemática demanda mudanças sociais e políticas e suscita a necessidade de os professores exercerem a profissionalidade também numa dimensão que implica preservar e valorizar sua dignidade e seu protagonismo, buscando estratégias que possibilitem a promoção do cuidado, da saúde e do bem-estar profissional – nesse redirecionamento, a formação de professores terá papel fundamental. (PENTEADO; NETO, 2019, p. 151).

Conforme as pesquisadoras, torna-se fundamental a implementação de políticas públicas que viabilizem oportunidades de cuidado, para que se promova o bem-estar docente. É necessário que se invista na formação dos professores, para que os mesmos possam refletir

a respeito da dimensão do seu papel na sociedade, bem como sobre as mudanças que estão ocorrendo na contemporaneidade, suscitando novas atitudes dos educadores e fazendo com que se tornem profissionais em constante readaptação (PENTEADO; NETO, 2019).

Salienta-se ser pertinente, nesse espaço, abordar o contexto imperativo de isolamento social, desencadeado pela COVID-19 que assolou a sociedade e impactou as práticas de ensino aprendizagem de maneira drástica, acontecimento que corroborou para o agravamento de situações que se faziam latentes no espaço presencial da escola. Para isso, será incluído nesse estudo dois artigos que abordam a temática mal/bem-estar docente, no período de pandemia.

Os estudos realizados por Saraiva, Traversini e Lockmann (2020), baseou-se no material empírico da seção de notícias de três sites de sindicatos gaúchos (SINEPE/RS, SINPRO/RS e CPERS/RS), assim como as notícias publicadas na versão online do jornal Zero Hora no período entre o dia 16 de março e 31 de maio de 2020. A pesquisa foi desenvolvida com base na análise do discurso de orientação foucaultiana.

Os autores destacaram que: “[...] a responsabilização dos professores tende a fortalecer a intensificação e a autointensificação do trabalho aumentando a exaustão docente. Há um difícil equilíbrio entre continuar as atividades letivas e administrar o momento atual que tem gerado estresse e ansiedade” (SARAIVA; TRAVERSINI; LOCKMANN, 2020, p. 18).

Nesta mesma concepção, os estudos apontam que “se, neste momento, a escola não pode parar, a sua continuidade deve-se ao trabalho docente considerado mais efetivo quando mais se aproximar da lógica que pauta a sociedade 24/7” (SARAIVA; TRAVERSINI; LOCKMANN, 2020, p. 18) Em relação ao enfrentamento a exaustão docente, os autores inferem que “para finalizar e mantendo a atitude crítica, reconhecemos que as práticas de contraconduta são consideradas necessárias na tentativa de conter a exaustão docente” (SARAIVA; TRAVERSINI; LOCKMANN, 2020, p. 18).

A pesquisa dos autores, abarcou a exaustão vivenciada pelos docentes, neste período pandêmico, abrindo reflexões a respeito da alta demanda de trabalho que foi potencializada pela exigência do ensino remoto e outras demandas exigidas pelo período. Salienta-se que os docentes foram linha de frente, extrapolando as horas de trabalho, uma vez que deveriam comprovar efetiva ação no Homi Office. Os autores, inferiram que seria importante os docentes encontrarem formas de resistência que fragilize as práticas as quais foram exigidos, no sentido de reverter a situação de exaustão que os aliena, distanciando-os de serem profissionais intelectuais e os relegando a profissionais multitarefeiros (SARAIVA; TRAVERSINI; LOCKMANN, 2020).

Os estudos realizados por Pereira, Santos e Maneti (2020), estão alicerçados em uma pesquisa aos dados do Ministério da Educação, bem como às discussões que tratam sobre saúde e mal estar docente, tendo como escopo a compreensão do impacto da pandemia na saúde dos docentes. Os autores destacaram que:

A pandemia causada pelo COVID-19 traz consigo para o sistema educacional, além de vários outros elementos corrosivos, a custosa demanda da constante “reinvenção docente”, transmutada esteticamente quanto uma necessária manutenção de uma educação remota que se faça ativa, presente e minimamente acessível, sem considerar entretanto, as lacunas das condições trabalhistas, estruturais e até mesmo formativas, destes profissionais da Educação. (PEREIRA; SANTOS; MANETI, 2020, p. 5).

[...] ressalta-se a importância de articular as exigências profissionais no contexto da pandemia com a saúde mental desses sujeitos, para que as condições em que se constituem as velhas e novas demandas sejam verificadas e que as perspectivas, além das do adoecimento mental, tenham relevância, permitindo então que as diferentes dinâmicas de resistência desses docentes e as possibilidades de reconfiguração desse trabalho sejam discutidas. (PEREIRA; SANTOS; MANETI, 2020, p. 6).

Vale frisar que o cuidado com a saúde mental dos educadores precisa ser levado a sério, como também, precisa ser considerado como um elemento crucial na elaboração de medidas tanto para as atuais condições de trabalho em formato home office, como para, os planos de ação e estratégias para o retorno das aulas presenciais nas escolas. (PEREIRA; SANTOS; MANETI, 2020, p. 7).

Considera-se que o estudos indicaram, que a pandemia revelou a demanda necessária de reinvenção docente, entretanto neste período, forjada pela necessidade, sem planejamento e de maneira urgente tensionou o fazer docente, desencadeando na vida de muitos adoecimentos emocionais. Salienta-se que a evolução rápida e duradoura da pandemia, exigiu pronta ação dos docentes, anulando e/ou minimizando qualquer ação que privilegiasse a saúde mental dos professores.

3.3 O Que Dizem os Estudos: Sínteses Possíveis

O estudo de revisão de literatura acerca do mal-estar docente proporcionou uma amplitude de conhecimento a respeito desta temática, esclarecendo a forma como essa mazela se propaga ao longo dos anos no contexto educacional. Os artigos analisados correspondem aos estudos de teses e dissertações realizadas na última década e servem como importante referencial para complementar o estudo em questão.

As pesquisas identificaram, na produção dos dados, resultados recorrentes que emergiram, corroborando para salientar a dimensão do mal-estar docente nas instituições de

ensino. Sendo assim, neste tópico são destacados os achados mais relevantes para a investigação em andamento.

Os resultados que são salientados correspondem à primeira etapa da revisão de literatura do presente estudo, extraídos especialmente das pesquisas de Montezuma (2016), Silva (2017) e Oliveira (2017) e complementados por dados das investigações de Kasper e Rinaldi (2017) e Lazzari e Silva (2012). Os indicadores longa jornada de trabalho e desprestígio social, de maneira recorrente, foram apontados como sendo parte dos fatores que contribuem à promoção do mal-estar docente.

Em outra análise a respeito dos resultados constatados, o indicador baixo salário foi evidenciado nas pesquisas de Kasper e Rinaldi (2017), Lazzari e Silva (2013), Oliveira (2015), Nery (2016), Rocha (2017), Silva (2017) e Tolfo (2017), inferindo a respeito da desvalorização salarial que contribui para a situação de proletarização que os professores vivenciam na atualidade. Já questões de relacionamento interpessoal foram citadas nos resultados de Lazzari e Silva (2012), Kasper e Rinaldi (2017), Gama e Motta (2016), Gregorin (2016) e Tolfo (2017).

Em relação à saúde dos docentes as pesquisas de Celso (2012), Lazzari e Silva (2013), Pentado e Neto (2019), Caetano (2017), Pena (2017), Pereira (2017), Leite (2018) e Poltronieri (2018) apontaram para estresse, depressão, saúde ocupacional, sintomas mentais, exaustão mental e física, adoecimento vinculado ao sofrimento psíquico, depressão, medicalização, bem como a promoção de cuidado e saúde. Destaca-se que Saraiva; Traversini; Lockmann (2020) constataram em seus estudos que o estresse e a sobrecarga de trabalho docente, acentuaram-se de maneira significativa, durante a pandemia, inferiram como estratégia que aos docentes as práticas de conduta seriam necessárias na tentativa de conter a exaustão docente. Em relação aos estudos de Pereira, Santos e Maneti (2020) salientaram-se os apontamentos em relação ao sofrimento mental dos docentes, já que o Homi Office tomou todos os espaços e tempos desses profissionais e que em nenhum momento, os mesmos foram consultados sobre as condições para exercer esse trabalho na pandemia.

Os trabalhos analisados neste estudo refletiram sobre os fatores desencadeantes do mal-estar docente. Ao todo foram examinados 26 pesquisas, entre teses e dissertações, que se somaram nesta segunda etapa de revisão a quatro artigos acadêmico-científicos de revistas da área da educação com proeminência e circulação no país, foram agregados a esse estudo dois artigos que abarcam em seu bojo, o período pandêmico e a forma como impactaram o fazer docente.

Observou-se que os resultados, mesmo sendo levantados em distantes períodos de tempo, repetiram-se em mais de um estudo, revelando importantes informações a respeito da situação laboral docente. O sofrimento e o adoecimento dos professores ficaram evidenciados nas pesquisas, levantando questões de cunho histórico e social que instigam a questionamentos: Por que profissionais docentes se submetem a essa situação laboral? Será que a questão da feminização no magistério está ligada à desvalorização profissional? Mesmo na atualidade, o que permeia o imaginário docente no que tange ao desempenho de sua função, profissionalismo ou vocação? Neste sentido, os estudos remetem a outros questionamentos que, acredita-se, sejam possíveis de encontrar respostas no momento da produção e análise dos dados do presente estudo. No entanto, referindo-se ao que foi auferido até o momento, constata-se ser fundamental se investir em formação de professores, objetivando o fortalecimento da categoria docente. Por outro lado, urge que sejam investidos recursos de ordem social e política na educação em prol da profissionalização e profissionalidade docente.

Com base nos dados auferidos nas pesquisas, pode-se argumentar que o contexto educacional carece de reorganização em sua totalidade. Todavia, compreende-se que, embora se tenha encontrado um número expressivo de trabalhos acadêmico-científicos que abordam essa temática, o leque de questionamentos que vieram à tona com as pesquisas realizadas enseja que mais estudos sejam realizados. Contudo, almeja-se que essas novas investigações possam – para além do diagnóstico – vir a alavancar a criação e implementação de políticas educacionais que contribuam para valorização e dignidade laboral dos docentes. Importante ressaltar que essa etapa da pesquisa foi de grande importância, esclareceu tópicos relevantes a respeito do mal-estar docente, colaborando para que se dê continuidade a essa dissertação sobre o impacto do mal-estar docente no protagonismo do professor. No entanto, aqui ficam acentuadas as questões em relação ao trabalho docente. Os estudos sinalizam que a forma como a estrutura educacional está organizada venha a apoiar os profissionais da educação para desenvolver suas funções sob condições inadequadas, que não contemplam suas necessidades. Tal constatação converge com o cerne do problema do estudo em percurso, o mesmo indica como hipótese a forma como o mal-estar docente impacta no protagonismo do professor no que tange à prática pedagógica. Os estudos evidenciaram processos de adoecimento, em parte dos educadores, devido ao estresse enfrentado no cotidiano escolar.

Esse indicador é oportuno para realização de uma reflexão da importância dos ideários políticos essenciais na educação, o mecanismo que origina o esgotamento dos docentes pode estar dissimulando os objetivos capitalistas, que tendem a exploração do

trabalho por meio da alienação da subjetividade profissional, especialmente de professores. Tal realidade confere aos educadores uma papel meramente produtivo, deixando à margem o potencial intelectual e subjetivo da docência. Essa aceleração de atividades e cobranças a que os profissionais da educação estão sendo impactados.

A aceleração das atividades docentes e o excesso de cobranças que é impetrado ao professor da educação básica sobrecarrega-o e impede sua qualificação, uma vez que o tão apurado movimento de ação-reflexão-ação exige leitura e a qualificação carece de tempo, mesmo dos profissionais mais experientes. Essa premissa está prevista em lei: Metas 15 e 16 do Plano Nacional de Educação – PNE, na LDB 9.394/96, nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena e da Rede Nacional de Formação Continuada de Professores (BRASIL, 2014). No entanto, necessita ser exercitada em sua máxima, com formação de qualidade que fuja dos padrões mercadológicos de diplomação com conteúdo raso, característica neoliberal. A formação docente que se vislumbra, como em um tremeluz, trata de versar sobre questões pertinentes que se referem à riqueza pedagógica, que instiga o professor a se reestruturar e se autorizar autor de sua profissionalidade.

Acredita-se que movimentos de transformação na categoria docente possam incidir das pesquisas e ativação de debates a respeito dessa enfermidade que alcança parte dos professores. Esse processo poderá ser o aríete que abrirá oportunidades para a criação de políticas públicas que contribuam para o bem-estar docente. Ressalte-se a importância de se investigar e reproduzir este tema, para que não fique apenas no espaço da escola ou limitado ao subjetivo docente. É imprescindível que seja divulgado, que ganhe espaço e circule em outras esferas para que se possa enfraquecê-lo a fim de aboli-lo do contexto educacional.

Nessa perspectiva, torna-se imperioso, que se faça um recorte da atual conjuntura, considerando de que maneira a pandemia vem impactando a prática docente.

A Medida Provisória no 934, de 1º de abril de 2020, estabeleceu normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior para o enfrentamento da situação de emergência de saúde pública (BRASIL, 2020). Para o caso específico da educação básica, em seu art. 1º, dispensa a obrigatoriedade do número mínimo de dias de efetivo trabalho escolar, que é descrito no inciso I, do art. 24 da LDB (BRASIL, 1996), que estabelece como carga horária mínima anual de oitocentas horas para o ensino fundamental e para o ensino médio, distribuídas por um mínimo de duzentos dias de efetivo trabalho escolar, excluído o tempo reservado aos exames finais, quando houver (BRASIL, 2020). Como estratégia para

atender os estudantes, as redes de ensino público e privado, tiveram a ação de instituir o ensino remoto.

Fato que escancarou as desigualdades sociais, sabe-se que o acesso a internet e/ou a aparelhos de computador, não estão presentes na vida de muitas famílias. Essa realidade, intensificou as atividades docentes, visto que, as atividades dos professores não se restringiu apenas ao momento da aula síncrona, antes exigiu que se desdobrassem postando atividades nas plataformas e/ou enviassem e recebessem via whatsapp. Para os estudantes que não tinham acesso à internet, os docentes tiveram que disponibilizar material impresso. Além de exacerbar suas funções os professores, tiveram que se adaptar de maneira muito rápida ao domínio de tecnologias, como o uso de plataformas e didática adequada para o ensino a distância.

Pode-se inferir, que o trabalho desempenhado pelos docentes, no período pandêmico foi exposto e demasiadamente exigido. Neste sentido, os autores Cebalhos e Pires (2020) afirmam que:

Fica evidente que a saúde mental docente encontra-se comprometida em meio aos elementos que estão no entorno da atuação pedagógica - principalmente pela cobrança exacerbada de pais e/ou responsáveis quanto ao andamento das atividades do/no Ensino Remoto (p. 79).

De acordo, com os autores compreende-se que a atuação docente em meio aos desafios da pandemia, potencializou as dificuldades docentes, culminando em adoecimentos a categoria, que mais uma vez foi exigida a dar a face as demandas que se apresentam, mesmo tendo poucos recursos (CEBALHOS; PIRES, 2020).

4 METODOLOGIA

Este espaço é dedicado às questões metodológicas dessa pesquisa. Para isso, torna-se importante uma reflexão a respeito dos aspectos teóricos sobre o ato de fazer pesquisa. Nesta linha, a autora Minayo (2012, p. 622) alerta:

Fazer ciência é trabalhar simultaneamente com teoria, método e técnicas, numa perspectiva em que esse tripé se condicione mutuamente: o modo de fazer depende do que o objeto demanda, e a resposta ao objeto depende das perguntas, dos instrumentos e das estratégias utilizadas na coleta dos dados.

Em consonância com a autora, acredita-se que essa tríade seja a base que alicerça o ato de pesquisar. No entanto, a perspicácia e a sensibilidade do pesquisador na condução do processo é que garantirá a qualidade da produção e análise dos dados. Para tal feito, cada passo deve ser bem planejado.

No sentido do anterior, a presente pesquisa compreende um problema, ou seja, uma questão norteadora que revela o objeto a ser pesquisado. Esse é o núcleo que dá forma a todo o trabalho, pois a partir dele se constituirá as outras etapas, que serão adequadas, objetivando respostas ao problema. O objeto de estudo apoia-se em teóricos que abordam a mesma temática – assim se constrói o referencial teórico. O próximo passo diz respeito as estratégias metodológicas, incluindo os instrumentos de operacionalização da produção dos dados – tudo isso em estreita articulação com o objeto de estudo. A ida a campo será realizada com objetivo de angariar informações que permitam compreender, interpretar e dialetizar o problema em estudo, como esclarece Minayo (2012, p. 263):

Num trabalho de campo profícuo, o pesquisador vai construindo um relato composto por depoimentos pessoais e visões subjetivas dos interlocutores, em que as falas de uns se acrescentam às dos outros e se compõem com ou se contrapõem às observações.

Aqui é retomado o que foi citado inicialmente, a respeito da perspicácia do pesquisador, o olhar experiente e atento, é capaz de absorver as subjetividades do momento, interpretando, até mesmo, o que não foi dito. Considerando a citação da autora, é importante enfatizar que, ao se realizar a pesquisa de campo, as falas dos sujeitos participantes podem corresponder ou contradizer as observações feitas anteriormente. Entretanto, acredita-se que esse movimento poderá consubstanciar o estudo, contribuindo para que emergjam novas hipóteses para discussão da pesquisa em questão (MINAYO, 2012).

Outra etapa posterior a essa, será o processo de organização dos dados obtidos, ressaltando-se que as falas e discussões auferidas no campo, deverão ser analisadas e compreendidas, sendo reconhecidas, contextualizadas em seu espaço e tempo. Posteriormente se usará da técnica de análise de dados de Bardin, extraindo categorias do material que foi produzido nas entrevistas e nas discussões do grupo focal, para que melhor se possa compreender o que está por trás dos discursos.

Entende-se que a ciência objetiva explicitar as bases e legitimar o que a realidade apresenta como verdade. Tendo isso em vista, o pesquisador lapida-se para ser um observador que domine os critérios de validação e aplicação das explicações científicas, expostas pela comunidade de cientistas. Compreende-se que a aplicação do conhecimento científico deverá ser desenvolvido pelo sujeito que está envolvido social e eticamente com a realidade em que se propõe a realizar o estudo, visto que o processo de pesquisa impacta todos os envolvidos. A pesquisa deverá promover argumentação, comunicação e solidariedade como propostas de ações na realidade onde está acontecendo

Considerando que o conhecimento científico tem sua constituição influenciada por fatores históricos e culturais, entende-se que o pesquisador não é um indivíduo que está deslocado do cenário. Antes, ele participa do evento estudado, porque traz arraigado em si influências históricas e culturais, aprendidas e vivenciadas subjetivamente, o que lhe permite ter uma postura de compreensão do objeto de estudo, bem como da realidade que o cerca, para conseguir elencar a metodologia coerente para aquele estudo e a importância social que a pesquisa trará. Assim, pode-se afirmar que a verdade é múltipla e que muitas leituras a respeito de um contexto podem ser realizadas, tantas quantas forem os observadores.

Quanto à natureza da abordagem, Minayo (2003, p. 22) destaca:

A diferença entre qualitativo-quantitativo é de natureza. Enquanto cientistas sociais que trabalham com estatística apreendem dos fenômenos apenas a região “visível, ecológica, morfológica e concreta”, a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas.

Diante do exposto, uma investigação qualitativa exige do pesquisador um olhar mais profundo, que consiga captar significados da subjetividade do outro no contexto em que está inserido, de modo a compreender como estabelece suas ações naquele espaço. Compreende-se que o método qualitativo viabiliza investigar contextos que envolvem fenômenos sociais, considerando as múltiplas e variáveis influências externas e internas da realidade em questão.

Salienta-se que o leque de oportunidades subjetivas que esse método proporciona requer do pesquisador um planejamento detalhado e objetivos definidos claramente. Conforme André (2001), é fundamental que o trabalho de pesquisa seja devidamente planejado, que os dados sejam coletados mediante procedimentos rigorosos, que a análise seja densa e fundamentada e que o relatório descreva claramente o processo seguido e os resultados alcançados.

Entende-se que a pesquisa contempla a subjetividade dos envolvidos no processo. Porém, necessita para que seja valorada que siga uma estrutura embasada nos rigores científicos. Ressalta-se que a escolha metodológica traduz a maneira como o pesquisador se vê dentro desse processo, revela que acredita nas várias nuances que podem imergir nesta investigação, considerando que seu objeto de estudo são pessoas e que suas essências estão impregnadas de influências históricas e sociais que não podem ser medidas, mas, sentidas ou absorvidas.

4.1 Campo Empírico

A pesquisa ocorreu em uma escola do município de Guaíba, cuja localização é destacada na figura 1, região metropolitana de Porto Alegre, palco de momentos importantes da história do Rio Grande do Sul (RS).

Figura 1 – RS com a delimitação do município de Guaíba



Fonte: MICROSOFT BIG, 2021.

O nome Guaíba é de origem tupi e significa “baía de todas as águas”, onde abrigou no passado o povo Guarani. Estudos apontam que os Guarani eram horticultores, ceramistas, caçadores e pescadores. É possível afirmar que houveram muitos confrontos entre os indígenas e os colonizadores portugueses e espanhóis nesse território. Vale salientar que o povo tupy-guarani sofreu grande redução territorial e que as consequências são sofridas até hoje pelos seus descendentes.

Outro fato marcante para o município é ter servido de palco para as tratativas da saga farroupilha, pois, foi à sombra do cipreste – ainda existente – que os guerreiros farroupilhas traçaram estratégias para invadir Porto Alegre e proclamar a República Piratini. Na tarde de 19 de setembro de 1835 saiu da Praia da Alegria a primeira leva de farrapos, sob o comando de Onofre Pires e Angelico Jardim, para o combate na Ponte da Azenha, em Porto Alegre. A casa de Gomes Jardim, um dos líderes dos farroupilhas, fica situada em frente ao cipreste no centro da cidade. Em razão disso, o município recebeu o codinome de Berço da Revolução Farroupilha.

Na atualidade, o município tem cerca de 100 mil habitantes. A acessibilidade conta com o transporte rodoviário e hidroviário. A cidade possui dez grandes empresas, destacando-se a CMPC – Celulose Riograndense, que é a segunda maior fábrica de celulose da América Latina. Uma peculiaridade da cidade é a linda vista à beira do Lago Guaíba, que mostra Porto Alegre. Nesse espaço os moradores da cidade costumam se reunir nos finais de semana.

É nesse cenário que se desenvolve a pesquisa em questão, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Anita Garibaldi (figura 2), situada no bairro Alegria.

Figura 2 – E.M.E.F Anita Garibaldi



Fonte: Acervo da pesquisadora.

A escola apresenta uma boa estrutura física, toda de alvenaria, com pátio cercado e lajeado (figura 3), arborizada, com vigilante para maior proteção. Apresenta dez salas de aula, sendo quatro para os anos finais, distribuídas nas Salas Ambientais de: Língua Portuguesa e Literatura, Matemática, História e Geografia, Arte, Ensino Religioso, Ciências e Língua Inglesa. As outras seis salas são quatro para os anos iniciais, uma para Educação Infantil e uma para Sala de Recursos Pedagógicos (SRP) e Atendimento Especializado Educacional (AEE). A Educação Física, dos anos finais, é no contraturno, perfazendo a carga semanal de 23 horas.

Figura 3 – Pátio da escola



Fonte: Acervo da pesquisadora.

A instituição atende alunos do ensino fundamental, num total de 396 alunos, em dois turnos – manhã e tarde –, servindo merenda diariamente, fornecida pela mantenedora e algumas vezes complementadas com recursos próprios. Toda a comunidade escolar está mobilizada no sentido de manter a escola apresentável, contando com trabalho de assessoramento pedagógico, psicológico e fonoaudiológico, oportunizado pela mantenedora.

Nos últimos cinco anos houve uma mudança significativa no quadro de professores da escola, ocorreram muitas aposentadorias, resultando no ingresso de novos professores. Porém, a habilidade de acolhimento que é uma característica presente nessa instituição contribui para que o trabalho desenvolvido nesse espaço seja colaborativo e participativo. Nesse sentido,

observa-se que mesmo os professores jovens, recém chegados ao magistério, logo incorporam esse estilo de trabalho em seus planejamentos (figura 4). A equipe diretiva faz a mediação entre os docentes e a comunidade, estimulando a participação de todos.

Figura 4 – Professora desenvolvendo conteúdo de Arte



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Neste ano de pandemia, notadamente, não se poupou esforços para se estar próximas da comunidade, fortalecendo os vínculos já existentes. Mesmo seguindo os protocolos, foram realizadas visitas às casas de alunos, videochamadas para orientar as famílias, criação de um pequeno grupo de mães de alunos especiais, com o objetivo de escuta e orientação em relação ao manejo das crianças. Investiu-se em reuniões online para comunidade, abordando temas que fossem pertinentes às demandas observadas no mês. Há uma parceria entre a equipe diretiva e os professores, os temas que são desenvolvidos com a comunidade, são explorados nos conteúdos com os alunos.

O assessoramento psicológico é realizado na escola e pelo Serviço de Saúde Mental da Infância e Adolescência. A triagem é feita pela orientadora educacional da escola, conforme as necessidades apresentadas, e o trabalho é desenvolvido de forma individualizada e/ou em grupos (figura 5). A escola também conta com o apoio dos CAPS do município, para atendimento dos alunos que necessitam de psicoterapia.

Figura 5 – Orientadora em prática circular com os alunos



Fonte: Acervo da pesquisadora.

A escola compõe o grupo de escolas do município que participa do projeto Programa Saúde na Escola (PSE), desenvolvido desde 2017. Por isso, mantém parceria com os postos de saúde, sendo assessorada com palestras para os educandos, com temas relacionados à saúde (figura 6).

Figura 6 – Enfermeira do CAPS em palestra sobre Valorização da Vida



Fonte: Acervo da pesquisadora.

A psicóloga da SME responsável pelo assessoramento vai à escola uma vez por semana e em conjunto com a orientadora observa os alunos, atende os responsáveis pelos mesmos, faz reunião com os professores e equipe diretiva (figura 7).

Figura 7 – Psicóloga da SME com alunos do 9º ano



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Também são realizados trabalhos com o grupo de professores em reuniões pedagógicas. A escola disponibiliza o SRP e o AEE, que atende alunos com NEE. Nesta caminhada, busca-se renovação e mudança na prática pedagógica, através de cursos de atualização e estudos (figura 8).

Figura 8 – Reunião pedagógica



Fonte: Acervo da pesquisadora.

A escola objetiva que os alunos sejam valorizados e possam sair como pessoas pró-ativas no mundo. Para tanto, conta com o apoio da comunidade escolar, que tem participação ativa através do CPM e do Conselho Escolar, com a presença constante dos responsáveis nas reuniões e nos conselhos de classe (figura 9).

Figura 9 – Reunião com a comunidade escolar



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Constatou-se a importância do uso diário do uniforme pelos o alunos, porque assim todos são identificados e há maior segurança, principalmente quando saem da escola, em passeios ou atividades culturais.

4.2 Participantes da Pesquisa

Participaram da pesquisa sete professores que atuam na turma de 6º ano da escola. Esses educadores, fazem parte do quadro efetivo nesta instituição há pelo menos dois anos. Todos desenvolvem seu trabalho na área que possuem a graduação.

Optou-se por realizar essa pesquisa com os professores que trabalham com o 6º ano, por observar que há muitas peculiaridades que se salientam em uma sala de aula com alunos desse nível de ensino. Fato que exige uma maior dedicação no desempenho do educador. Ponto de relevância, onde acabam aparecendo questões latentes da profissão.

Cada vez mais, os professores trabalham em uma situação em que a distância entre a idealização da profissão e a realidade de trabalho tende a aumentar, em razão da complexidade e da multiplicidade de tarefas que são chamados a cumprir nas escolas. A nova situação, solicita, cada vez mais, que esse(a) profissional seja preparado(a) para exercer uma prática contextualizada, atenta às especificidades do

momento, à cultura local, ao alunado diverso em sua trajetória de vida e expectativas escolares. (GATTI *et al.*, 2011, p. 25).

A demanda exigida do educador, acaba por sobrecarregá-lo, podendo interferir em sua práxis.

4.3 Pesquisa de Campo

Este espaço destina-se a descrever os caminhos que foram percorridos para a produção dos dados dessa pesquisa. No primeiro parágrafo será descrito os trâmites que foram necessários para dar início ao processo de pesquisa de campo. Logo na sequência será elucidado como aconteceram as entrevistas e a dinâmica de grupo focal. Vale ressaltar, que devido ao período pandêmico, as escutas aconteceram de forma online pela plataforma google meet. Por fim, será exposto os procedimentos realizados para o tratamento dos dados colhidos. Salienta-se, que para realização desta pesquisa, optou-se por utilizar a proposta de estudo de caso, compreendeu-se que essa técnica possibilitaria uma leitura mais profunda da realidade.

4.4 O Caminho

Antes de iniciar o processo de pesquisa de campo, foi necessário acessar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, da Universidade La Salle – que solicitou alguns documentos, como: Informações básicas do projeto; Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; Formulário de Encaminhamento do Projeto de Pesquisa; Declaração de Instituição e Infraestrutura; Folha de Rosto; Projeto detalhado. Estes comprovantes foram necessários, para que a pesquisa seguisse seu curso.

De posse do aceite do CEP, iniciou-se o convite aos docentes para que participassem desse estudo, de nove professores obteve-se o sim de sete.

1- Entrevista

No primeiro momento desta etapa, testou-se a entrevista piloto com um dos professores participantes, onde se evidenciou a necessidade de se reestruturar o roteiro, tornando a entrevista mais direta e completa para alcançar o objetivo proposto no escopo da pesquisa.

Durante as entrevistas individuais, vivenciou-se momentos muito ricos de entrega dos docentes à temática, em um clima de confiança que reverberou para percepção que todos estávamos envolvidos e acreditando na contribuição de uma parcela importante de produção de conhecimento para categoria do magistério. Pode-se considerar, na realização das mesmas, a observação das expressões, a percepção da palavra não dita, o desviar de olhos, quando a questão ensejava uma resposta muito subjetiva, possibilitando no transcorrer da dinâmica retomar algumas possíveis dúvidas. Segundo Lüdke e André (1986, p. 34), a grande vantagem dessa técnica em relação às outras “[...] é que ela permite a captação imediata e coerente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”. De acordo com os autores, a entrevista semiestruturada permite que uma questão seja amplamente explorada. Possibilitando ao pesquisador inserir outras questões que possam vir a surgir no momento da entrevista. Estabelece-se uma dialogicidade entre entrevistado e entrevistador, onde peculiaridades da subjetividade podem ser captadas com maior precisão.

Em consonância com os autores, que a escolha por esse instrumento de pesquisa definiu-se, justamente por possibilitar ao participante uma comunicação mais facilitada. Durante esse percurso, pode-se constatar que as escolhas são necessárias a todo momento, inclusive no que tange a necessidade de foco no que se está investigando. Nesse intuito, procurou-se estabelecer uma dialogicidade entre pesquisadora e entrevistado, compreendeu-se que esse movimento, possibilitaria uma flexibilidade de retomadas durante o processo de entrevista.

As entrevistas semiestruturadas seguiram um roteiro pré estabelecido e duraram em média uma hora. Foram gravadas e posteriormente transcritas. O roteiro da entrevista pode ser observado no Apêndice A.

2 - Grupo Focal

Na presente pesquisa, acreditou-se que a forma mais adequada de motivar os docentes a expor suas reflexões, tristezas e alegrias em relação ao magistério, deveria ser por meio de uma roda de conversas em grupo, orientadas por um roteiro que tivesse flexibilidade tal, para que os mesmos se colocassem quando sentissem oportuno complementar a resposta do colega, redirecionar o assunto e interagir com a pesquisadora. Por isso, considerou-se como sendo a estratégia mais adequada a realização do grupo focal.

Esta é uma das principais técnicas de investigação, que se apropriou da dinâmica de grupo, permitindo a um pequeno número de participantes ser guiado por um

moderador qualificado, procurando alcançar níveis crescentes de compreensão e aprofundamento de um tema em estudo (DEBUS, 2004, p. 3).

Nesta concepção, por dar oportunidade aos participantes de exporem aberta e detalhadamente seu ponto de vista, é capaz de trazer à tona respostas mais completas, permitindo ao pesquisador conhecer melhor e mais profundamente o grupo pesquisado. O grupo focal representa uma técnica de coleta de dados que a partir da interação grupal, promove ampla problematização sobre o tema ou foco específico. É um técnica que integra, discute, avalia o tema proposto, sendo flexível e dinâmico, porque na primeira etapa do trabalho são realizadas atividades de acolhida, cujo comportamento pode envolver o grupo durante a reunião. Para a efetivação dessa técnica, foi tratado previamente com os participantes, dia e horário para o encontro online. No primeiro momento do encontro, se explicou o roteiro o qual seria seguido. Como recurso, para reflexão e explosão de ideias se usou o videoclipe da música *The Wall*, da banda Pink Floyd, logo na sequência os professores teceram suas impressões a respeito da mensagem exposta no vídeo. Em seguida, a seguinte questão, foi lançada ao grupo: A falta de investimento social e político na educação pública e na carreira docente, poderá suscitar no protagonismo do professor questões que podem impactar a prática pedagógica? De que maneira?

Os docentes participaram inferindo colocações a respeito do tema, discussão necessária para auferição das informações. Interessante salientar que, o momento foi extremamente proveitoso, pode se observar a importância que foi para esses docentes serem ouvidos ao falar de algo que não está bem e que precisa ser revertido. Participaram dessa dinâmica sete docentes e a mesma teve duração de duas horas. O roteiro do grupo focal, pode ser observado no Apêndice B.

1– Análise dos Dados

Basendo-se nos estudos realizados por Bardin, essa técnica foi escolhida para o tratamento dos dados que foram auferidos, porque permite uma interpretação crítica das informações obtidas. A análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento que se aplicam a discursos extremamente diversificados (BARDIN, 2011). Além disso, proporciona ao pesquisador um desvendar de questões explícitas e implícitas no processo de estudo do objeto, exigindo que o pesquisador empregue em seu desenvolvimento, rigor em suas etapas e que se utilize de recursos internos, como criatividade, intuição, imaginação e conhecimento.

Neste sentido, a parte inicial desse processo foi a transcrição das informações que surgiram nas entrevistas e no grupo focal e, após uma primeira leitura do material transcrito, sua textualização, transformando as falas em um texto narrado pela pesquisadora (pré-análise). Durante a fase de textualização, as informações mais relevantes para o objetivo da pesquisa foram emergindo e, nessa fase, iniciou-se a categorização dos dados, ou seja, a reunião das falas sobre um mesmo assunto em uma mesma unidade de análise (exploração do material). Posteriormente, associadas as falas sobre o mesmo assunto, e, sendo esse assunto relevante à presente pesquisa, buscou-se a interpretação em conjunto com os autores que discutem as temáticas abordadas pelos docentes participantes.

4.5 Perfil dos participantes da pesquisa

De acordo com os critérios elegidos os participantes da pesquisa apresentaram as seguintes características, formação na área de atuação, ter efetivo exercício com turma de alunos de 6º ano e ser professor concursado, no entanto, para além dos critérios previamente estabelecidos, pode-se concluir o perfil dos participantes da pesquisa, incluindo os dados apontados no primeiro bloco de questões da entrevista.

Os sete docentes entrevistados estão na faixa etária entre 30 e 50 anos, estão vinculados ao magistério por um período entre 06 a 20 anos, compondo um grupo heterogêneo em relação a esses aspectos.

Salienta-se que os sete professores entrevistados optaram pela carreira do magistério por identificarem-se com a docência, destaca-se que um dos participantes relatou ter se desvinculado de outra profissão, porquê sentia-se realizado ao exercer a profissão de professor.

Em relação a jornada de trabalho desenvolvida pelos docentes entrevistados, seis relataram cumprir quarenta horas de trabalho semanal e um docente afirmou desempenhar sessenta horas laborais. Salienta-se que dois docentes, desenvolvem trabalho de 20 horas em escola de outros municípios, acontecimento que não foi citado como sendo um desgaste. Desses participantes quatro dividem-se entre duas escolas para completar suas cargas de horário e apenas um docente está somente vinculado à escola pesquisada. Importante ressaltar que quatro desses docentes realizam o almoço na escola, porquê suas residências são distantes, aumentando sua permanência na instituição.

O grupo entrevistado, apresentou grande preocupação com a questão de suas formações, característica evidenciada na constatação que os entrevistados investem em sua

qualificação profissional. Apenas um dos participantes não possui pós-graduação, dentre os demais professores: um possui duas especializações, dois são mestrandos, um está em fase de conclusão do curso de mestrado e os outros dois possuem doutorado. Em suma os entrevistados citaram em suas narrativas que acreditam na importância da formação para desempenhar um trabalho de qualidade.

Ressalta-se que com o intuito de preservar a identidade dos participantes desse estudo, utilizou-se a letra P e um numeral.

Para esclarecer as informações pessoais e profissionais do grupo participante desse estudo, elaborou-se um quadro demonstrativo:

Quadro 2 – Informações pessoais do grupo

PROFESSOR	FAIXA ETÁRIA	FORMAÇÃO	TEMPO EM QUE ATUA NO MAGISTÉRIO	CARGA HORÁRIA NA ESCOLA	VÍNCULO INSTITUCIONAL EM OUTRA ESCOLA
P1	49 anos	Pós-graduação	20 anos	40h	Sim
P2	48 anos	Pós-graduação	17 anos	30h	Sim
P3	38 anos	Graduação	17 anos	20 h	Sim
P4	41 anos	Pó- graduação	6 anos	10h	Sim
P5	38 anos	Pós-graduação	17 anos	40h	Sim
P6	41 anos	Pós-graduação	10 anos	20h	Sim
P7	35 anos	Pós-graduação	13 anos	20h	Não

Fonte: Produzido pela pesquisadora, 2021.

5 MAL-ESTAR/BEM-ESTAR DOCENTE: O QUE FALAM OS PROFESSORES

Neste capítulo apresenta-se a análise dos dados qualitativos auferidos neste estudo. Para isso, busca-se realizar uma abordagem contextualizada das informações produzidas, baseando-se nos instrumentos utilizados, o referencial adotado e a discussão teórica que foi realizada até o momento.

Considera-se o problema: De que maneira o mal-estar docente repercute no protagonismo profissional em sala de aula, em relação à prática pedagógica? E os objetivos: Identificar os elementos que intensificam o mal-estar docente na escola investigada; Verificar de que maneira as condições de trabalho afetam as formas de como o professor assume o seu papel no processo educativo; Analisar quais políticas públicas poderão dar suporte à minimização do impacto do mal-estar docente e quais ações poderão ser apresentadas, com o propósito de promover o bem-estar docente no contexto da escola investigada. Em torno destes objetivos se estruturou a pesquisa, com intuito de encontrar possíveis respostas e significados que possam legitimar tais indagações.

Com o intuito de alcançar os objetivos traçados para esta pesquisa e encontrar respostas ao problema, citado anteriormente, nesta parte do estudo utilizou-se os seguintes instrumentos: entrevista semiestruturada e grupo focal, ambos realizadas em ocasiões distintas. Todavia, foi relevada a característica de cada dinâmica, por isso, as entrevistas aconteceram de forma individual e o grupo focal foi realizado em grupo. Destes momentos, baseando-se na análise de conteúdo de Bardin, foi possível realizar a categorização dos dados. Após, com o objetivo de organizar a apresentação, considerou-se ser pertinente dividir as categorias por eixos, de acordo com as questões da entrevista e do grupo focal. Sendo que o 1º constituiu as 05 categorias que emergiram das narrativas dos professores sobre “Ser professor”: sobrecarga de trabalho, desvalorização, indisciplina, déficit de formação, realização profissional. O 2º eixo originou 01 categoria sobre “Patologia”: adoecimento docente. E o 3º eixo formou a categoria referente ao tema “Reflexão docente”; relevância social e política neoliberal.

As mesmas, serão analisadas e contextualizadas em um diálogo entre os docentes participantes, os autores e a pesquisadora, as categorias emergentes.

5.1 Eixo 1- Ser Professor

5.1.1 Categoria Sobrecarga de Trabalho

A presente categoria, abarca em seu bojo, as reflexões dos docentes que acreditam, que durante o seu trabalho, realizam ações que vão além das suas funções de professor. Conforme os relatos, atualmente na educação básica são atribuídas aos professores, funções diversas e complexas que exige uma performance esgotante e, muito além, quando não atingem os objetivos é o sentimento de culpabilização estigmatizado-os pelo fracasso.

Neste sentido a narrativa dos docentes participantes, revelou a forma intensa do trabalho que realizam diariamente, carecendo de atenção, compreende-se que se pode sim, impactar a qualidade do proceso de ensino. Sobre esta concepção, Esteve explicita que:

[...] o professor está sobrecarregado de trabalho, obrigando-se a realizar uma atividade fragmentária, na qual deve lutar, simultaneamente, e em frentes distintas: deve manter a disciplina suficiente, mas ser simpático e afetuoso; deve atender individualmente as crianças sobressalentes que queiram ir mais depressa, mas também aos mais lerdos, que tem de ir mais devagar, deve cuidar do ambiente da sala de aula, programar, avaliar, orientar, receber os pais e colocá-los a par dos progressos de seus filhos, organizar diversas atividades para o centro, atender frequentemente a problemas burocráticos [...], a lista de exigências parece não ter fim. (ESTEVE, 1999, p. 59).

O autor corrobora, legitimando em sua escrita a panaceia de tarefas que é jogada em cima dos docentes, sucumbindo-os e enfraquecendo o potencial pedagógico do ensino/aprendizagem, que poderia fluir com maior plenitude, caso os profissionais da educação não estivessem demasiadamente sendo exigidos a desempenhar funções outras. Nesse constructo, observa-se que a excessiva demanda exigida aos professores, contribui para o enlutamento da identidade profissional docente, que acumulado ingressa nesse labirinto de funções, perdendo o controle de seu objetivo principal. Porque em razão da demanda que os educandos trazem para dentro da sala de aula o docente, necessita de respaldo de profissionais de outras áreas, não porque seja incapaz, mas sim porque sua formação está vinculada, estruturada às questões pedagógicas, que considerando as necessidades da maioria dos educandos, não consegue alcançar por si o sucesso escolar de boa parte da clientela de escola pública.

[...] há algum tempo o professor é sobrecarregado, tanto profissional como emocionalmente, porquê ele tem que dar conta do seu planejamento, ele tem que dar conta do conteúdo, ele tem que apresentar resultados para mantenedora que joga isso

diretamente na direção da escola (...) ele tem que tomar conta do lado pessoal de cada aluno que está dentro de sua sala de aula [...] (Narrativa do professor P1).

Ao se analisar a sobrecarga do trabalho docente, constata-se que as narrativas dos professores desvelam apenas a ponta de um grande iceberg, porquê motiva a olhar mais a fundo da complexidade da prática de ser professor. A atividade docente é extremamente delicada, se fundamenta em um trabalho que necessita de vínculos e afetividade, para que se estabeleça uma confiança mútua na relação professor/aluno. As narrativas a seguir, revelam de maneira pontual, como os docentes sentem a sobrecarga de trabalho, tanto no período pandêmico, como anteriormente: “Me sinto mais cansado agora no virtual, do que antes no presencial, pois agora temos mais desafios...as correções das atividades, a falta de contato presencial para alcançar melhor o aluno...Mais produção de material didático” (Narrativa do professor P4)

[...] me sinto sobrecarregado, porquê não é só o conteúdo (...) são muitas coisa que fogem da minha alçada, fico preocupado, tem gente que consegue trabalhar durante a semana e ok eu não, fico pensando, fico interiormente com aquilo...É culpa do Estado, que não faz o seu papel e isso recai sobre a gente, ter que fazer vaquinha para comprar cesta básica para aluno [...] (Narrativa do professor P7).

Essa ótica, suscita a ideia de como deve ser difícil ao educador da escola, ter uma exigência social em suas mãos e não conseguir atender com eficácia em razão de um sistema de governo que não oportuniza condições ideais ao desempenho do trabalho do professor, que agravou-se na pandemia, onde os professores foram chamados a dar conta, sem consulta alguma, a respeito de possuírem aparelho de computador e ter acesso a internet. Reflete-se a respeito do espaço abdicado das famílias ao transferir para escola a educação plena dos seus filhos, tal falta de posicionamento contribuiu negativamente ao acúmulo de funções à escola, o que resultou para perda da identidade docente, aspecto que é marco de fortalecimento no que tange a profissionalidade dos professores.

A nossa identidade é um lugar quente, aconchegante, generoso onde podemos nos proteger quando o mundo em volta parece ruir. Um grupo se fortalece quando coabita dos mesmos interesses, das mesmas necessidades, as mesmas motivações e dificuldades (CODO, 2002, p. 351).

Entende-se que a despersonalização da função docente, devido às facetas que ao professor foi imposto assumir, causa uma ruptura enfraquecendo o processo de profissionalidade docente que é construído ao longo de seu percurso profissional, acredita-se que esse processo é dicotômico, e que poderá servir para uma mudança que direcionará o

professor de uma formação centrada no conteúdo para um profissional que assumirá uma relação salutar perante as demandas da comunidade em que está inserido. Todavia, importa explicar que esse movimento sugere uma transição, porque a escola vitriniza as mudanças sociais e a sociedade desse século necessita de uma escola que contemple mais que o pedagógico. Entretanto, é necessário que se pense e operacionalizem bases que assegurem ao docente realizar tal feito, de maneira consubstanciada alicerçado em formação que prepare os profissionais para desenvolverem essas outras competências.

[...] a burocracia cansa, principalmente nesse momento de pandemia os relatórios, caderno de chamada sei que é necessário, mas, isso me estressa, porquê poderia ser mais simples e foram complicadas. Essa burocracia, aumenta o nosso horário de trabalho [...] (Narrativa do professor P2).

O período pandêmico, aumentou a carga de trabalho dos professores e escancarou a necessidade dos docentes “mostrarem serviço”, tiveram que relatar seus passos em relatórios, plataformas, participar de Lives e reuniões para justificarem o dia trabalhado, tensionando a prática pedagógica, os holofotes foram lançados para prática docentes.

De acordo com Nóvoa:

[...] a tendência no sentido de intensificação do trabalho dos professores, com uma inflação de tarefas diárias e uma sobrecarga permanente de actividades: “A intensificação leva os professores a seguir por atalhos, a economizar esforços, a realizar apenas o essencial para cumprir a tarefa que têm entre as mãos; obriga os professores a apoiarem-se cada vez mais nos especialistas, a esperarem que lhes digam o que fazer, iniciando-se um processo de depreciação da experiência e das capacidades adquiridas ao longo dos anos. A qualidade cede lugar à quantidade. (NÓVOA, 1999, p. 55).

A docência como atividade intelectual, parece ter perdido o sentido, para dar espaço há um profissional proletarizado que é avaliado pelo quanto produz, numa lógica empresarial, que não valoriza e nem estimula a qualidade e ou o processo, mas sim foca na quantidade de tarefas executadas. Vale ressaltar, que não se pretende com tal constatação, concluir que o caminho é apenas nefasto e finito, há apontamentos importantes que podem reverberar e iniciar a construção de uma identidade docente, mais preparada para lógica desse tempo. Como citado em parágrafo anterior, está se vivenciando uma fase de transição, talvez não percebida pelos professores, que parecem andar perdidos, titubeando em suas ações e aguardando que ao estalar de dedos alguém mostre a fórmula mágica que irá solucionar os males que se incrustaram no meio docente.

Infere-se que o plano para que a mudança positiva se concretize seria o ajuste e o planejamento de uma formação que contemple não apenas os saberes exteriores, mas que valorize a experiência vivenciada pelos professores, oportunizando um espaço de troca entre pares. Nesse sentido, a formação não seria apenas uma oportunidade para acúmulo de certificados, mas, uma alavanca propulsora de mudanças significativas na construção da profissionalidade docente.

No relato do próximo docente, pode-se compreender o quanto as questões burocráticas tornam o seu trabalho mais sobrecarregado: “[...] a demanda de trabalho que vem para nós professores é enorme, o que mais me sobrecarrega são as datas que devem ser cumpridas com a equipe diretiva” (Narrativa do professor P3).

Diante do relato do docente P3, reflete-se o quanto o trabalho do professor para ser legitimado está circundado por burocracias e exigências que corroboram ao extrapolemamento das atividades desse profissional. Considerando a fala do docente, subentende-se que há uma pressão grande de cobranças, que parecem ser gatilhos para desencadear estresse no docente.

Corroborando Lazzari, infere:

O acúmulo de tarefas e responsabilidades que esses profissionais passaram a assumir têm sobrecarregado suas vidas, por vezes deparando-se com certas situações muito distantes das teorias e da formação acadêmica a que foram expostos, necessitando buscar mais qualificação. (LAZZARI, 2015, p. 96).

Analisa-se que a multifuncionalidade a qual o sistema atrelou o docente, exige um profissional requalificado, a formação inicial que os professores realizaram antes de ingressarem no magistério, está fora de responder as necessidades da educação deste século. Acredita-se que formações aligeiradas com objetivos vagos, não irão potencializar a atuação desse docente, porquê são muitas as atribuições. Nesta perspectiva, Gregorin, afirma que “as novas cobranças que estão sob o docente evidenciam o quanto o campo dessa profissão tem se expandido, o que torna a formação qualificada necessária para a melhora do sistema escolar” (2016, p. 70).

Conforme o autor, a formação qualificada torna-se imperiosa na construção profissional e de profissionalidade docente que é marcada por uma fragilidade, necessitando corresponder as mudanças sociais, mas devido as limitações do sistema educacional movimenta-se de maneira muito lenta, fato que engatilha outras demandas (GREGORIN, 2016). De acordo com o professor P5, “[...] o planejamento e a demanda da sala de aula exige muito do professor, a inclusão é um planejamento a mais”.

O professor citado, reflete a respeito das situações que surgem em sua aula e que necessitam de uma atenção especial, como as adaptações pedagógicas necessárias ao atendimento do estudante especial. Essa ação é muito delicada e exige um esforço mais concentrado do docente, devido as peculiaridades do estudante que tem o direito de ser atendido, no entanto, nessa mesma sala de aula há outras demandas que exigem a atenção do docente. Observa-se que é uma alta sobrecarga de trabalho, envolvimento emocional e expectativas em relação a eficiência do trabalho que está sendo desenvolvido. Situação, que devido a sua complexidade poderá não ser exitosa, ocasionando frustração e auto culpabilização do docente.

5.1.2 Desvalorização docente

Essa categoria, apresenta como escopo, as inferências dos docentes em relação a desvalorização que vivenciam em sua profissão, tendo suas funções e direitos invisibilizados e tendo que assumir diversas facetas, na tentativa de dar conta da tarefa imposta. Em um jogo paradoxal e inglória, que comprove a sociedade o quanto são importantes.

Desde já, acha-se oportuno, inferir que o impulso para mudança na estrutura da categoria docente, poderá surgir no próprio chão da escola, quando os professores conseguirem se organizar para estudar e delinear sua própria forma de enfoque em sua prática, forjando para que a mudança seja construída de baixo para cima, porque da forma desrespeitosa e descomprometida com a qual o governo desconsidera a educação, seria utopia imaginar a mudança educacional acontecendo de outra maneira.

A seguir, pode-se constatar como os docentes, sentem-se em relação a desvalorização profissional, relatando como observam as expectativas sociais em relação à sua prática.

Então eu vejo o professor tratado como um auxiliar administrativo, aquela pessoa auxiliar na vida do aluno, pois para sociedade o principal não é formar pessoas melhores e sim cuidar das crianças e dos adolescentes naquele período, se ele for bem cuidado, comer a merenda, se for bem tratado se receber curativo, se ele for agasalhado para família será bom. Pode não aprender nada, mas para maioria da população esse não é o primeiro objetivo pelo qual as crianças são deixadas na escola e isso é muito frustrante, essa falta de identidade do profissional (Narrativa do professor P1).

O docente P1, revela em sua fala o quanto o exercício da profissão no magistério está desfocado e o quanto o professor se sente cobrado, por uma sociedade que não contempla na escola o seu objetivo principal que é o desenvolvimento da aprendizagem. Tal constatação,

gera um sentimento de frustração neste profissional, ao relatar sua visão em relação a esse tema, o professor demonstrou em sua fala uma indignação, que observo ser legitimada pela realidade em que se encontra o magistério, os professores tendo que abarcar funções que não dizem respeito a sua função. A sociedade contemporânea atribuiu aos professores o compromisso de exercer a maternagem, realizar os cuidados que as famílias não conseguem, ou abrem mão de realizar em relação aos seus filhos. Essa realidade está presente dentro da sala de aula e soma-se a tantas outras urgências que surgem naquele espaço, contribuindo para o excesso de atividades dos docentes. De acordo com Meireles:

A mudança no contexto e nas demandas sociais acarreta novas expectativas da sociedade sobre os professores, ao mesmo tempo em que confia à escola e aos docentes intensas responsabilidades antes atribuídas à família, no que se refere à tarefa educativa (MEIRELES, 2019, p. 40).

Aponta-se que as limitações encontradas para gerenciar e/ou corresponder as atribuições que são impostas aos docentes, acabam por corroborar com a produção do mal-estar docente. A soma de funções inadequadas e contraditórias atreladas ao desempenho do professor acarreta o esgotamento físico e mental desses profissionais. Evidencia-se, que o extrapolamento de funções derrubadas nos professores, revela uma desvalorização, que em nenhum momento é considerado pela sociedade como um profissional com objetivos, mas sim, como um faz tudo, sempre pronto para atender. Essa situação, é revelada no discurso da seguinte professora: “[...] ser valorizada, ser reconhecida e ter mais horas para planejar, um salário melhor, uma carga menor, para que se possa manter uma vida confortável ...e uma melhor qualidade de aula para os alunos” (Narrativa do professor P5).

Ao escutar a fala da professora, evidencia-se o tanto de esforço que é exigido do docente, visto que, além das dificuldades oriundas da rotina da profissão, necessita se desdobrar em horas para garantir um salário que lhe permita desfrutar de um pouco de conforto com sua família. Conforto questionável, considerando a quantidade de trabalho que precisa executar em horas que seriam de lazer.

Outra questão que chama atenção, fica expressa no relato do professor P7: “a desvalorização na sociedade, está evidente, principalmente neste período pandêmico, porquê não tivemos o direito de fazer a vacina, em relação a outras categorias” (Narrativa do professor P7). O professor pronuncia essas palavras em tom de desabafo, que expressa o quanto foi afetado nesse momento de pandemia, inclusive no que tange as prioridades em relação a vacinação. Esse episódio, escancarou, na visão desse docente, o quanto não é prioridade quando o assunto é consideração e valorização. Todos foram exigidos em demasia

nesse período e mais uma vez pouco valorizados. Na organização dos grupos para vacinação, ficaram abaixo de outras categorias que apresentam um fluxo menos elevado de trabalho e maior para manter o distanciamento.

Outro professor revela sua reflexão sobre, como sente-se em relação a desvalorização docente: “[...] queria que nossa profissão fosse mais valorizada, que fossemos vistos com mais admiração, respeito [...]” (Narrativa do professor P2). Os professores reverberam em suas falas o reflexo que absorvem a respeito de como a sociedade e o governo respondem às suas ações, geralmente, culpabilizando ou atribuindo o significado de incompetência aos docentes, pelo fato dos mesmos não conseguirem dar conta de parte das atribuições que lhes são exigidas. O docente P4 corrobora com o relato de como sente a desvalorização na profissão:

[...] acredito que pelo contexto neoliberal, a desvalorização do salário, a precarização do trabalho docente a retirada de direitos do plano de carreira, tudo isso desmotiva...Então penso, que a desvalorização social e política pesa muito... A sociedade e a mídia, questiona o papel do professor de maneira negativa [...]
(Narrativa do professor P4)

Neste relato, o professor revela a sua desmotivação frente a profissão, devido as mudanças que gradativamente vem ocorrendo no plano de carreira dos docentes, que envolvem as retiradas de direitos, como por exemplo, o direito a incorporar as horas do ret (regime especial de trabalho) na sua aposentadoria, isso causa uma instabilidade, porque vive angustiada com as incertezas de sua vida profissional. Na mesma direção desse fato Costa, informa: “[...] deve-se considerar fatores externos como os planos de evolução na carreira, os salários e o próprio sistema educacional, pois, de certo modo, podem influenciar o desempenho profissional dos docentes” (2019, p. 39).

Certamente a subjetividade e o fazer docente são abalados por todas as questões que permeiam a sua vida profissional. Exercer a docência sentindo-se respeitado, valorizado e tendo um plano de carreira estabelecido, permite ao professor uma oxigenação para desenvolver um trabalho de qualidade, com criatividade e motivação. Situação que fica difícil de se estabelecer quando se está inserido em um sistema que culpabiliza e retira direitos, apoiado pela sociedade, rótula a categoria docente com o estigma de menos valia.

Nesta perspectiva, se reforça a análise da importância de os educadores se articularem e assumirem que a mudança se faz necessária e urgente, esse seria o aguilhão contra o fracasso da profissão.

É preciso dizer que neste processo de reconfiguração da profissão docente e de invenção de uma identidade profissional a formação contínua ocupa um lugar decisivo. Os professores têm de abandonar uma atitude defensiva e “tomar a palavra” na construção do futuro da escola e da sua profissão. (NÓVOA, 1999, p. 48, grifo do autor).

Com vistas a ressignificar o mal-estar docente que está imbricado na vida profissional dos professores e que através da literatura e relato dos próprios docentes, constata-se que tem reflexos importantes na vida pessoal dos professores, uma vez que atinge a saúde. Será necessário a reflexão por parte da categoria em relação a profissão para que se organizem espaços que considerem a subjetividade do professor, seria a escola, acolhendo a coletividade docente. A mudança e a reconfiguração da identidade profissional perpassa por muitos caminhos, mas os passos iniciais devem partir do professor, este é o principal agente dessa mudança.

5.1.3 Indisciplina

Na escuta das narrativas dos professores participantes deste estudo, pode-se analisar que as questões de indisciplina que permeiam a sala de aula, carecem de uma atenção. “[...] é uma demanda que exige muito de mim, é uma aula muito cansativa, às vezes eu fico mais tempo na organização, na explicação do que propriamente no desenvolvimento do exercício” (Narrativa do professor P7).

É possível, ao escutar o relato do professor P7, sentir que as situações que emergem durante as aulas exigem respostas do docente que não estão previstas no planejamento diário e que por isso, demandam um esforço que muitas vezes acaba por esgotar esse profissional. Igualmente se considera nesta narrativa, que há um sentimento de impotência no professor, todavia, que sabe das suas responsabilidades e cobranças, no entanto, não consegue com suas ações resolver todas as questões que surgem em sua sala de aula. Pode-se, encontrar similaridade da fala do professor P7, com o questionamento a seguir de Codo:

Que forças terá esse professor para continuar assumindo tanta responsabilidade, para ser criativo nas aulas, para manter a relação afetiva favorável com seus alunos, para importar-se com o resultado final do período letivo? Com certeza, será uma força limitada e não muito resistente aos aborrecimentos do dia-a-dia. (CODO, 2002, p. 298).

De acordo com o Codo (2002), acredita-se que essas situações são desmotivadoras e frustrantes, causam impotência ao educador, porque a eficácia e/ou qualidade de sua aula não

é algo que dependa única e exclusivamente da sua competência profissional. Além da falta de recursos importantes na escola, existe a falta de engajamento parental, as famílias estão distantes desse espaço, não consideram-se pertencentes ou responsáveis por o que ali acontece com seu filho, antes, colocam-se como juízes para apontar falhas e culpabilizar os docentes pela falta de qualidade no trabalho.

Importa registrar que por outro viés, analisa-se o relato do professor P2, que faz uma leitura subjetiva a respeito da indisciplina:

[...] as questões de indisciplina me incomodam, no entanto, não vejo como algo pessoal que me impede de dar a aula, eu vejo, que se eu estiver bem, conseguirei resolver melhor essas questões...é que o professor quando entra em uma sala de aula ele trás consigo várias questões e isso às vezes, acaba interferindo no relacionamento com os alunos. (Narrativa do professor P2).

Analisa-se no discurso desse docente, que o mesmo consegue se perceber como parte indissociada do processo que ocorre em sala de aula como um todo. É, tão usual se usar a expressão “ver o aluno como um todo”, aqui se está vendo o professor como um todo, e constata-se que ao fazer esse movimento, o próprio docente encontra mecanismos estratégicos para ter uma melhor qualidade no trabalho que desempenha. Isso reforça, o apontamento que refere a mudança educacional, partindo de transformações intrínsecas que ao longo da caminhada de profissionalização do docente foi se internalizando. Realidade que parece condicionar o professor a crer que a mudança virá externamente, claro que, a análise que se está tecendo, não pretende visualizar o fim dos males da educação como sendo um processo único e exclusivo dos professores. Implica ressaltar que, há muito para ser construído para um amparo consubstanciado para categoria docente, e isso remete á vontade e comprometimento político. Mas não se pode deixar de refletir que os docentes devem fazer parte da mudança e não apenas esperar por ela, pensar dessa forma é muito raso e utópico, causando o andar em círculos em que se encontra a categoria dos professores.

No relato a seguir, o docente expressa o quanto é difícil para ele as questões que envolvem a indisciplina: “[...] no presencial era terrível, porquê eles são muito agitados” (Narrativa do professor P3). É sensibilizante analisar essa narrativa, subentende-se o quanto é dificultoso para o docente administrar as situações de indisciplina que surgem durante sua aula, somado a esse fato o professor deverá dar conta de ministrar o conteúdo de maneira que, o mesmo contemple as necessidades de todos os estudantes que no momento da aula estão sob sua responsabilidade. Para alcançar tal objetivo, o professor se utiliza de recursos internos, da expressão de seu corpo e timbre de voz para implementar sua aula e desenvolver o

conteúdo, considerando as singularidades daquele coletivo. Esse enorme esforço que é realizado diariamente pelo docente que é comprometido com sua profissão, certamente ao longo do dia produz um desgaste físico e mental. Entretanto, os professores não reverberam desesperança, apesar das limitações e dificuldades investem na profissão e desenvolvem o seu trabalho. Conforme afirma Codo (1999, p. 328):

No caso do educador, seu saber -fazer não necessita necessariamente de veículos específicos. O diálogo, a força da expressão, o movimento de seu corpo, de suas mãos, enfim, ele mesmo poderá se transformar num instrumento precioso de seu próprio conhecimento, prescindindo inclusive de meios que prolonguem ou afinem suas habilidades.

Assim, revela-se que o ponto nodal do trabalho pedagógico é intrinsecamente ligado a subjetividade docente, é ele quem dará o tom da aula, que usará de artimanhas para desenvolver um trabalho de qualidade. Ao contrário de um operário que precisa de máquinas e/ou ferramentas para desempenhar a sua função, o docente precisa do seu todo “pessoa”, uma vez que desenvolve o seu trabalho com pessoas. Esse pressuposto requer sensibilidade, olhar atento, escuta ativa entre outros recursos exclusivos dos seres humanos. A esse respeito, Pena, infere que “conhecimento e subjetividade garante ao professor o papel de sujeitos na definição do que deve haver de melhoria em suas condições de trabalho e saúde, conduzindo mudanças no limite do possível, visando a preservação da saúde” (2017, p. 16).

Conforme o pesquisador, salienta-se que a subjetividade docente como um dos pontos principais do processo de ensino, precisa estar em sintonia com as bases teóricas e experienciais que formam o docente, dando sentido de profissionalidade à sua ação. Acredita-se que esse binômio seja o lastro que possa potencializar a formação docente e intervir positivamente na construção da identidade do professor desse século.

5.1.4 Déficit na Formação Docente

É preciso sublinhar, que nesse estudo emergiu da fala dos professores questões relacionadas a falta de formação adequada para subsidiar determinadas situações, como por exemplo, a inclusão de educandos com necessidades especiais, clientela amparada por lei federal de 11 de setembro de 2001. Alguns professores passaram pelas universidades antes ou logo no início da vigência dessa lei, por isso não tiveram tempo de se apropriar logo no começo da profissão a respeito de questões básicas, porém de grande importância a respeito desses estudantes, bem como, proceder em relação a eles. Nos dois relatos a seguir fica

evidenciado o quanto as questões de déficit de formação impactam na prática dos professores, principalmente no que tange a inclusão de estudantes especiais: “[...] as questões de inclusão principalmente no 6º ano geram insegurança e depois, dependendo da situação uma frustração” (Narrativa do professor P1).

Eu vejo que as escolas ainda não estão preparadas, embora o município tenha todo esse amparo. Eu não tenho formação para trabalhar com aluno de inclusão (...) tinha um aluno com indícios de esquizofrenia, que eu tinha que cuidar o que eu iria falar para ele não se alterar, não me sinto preparada para esse tipo de situação, fico muito frustrada (Narrativa do professor P5).

Fica claro nesses registros, que as falas revelam a angústia desses docentes em se deparar com uma situação na qual não estão preparados e que por isso sentem frustração. A dedicação e empenho para desenvolver um trabalho de qualidade, muitas vezes não são suficientes ao docente, esbarrando em situações peculiares que acabam estancando sua ação. Além do investimento pedagógico necessário à evolução do processo de ensino aprendizagem dos estudantes, há o investimento emocional e as expectativas para acertar, que tornam-se mais sensíveis, quando se referem ao estudante especial. Conforme a fala desse professor, compreende-se que no seio desse movimento, ecoa um sentimento de despreparo, solidão profissional e grande frustração em não conseguir contemplar as necessidades desse estudante.

Conforme, Pena:

O ato de educar exige que o educador estabeleça um vínculo afetivo e emocional com o aluno, colocando à prova sua competência na condução do processo de ensino aprendido, em um trabalho teorizado, pensado e planejado com materiais didáticos e métodos corretos, utilizando os recursos do ensino adequados para abordagem com cada tipo de aluno e na relação com os familiares dos alunos (PENA, 2017, p. 11).

De acordo com Pena (2017), interpreta-se que novas aprendizagens se fazem necessárias no campo da escola no que se refere a formação docente, considerando-se as exigências necessárias de práxis, para que possam desenvolver um trabalho otimizado, produtivo que contemple as necessidades dos estudantes. Acredita-se que essas referências de aprendizagem, possam colaborar, com o bem-estar docente, uma vez que esse profissional se sentirá melhor amparado e seguro para uma abordagem mais eficaz.

Nesse sentido, Codo legitima que:

O déficit de meios ou instrumentos de trabalho invoca do trabalhador criatividade, procura de outros caminhos para atingir o mesmo objetivo, aposta na ação de seu

saber e/ou de sua experiência, o leva à produção de um saber-fazer do tipo experiencial, baseado muitas vezes na prática do ensaio e erro. Neste caso, os meios não lhe serão dados, antes, ele os construirá para seus próprios fins. (CODO, 1999, p. 329).

Isso significa que os professores podem realizar o seu trabalho, no entanto não existe varinha de condão, faz-se necessário fazer um giro ao redor para encontrar novas possibilidades. O curso de licenciatura legítima ao exercício da função, mas a formação docente deve ser contínua, a escola se transforma conforme a sociedade caminha. Entretanto, observo claramente que os docentes são arraigados as raízes de sua formação inicial, fenômeno que contribui negativamente às suas próprias necessidades.

Por outro lado, não se pode desconsiderar que o trabalho do professor carece de recursos pedagógicos necessários para realizar uma adaptação curricular de qualidade aos estudantes especiais. Nessa vertente, observa-se que esse possa ser um estopim para angústias e frustrações dos professores, que precisam fazer uma imersão em outros campos além do pedagógico, para compreender a necessidade especial de determinado estudante e realizar um trabalho condizente com um plano pedagógico adaptado, alcançando ou não o sucesso.

Conforme Gregorin,

[...] os professores trabalham excessivas horas semanais e não têm tempo nem espaço para aprofundar seus conhecimentos, inclusive com seus pares, devido ao tempo curto para se deslocar de uma escola a outra, cansaço físico e mental fora do período de trabalho, afazeres domésticos e o cuidado com a família, além de, muitas vezes, receberem honorários insuficientes para a demanda cultural tão necessária para seu aperfeiçoamento profissional (GREGORIN, 2016, p. 35).

Essa constatação do pesquisador, evidencia a falta de formação para os docentes abraçarem a demanda que lhes é exigida. No entanto, importa reforçar que a forma como o sistema educacional está organizado, não dá espaço suficiente para que esse feito possa se concretizar. O professor está com amarras que o envolvem não permitindo o seu crescimento profissional. Se analisarmos dentro do contexto atual, o binômio salário e tempo do docente, fica muito claro entender que o mesmo tem recursos quase que escassos para conseguir investir em cursos consubstanciados, que poderia alavancar a sua prática docente. Nesse sentido, torna-se inevitável surgir o sentimento de frustração por ter depositado energia em um plano de trabalho e não conseguir alcançar os objetivos almejados. A narrativa, a seguir explicita como esse professor vivencia essa atividade nesse momento de pendência:

[...] agora à distância está muito complicado esta questão, porquê eu tenho que atingir a todos os alunos com uma fala apenas, esse é um grande desafio, adaptar

para um ritmo de aprendizagem diferente. Antes eu fazia, atividades diferenciadas, elaboradas de acordo com a necessidade de cada um e conseguia conversar individualmente, hoje eu não posso, eu falo e todos estão ouvindo eu não posso direcionar a fala para um ou dois, isso é mais desafiador para o professor. (Narrativa do professor P3).

O docente aborda em sua fala a dificuldade que encontra para desenvolver uma atividade adaptada de maneira remota, devido à pandemia esse foi o único meio de atendimento possível aos educandos. Situação que ocasionou maiores dificuldades aos estudantes com necessidades especiais, conforme esse docente, sua abordagem pedagógica ficou muito limitada, sentindo-se desafiado, no entanto, sem muitas perspectivas devido a realidade do momento que não oferece outras alternativas. Diante da narrativa desse professor, emerge uma reflexão que traduz o quanto é importante os docentes saberem compreender e diferenciar o que é idealizado do que é possível, não como artimanha para fazer menos e se apoiar no raso, mas para que possa ter objetivos concretos que sirvam de argumentos plausíveis em suas pautas de reivindicação e, em suas formações continuadas. Nesta linha Gatti (2016), afirma que:

Os professores desenvolvem sua profissionalidade tanto pela sua formação básica e na graduação, como nas suas experiências com a prática docente, pelos relacionamentos inter-pares e com o contexto das redes de ensino. Esse desenvolvimento profissional parece, nos tempos atuais, configurar-se com condições que vão além das competências operativas e técnicas, aspecto muito enfatizado nos últimos anos, para configurar-se como uma integração de modos de agir e pensar, implicando num saber que inclui a mobilização de conhecimentos e métodos de trabalho, como também a mobilização de intenções, valores individuais e grupais, da cultura da escola; inclui confrontar idéias, crenças, práticas, rotinas, objetivos e papéis, no contexto do agir cotidiano, com seus alunos, colegas, gestores, na busca de melhor formar as crianças e jovens, e a si mesmos. (GATTI, 2016, p. 169).

Em consonância com a autora, compreende-se que a formação dos professores, se faz em suas práticas diárias, no contexto em que estão inseridos, cabe aos mesmos saber o que é oportuno para cada momento, conseguindo produzir sentido à sua prática (GATTI, 2016).

Os relatos a seguir, enfatizam as dificuldades que surgem para esses professores conseguirem realizar uma abordagem adequada a necessidades inclusivas: “[...] para mim, foi bem impactante, porquê na graduação nós não tivemos essa formação (inclusão) [...]” (Narrativa do professor P4). Para P2 “a inclusão é falha em muitos casos, não vejo como culpa aqui da escola. Na faculdade não foi apresentado essa questão, o ponto inclusão não era tratado” (Narrativa do professor P2).

Esses docentes elucidam em suas falas, que lhes falta o conhecimento necessário para atender a demanda da inclusão, citando inclusive que vê o esforço da escola, mas entende que

só isso não é o suficiente, remetendo-se ao seu curso de formação que não contemplou tal assunto. Observa-se que esse é um ponto nevrálgico na profissão docente, de acordo com esses docentes há uma lacuna teórica, para que possam trabalhar com essa demanda, desencadeando um sentimento de frustração e culpabilização por parte dos próprios docentes, quando fazem uma auto avaliação dos seus respectivos trabalhos, se percebem falhante com aqueles que estão sob suas responsabilidades pedagógica.

Por isso, torna-se imperioso aqui, se fazer uma inferência sobre a questão da inclusão. É amplamente conhecida pelos docentes a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA, bem como, a Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015 de Inclusão da Pessoa com Deficiência, que assegura o direito de todos na escola, o que é considerado muito justo no que tange aos direitos em relação as oportunidades de igualdade. Todavia, se faz necessário uma crítica em relação a funcionalidade dessa sanção na prática, sabe-se que a escola, principalmente a pública, que acolhe grande parte dos estudantes especiais, não possui recursos tecnológicos e os professores uma formação muito rasa no que diz respeito a adaptabilidade de planejamento para desenvolver um trabalho coeso e necessário com o estudante especial. Estamos diante de um triste paradoxo, de um lado o estudante e sua família clamando por um atendimento que desenvolva potencialidades e por outro o docente se esforçando com os limitados recursos didáticos, tecnológicos e de formação deficitária, sem alcançar sucesso em sua ação. Importante ressaltar, que a lacuna na formação docente em relação a esse tema, não é impossível de ser sanada, no entanto, exige um tempo maior para qualificação e alcance de êxito nas ações.

Dessa forma, Esteve, corrobora:

Nosso sistema educacional, rapidamente massificado nas últimas décadas, ainda não dispõe de uma capacidade de reação para atender as novas demandas sociais. Quando consegue atender a uma exigência reivindicada imperativamente pela sociedade, o faz com tanta lentidão que, então, as demandas sociais já são outras. Portanto, os professores se encontram ante o desconcerto e as dificuldades de demandas mutantes e a contínua crítica social por não chegar a atender essas novas exigências (ESTEVE, 1999, p. 13).

De acordo com Esteve (1999), o sistema educacional no Brasil, não comporta com prontidão o atendimento a todas as exigências sociais que são impostas. A forma como está organizado, o torna frágil e deficitário. Fazendo com que os holofotes girem para o professor, que está no dia a dia da escola, os olhares superficiais atribuem incompetência a ele por não conseguir atender as demandas que são exigidos. Parece irreal acreditar que em pleno século

XXI paire sobre o profissional professor uma capa idílica, que o remeta ao conceito ilusório de conselheiro, amigo, tio, idealização essa que foi construída propositalmente, politicamente, para enfraquecer o potencial docente, aliás todos os arremessos que são contra a profissão docente, servem ao propósito de sucatear e diminuir o importante papel social desenvolvido por esse profissional.

Diante desse quadro, cabe ao docente aproximar-se de seus pares para construir uma identidade profissional que o permita fundamentar a sua profissionalidade alicerçada em um autoconhecimento pessoal, profissional e de categoria docente, para que não fique à mercê de disparates políticos que objetivam fantochizar o professor. Sendo assim, reintera-se a importância da formação continuada, consubstanciada entre pares para que haja uma potencialidade na pessoa e no fazer docente.

Neste sentido Jesus, afirma que:

[...] a formação de professores deve ser mais um processo de “tornar-se” do que apenas obter informações sobre como ensinar. Noutros termos, a formação de professores começa a ser cada vez mais entendida como um processo de descoberta e de desenvolvimento pessoal do que como um mero processo de ensinar como ensinar (JESUS, 2002, p. 31).

Para Jesus (2002), a formação tem o objetivo de formar a pessoa do professor, por partirá de sua subjetividade para construir a sua profissionalidade, que esse processo não é isolado, ao contrário, se faz entre pares em um movimento de desconstrução e construção que permita ao professor se olhar, ver suas potencialidades e aperfeiçoar outras habilidades ao ouvir o que os pares trazem, em relação às suas experiências profissionais. Acredita-se que dessa forma o professor entrará em uma dialética positiva, no sentido de percorrer sua caminhada e estabelecer novas estratégias de prontidão aos desafios da profissão. Nesta perspectiva, Rodrigues afirma:

Tais considerações e apontamentos nos remetem a observação de que a realização do ensino na escola envolve não só o saber acadêmico dos professores, expresso nas teorias ou disciplinas escolares, mas também os saberes da experiência, que compreendem a organização do próprio trabalho, a partilha com os 43 colegas de como lidar com a turma, organizar a sala de aula, os materiais e a própria aula. Trabalhar na escola significa não só gerir e organizar o trabalho de ensinar, mas encontrar-se com outras exigências da profissão, interagindo com a carreira, reformas e políticas educacionais. (RODRIGUES, 2015, p. 43).

O exercício da profissão docente, exige reflexão e aprimoramento de metodologias para alcançar os objetivos e habilidades necessárias aos estudantes da atualidade, ser docente não é apenas repetir conteúdos, a ampliação da ação docente, requer habilidades sensíveis,

coerentes e críticas do tempo em que se vive, porquê ninguém ensina o que não sabe e não sente.

Lazzari (2015, p. 30) assevera que, “a docência é uma profissão que necessita de anos de formação formal, e seu aperfeiçoamento, ou seja, a formação continuada, é indispensável para corresponder às demandas da sociedade”. Nessa assertiva, infere-se que atitudes criativas e inovadoras poderão ser implementadas através do repensar do docente a respeito de suas limitações e práticas.

5.1.5 Realização Profissional

Apesar dos desafios e condições muitas vezes inadequadas para o desempenho de suas funções, desvalorização e baixos salários que marcam a categoria, analisa-se no discurso dos docentes comprometimento com o que fazem, mesmo não estando satisfeitos com as condições de trabalho estabelecidas, esmeram-se, para que isso não atinja a relação com seus estudantes. E afirmam em suas vozes, que estão na profissão que escolheram, identificam-se com o papel social que o docente desempenha. Ao escutar a fala do professor a seguir, pode se constatar que o brilho nos olhos, revelam a importância da profissão docente em sua vida: “Eu me sinto realizada, porquê, era um desejo de uma caminhada, desde criança eu tive essa vontade... me sinto realizada nas atividades que faço, na profissão que desempenho” (Narrativa do professor P1).

A expressão do professor em se identificar e sentir-se realizado com a sua profissão, demonstra o senso de pertencimento á docência que para esse profissional é fonte de motivação para vida. Para esse professor a docência não foi a única alternativa e mesmo depois de estar inserido na profissão, reafirma sua escolha reverberando orgulho.

No entanto, vale destacar, que o amor a profissão não invisibiliza o seu senso crítico para refletir a respeito das condições em que o magistério se encontra. Observa-se que os professores lutam ferrenhamente para desempenhar o seu papel com qualidade e excelência, acreditam na educação, estudaram, investiram em sua carreira e conquistaram seu espaço profissional. Fato que não pode invisibilizar suas contestações a respeito da desvalorização e outros pontos nevrálgicos que dificultam a eficácia do trabalho docente. Acredita-se ser saudável e ser uma questão de auto estima lutar pelo que se acredita e mesmo em meio a tantos sacrifícios e ventos contrários, permanecer firme. Nesta perspectiva, torna-se oportuno refletirmos a respeito da afirmação de Tolfo (2017):

O que muitas vezes não é levado em conta é que os professores, com pouca autonomia de atuação acabam por vezes enredados e silenciados em seus afazeres, já não discutem mais sobre o que isso lhes provoca o que isso pode estar lhes afetando. Esses silenciamentos ocultam, por vezes, o mal-estar vivido por muitos profissionais que têm a escola como seu contexto de trabalho (TOLFO, 2017, p. 39).

Considera-se que para os docentes reivindicarem melhores condições de trabalho ou revelarem as dificuldades que enfrentam na rotina de suas funções, parece flagrantemente não gostar de ser docente, ou não ter aptidão necessária ao desempenho do trabalho. Essa é uma das questões que contribuem ao silenciamento dos professores. Ao longo dos anos, parece ter se naturalizado na cultura docente e da sociedade de forma geral, as dificuldades do magistério. Tanto no que diz respeito à precariedade das escolas públicas, quanto ao que tange a profissão docente. Os professores enredados nessa esfera, passam a se preocupar em dar conta do que lhes é demandado, sem reivindicar o que é necessário para o bom desenvolvimento de seu trabalho e o que é pior, não fomentam a importância de se caminhar como grupo, potencializando a categoria entre seus pares.

Nas narrativas a seguir se constata o quanto o magistério preenche a vida profissional e pessoal, daqueles que optaram por essa profissão: “eu me sinto realizada quando consigo fazer essa relação entre escola e a sociedade” (Narrativa do professor P7). Já P3 diz, “me sinto realizado pelos alunos, eu gosto quando eu saio na rua e sou reconhecido pelos alunos ou quando os alunos me procuram para me dizer que eu pude ajudar eles de alguma forma, através do meu conteúdo” (Narrativa do professor P3).

Sim, a realização profissional dos professores acontece pelo vínculo que estabelecem com os estudantes é nesse retorno, que vem das conquistas do dia a dia no chão da escola que o docente vê e sente o valor do seu trabalho, e reafirma os seus laços com a docência.

Considerando o apreço dos docentes entrevistados nesta pesquisa, compreende-se que parte dos desgastes e angústias gerados em torno do trabalho, podem ser ressignificados possibilitando outras formas de pensar e sentir sua profissão. A produção do bem-estar docente, deverá partir do fortalecimento do grupo docente, a construção da identidade desse profissional seria a base para um reinventar docente, consubstanciado para desenvolver o seu papel de acordo com a demanda social deste século. O professor necessita se libertar de antigas amarras que limitam o seu potencial de ação, está ancorado na escola do século XX, efetivaram sua formação naquele período e por isso, desenvolvem uma prática pautada em uma escola que não existe mais. Precisam acordar para escola desse momento, que proporcione aos educandos subsídios de conhecimentos, a partir do agora.

Durante as entrevistas pode-se perceber que a principal motivação dos professores é saber que o seu trabalho interage e interfere positivamente na sociedade, mesmo que paradoxalmente, não recebam os olhares de prestígio ao papel que desempenham. Percebe-se que esta realização profissional se sobrepõe as dificuldades encontradas na rotina do trabalho docente. Assim, infere-se que esta seria a âncora que firma os professores na permanência da profissão, identificando-se como parte essencial na construção de uma sociedade menos discriminatória e mais promissora. Compreende-se que as dificuldades encontradas na profissão, precisam ser encaradas como desafios e que por isso podem ser vencidos, através da organização de estratégias. Nesta perspectiva Costa (2018), demonstra:

Apesar das dificuldades enfrentadas pelos docentes, diante de cenários muitas vezes além de suas capacidades de enfrentamento, tornando fonte de adoecimento e sofrimento, é possível identificar que há um campo de possibilidades onde ações intersetoriais podem permitir a reunião de uma força-tarefa que em conjunto abracem diferentes problemáticas, em prol da promoção do bem-estar comum. (COSTA, 2018, p. 29).

Pode-se relativizar que os desassossegos provocados pelos desafios diários enfrentados na rotina laboral dos professores, podem ser amenizados e/ou superados tendo como principal constructo de base, uma rede de apoio ao docente para que ele possa desempenhar a sua profissão em parceria com outros setores, da mesma forma importantes no trabalho da escola. Entre esses setores, cita-se profissionais como orientadores educacionais, psicólogos, assistentes sociais, fonoaudiólogos entre outros que possam colaborar com os docentes orientando-os em relação ao atendimento possível às demandas dos estudantes, bem como às suas demandas. No chão da escola seria possível se propor ações, que possam viabilizar oportunidades de bem-estar docente, tais como: escuta com a psicóloga escolar, grupos operativos, com objetivos de trabalhar temas pertinentes as necessidades dos professores. No que diz respeito à prática pedagógica, segue acreditando-se na formação entre pares, essa possibilitará a ressignificação de experiências, bem como a construção de novas oportunidades de prática docente.

Contempla-se a fala empolgada do professor a seguir e infere-se o quanto poderia significar em uma formação docente, na forma de troca entre os pares, não como estímulo ao trabalho fora de hora, mas no sentido de refletir que, existem muitos ranços ancorados no magistério que possibilitam o encrustamento de carrancas em relação há algumas situações que surgem na relação do docente com suas práticas, “[...] sou professora desde os 5 anos de idade, só brincava assim...nunca fiz outra coisa sempre dei aula. Final de semana tem um

aluno me chamando atendo, a noite tem aluno me ligando e eu atendo [...]” (Narrativa do professor P5).

Nessa narrativa, percebe-se a fala arraigada de identificação e comprometimento com a profissão, não só idealizada na infância mas, conquistada na adultez. Fato muito tocante, que revela a afetividade que é uma faceta fundamental para desenvolver a função de professora. Salienta-se a importância do afeto, que envolve a relação professor/estudante, como sendo o início da aprendizagem significativa de qualquer conteúdo, visto que o processo-ensino aprendizagem se constrói na relação entre seres humanos.

O objetivo do trabalho do professor é a aprendizagem dos alunos. Para que a aprendizagem ocorra, muitos fatores são necessários. Capacidade intelectual e vontade de aprender por parte do aluno, conhecimento e capacidade de transmissão de conteúdos por parte do professor, apoio extraclasse por parte dos pais e tantos outros. Entretanto, existe um que funciona como grande catalisador: “afetividade”. (CODO, 2002, p. 50, grifo do autor).

Codo (2002) demonstra, claramente que a afetividade se faz necessária na prática pedagógica, é lastro para o desenvolvimento dos conteúdos formais ou transversais. Nessa perspectiva, compreende-se que o docente precisa sensibilizar o educando, estabelecendo um contrato subentendido de confiança, respeito, sintonia... Nesse investimento afetivo o docente estará cativando o estudante à aprendizagem.

A narrativa da professora, comprova que apesar das dificuldades vivenciadas no magistério a profissão do professor vai acontecendo e promovendo mudanças tangíveis no contexto da sociedade, mesmo que de maneira lenta, mas é possível visualizar seus resultados no relato dos docentes e na vida dos estudantes que trilharam por essa instituição.

Outra narrativa sensível e que representa muito da subjetividade desse professor, que se disponibilizou para agregar a esse estudo: “Amo o que faço” (Narrativa do professor P6).

Sem querer parecer *piegas* acredita-se que o amor, sintetizado na fala desse docente, seja a principal motivação desse grupo de professores. Sentimento forte e que contagia os estudantes a se engajarem em atividades como gincana, festival de vídeo, palestras, feira do conhecimento, entre outros. Logicamente, não se tem a pretensão de aventar a totalidade de educandos nas participações e/ou com sucesso escolar, uma vez que é amplamente sabido que há outros fatores determinantes que interferem nesse processo. Ao citar o amor, não se pretende mascarar e afirmar que os dias “são lindos” no chão da escola. Antes, enfatizar que os professores que participaram desse estudo, embora tenham citado as dificuldades, desprestígio, baixa remuneração em suas vidas profissionais, não se arrependem da escolha que fizeram. Eles se identificam com o papel político da profissão docente e fazem da escola e

de suas práticas formas de resistência, que os impulsiona a prosseguir, e que é mais sublime lutar por valorização e condições ideais de trabalho. Visto que, reverberam em suas falas a consciência do potencial libertador que é a educação, quando o educador professor consegue exercer uma prática construtora, que perpassa a transmissão de conhecimentos.

O pesquisador, Macedo (2020), afirma que, quando se estuda bem-estar docente se (re)conhece conflitos e dificuldades listadas à docência (des)lumbrando o processo de adequação do trabalho para o modo de ser, estar e fazer do professor. Por isso, acredita-se nas muitas estratégias, já citadas anteriormente, que podem acionar mecanismos de resiliência aos docentes, no que tange os desconfortos pessoais e profissionais da categoria. Dado que, fortalecendo os aspectos positivos, identitários da profissão docente, estará se jogando luz ao que motiva e inspira. Esse detalhe poderá ter a capacidade de originar o bem-estar docente e viabilizar um futuro próspero à educação.

5.2 Eixo 2 – Patologia

5.2.1 Categoria Adoecimento Docente

O eixo dois, foi composto por seis questões, cujo objetivo era provocar os docentes à reflexão, sobre o equilíbrio de suas saúde em relação aos desafios enfrentados na rotina diária de trabalho. Nessa eixo emergiu a categoria adoecimento docente, vale ressaltar que estudos apontam a recorrência de casos de adoecimento de docentes, devido ao estresse que são submetidos em suas rotinas de trabalho. Como cita Lazzari (2015):

[...] fatores, por vezes, desestabilizam o profissional, uma vez que essa pressão externa o leva a perder o foco e exige uma flexibilização de seu 30 comportamento, gerando para o/a professor/a sentimentos de angústia, frustração e como consequência surgem problemas de ordem física e psíquica (LAZZARI, 2015, p. 29).

Nessa linha, analisa-se que as questões provenientes das relações sociais possuem um peso relevante no que se refere a qualidade do ambiente de trabalho, uma vez que, ocorrem informalmente nesse espaço e por isso, são subliminares, não passíveis de medição. Porém, sentidas com a intensidade relativa a subjetividade dos sujeitos, causando impactos desagradáveis ou desencadeadores de alguns males.

É o que podemos averiguar, na fala do professor a seguir:

[...] a gente está sempre cansada, desabafando, parece que a sala dos professores é um momento do desabafo, eu não quero julgar dizer que é ruim ou que não deveria ser dessa forma, mas acho que lá a gente encontra um olhar que é cúmplice e acaba sendo um momento de desabafo. Pois a terapia não é todo mundo que pode, não é todo mundo que tem tempo. Então a hora do recreio e do almoço é aquele respiro...”tamo junto” é o espaço que a pessoa tem para se colocar e ser ouvida. Mas sei de muitos colegas que utilizam medicação [...] (Narrativa do professor P7).

Esse docente, revela que a sobrecarga de responsabilidades remetidas a sua função ocasiona um estado de exaustão. Mas nesse mesmo compasso, o próprio docente, vai desenvolvendo estratégias, como relatou à cima. Ao encontrar o olhar do outro colega a fala entra em sintonia e a cumplicidade se torna salutar, confirmando ao docente que ele não está sozinho ou que é incompetente e que as situações encontradas em sua sala de aula, repetem-se na sala do colega, dando sentido para ressignificação de suas ações.

Logo acentua-se a relevância da promoção de reuniões, práticas circulares entre outras, que oportunize a troca entre pares, que poderá oxigenar idéias, ressignificações e fortalecimento de práticas docentes. Todavia, infere-se que esses momentos devem ser orientados para um movimento de construção coletiva, caso contrário poderá surgir um encontro para lamúrias a respeito das mazelas da educação, caso negativo que não contemplaria os objetivos de formação consubstanciada para categoria dos professores.

Conforme narrativa do próximo docente as dificuldades que surgem na sala de aula, podem reverberar uma sintonia negativa entre o grupo de docentes: “[...] na sala dos professores, vejo os colegas estressados, preocupados com os problemas dos alunos” (Narrativa do professor P3).

Interessante, analisar as interpretações dos docentes a partir de suas subjetividades, enquanto o primeiro professor revela ressignificar o seu olhar em contato com os seus pares, o segundo docente sente o estresse e a preocupação dos demais professores, como sendo algo apenas observado e não discutido, para esse professor, não aparece a possibilidade passível para ressignificações.

Sob essa ótica, pondera-se que as situações negativas que se originam na sala de aula, devido ao acúmulo de responsabilidades que demandam do docente um poderio utópico de ações necessárias àquele momento, motivam a produção de estresse nos professores. No entanto, não se pode desconsiderar que a subjetividade e a capacidade de resiliência, são capacidades necessárias ao sentir e o fazer docente, de maneira equilibrada. Codo (2002, p. 271) assevera que “[...] não tendo formas sadias de aliviar essa tensão e ao mesmo tempo sentindo as “dores” por ela provocada, julga que os problemas que lhe são apresentados são muito maiores do que os recursos que tem para resolvê-los”.

Potencializando a ideia salutar, de que o caminho para resgatar a profissão docente seria o investimento nas formações entre os pares, construindo uma lógica pedagógica condizente com a realidade local em que atuam, nessa perspectiva, valorando os saberes docentes. Uma vez que, é amplamente reconhecido que o raio de atuação docente direciona-se para alcançar questões que perpassam os movimentos de “transmissão de conhecimentos”, termo que acredita-se ser obsoleto na escola contemporânea. Já que, analisa-se o processo de aprendizagem por um ângulo que permite evidenciar que há muitas questões incutidas nesse desenvolvimento.

Nessa linha, Macedo (2020), afirma que:

Na docência, não se estabelece um modo único nas relações do professor com o seu trabalho, ou ainda, não se isola afeto, cognição, socialização, política, valores, crenças, propósitos do professor. A docência entrelaça territórios e fronteiras das dimensões objetivas/subjetivas do trabalho humano (MACEDO, 2020, p. 42)

Considera-se que o entrelaçamento dos temas presentes no ato pedagógico docente, exigem um profissional capacitado, não para exercer mecanicamente limitadas técnicas de ensinagem, mas sim, intelectualizado capaz de refletir e incrementar sua prática, sendo competente para fazer links entre os territórios que permeiam a sala de aula.

A fala do próximo docente elucidada, o quanto o saúde do professor pode se fragilizar, diante da demanda exacerbada de exigências:

[...] em 2017 tive Herpes Zoster nas costas, o médico fez todos os exames possíveis e ficou constatado estresse...sou ansiosa, estressada, provavelmente por trabalhar 60h. Tem períodos do ano que tenho queda de cabelos, fico muito irritada..aí tomo medicação me acalmo (Narrativa do professor P5).

No relato da professora P5, pode-se observar que o acúmulo de carga horária laboral, desencadeou o estresse entre outros problemas de saúde. O comprometimento, envolvimento com os estudantes e a busca por qualificação, atestam a sua competência como professor. No entanto, tal fato não exime esse profissional de sentir-se sobrecarregado, a ponto de seu organismo desencadear doenças. Por isso, destaca-se que a repercussão do mal-estar docente revela-se de maneira subjetiva elevando-se ou não conforme a realidade do professor. O mal-estar docente é uma experiência subjetiva, e envolve atitudes e sentimentos que acarretam problemas de ordens prática e emocional aos docentes.

Meireles (2019) infere que:

O professorado, por muitas vezes, se depara com a necessidade de desempenhar vários papéis, muitas vezes contraditórios e somados a articulação de diversos fatores sociais e psicológicos presentes no exercício da docência. O esgotamento, que indica um conjunto de consequências negativas e que afetam o professor de maneira combinada com condições psicológicas e sociais, aparece como consequência desse mal-estar (MEIRELES, 2019, p. 40).

O conjunto de situações que demandam um esforço emocional e cognitivo ao qual os professores estão expostos diariamente, podem abalar a saúde desses profissionais. Alguns conseguem desenvolver estratégias de proteção, que muitas vezes corroboram para o não envolvimento com as situações, atitude que pode gerar uma superficialidade em relação ao trabalho. Acredita-se que muitos docentes, desenvolvem um sentimento de culpa por acreditar que não estão preparados suficientemente para dar conta das exigências da profissão. Ficando evidente no relato da professora P2.

Sim, ansiedade ao deitar para dormir e o coração ficar acelerado...aí o estresse vai para cervical eu sinto um desconforto muito grande, isso eu sentia antes da pandemia e agora tudo se agravou porquê em casa tu não é só professora, tu acaba te envolvendo em outras questões (Narrativa do professor P2).

A narrativa dessa docente, revela o sofrimento e a angústia, gerada pela culpa de não conseguir atender de maneira satisfatória todas as questões que lhe são demandadas. Remetendo-nós a fazer uma reflexão a respeito da atuação da mulher no magistério, logicamente por compreender a amplitude desse tema, não se tem a pretensão de aprofundar essa questão nesse estudo. Entretanto, vale ressaltar que a atuação da mulher docente se comparada ao homem docente, está muito mais propícia ao esgotamento físico e mental. Ao considerarmos o leque de atribuições designadas à mulher, somadas às exigências do trabalho de professora, torna-se evidente a potencialização da sobrecarga de trabalho que tensiona a rotina da docente. A fala dessa professora, cita o período pandêmico, em que a dificuldade em dividir o trabalho da escola com as tarefas domésticas e maternidade se intensificaram, porém a trajetória das professoras mulheres sempre foi impactada pelo excesso de trabalho.

Pois, conforme, a pesquisadora Meireles (2019):

As professoras, com seu tempo super-ocupado, sem ter um trabalho estruturante que lhe defina e defina sua própria vida, são privadas de um tempo livre, o que acarreta repercussões sobre a saúde, tanto psicológica quanto física. Trabalhar na escola e trabalhar em casa; realizar tarefas da escola em casa ou da casa na escola, além dos impactos sobre a saúde, confunde sua identidade profissional e sua identidade como pessoa, pois suas atividades se sobrepõem ou se justapõem em todos os ambientes que atua. (MEIRELES, 2019, p. 43).

O modelo de sociedade patriarcal ao qual estamos inseridos, fingi oportunizar direitos iguais entre mulheres e homens, mas ao se analisar o alcance dos direitos da mulher, esbarra-se em uma incisiva limitação. As docentes estão inseridas no mercado de trabalho, porém o jugo de “rainha do lar”, uma maneira cor-de-rosa que impor atividades domésticas às mulheres, ainda está sob suas cabeças, fazendo com que a mesma tenha tripla jornada de trabalho, atingindo sua saúde e impossibilitando a ascensão a cargos de maior status, uma vez que, possui pouco tempo para se qualificar. Em relação a professora, é comum as mesmas levarem trabalho para casa tendo que se desdobrarem entre os cuidados com os filhos, casa e as atividades da escola. Esse paradoxo entre as conquistas e os pré conceitos estabelecidos em relação ao papel da mulher, serve para que se possa refletir que existe um caminho em construção de igualdades de direitos, em uma sociedade desigual que invisibiliza direitos e perpetua relações de poder entre homens e mulheres.

Como já explicitado neste estudo a subjetividade e capacidade de resiliência são estruturas internas importantes ao equilíbrio do exercício da docência. Questão que fica evidenciada na fala do seguinte professor:

[...] já tive situações de voltar para casa frustrada, por situações ocorridas no trabalho. Mas nada a ponto de eu ter que buscar auxílio profissional. Eu não cheguei a esse ponto, porquê eu busco me recompor ao máximo para que eu não permita que esses problemas tirem a minha saúde, então é uma luta minha contra essas situações, procuro criar uma barreira para que isso não me atinja tanto a ponto de eu adoecer [...] (Narrativa do professor P1).

Esse docente, conseguiu em sua caminhada profissional desenvolve estratégias para enfrentar as dificuldades que surgem na profissão. Ação salutar, que impulsiona sua prática a proatividade tão necessária para o desempenho das atividades no magistério.

Por outro lado, compreende-se que desenvolver estratégias não mede o grau de comprometimento do professor, mas supõe-se a capacidade de resiliência, tão importante, estimula a pessoa a se recompor de situações desagradáveis possibilitando, neste caso, um ajuste às tensões diárias. Faz-se questão de citar o grau de comprometimento, por compreender que muitos não possuem essa capacidade de desenvolver estratégias, para entre os docentes um sentimento de culpabilização por não corresponder a todas as exigências que lhes são impostas, por isso torna-se esclarecedor frisar essa observação. Percebe-se uma categoria envolvida em um trabalho sério e digno, porém esmagada por vontade política. E o presente estudo, somado há outras pesquisas, visa contribuir na construção de reflexões que originem caminhos para lastrear ressignificações a carreira docente.

5.3 Eixo 3 - Reflexões Docentes

5.3.1 Relevância Social

O eixo 3 Reflexões Docentes, originou-se de questões, cujo o objetivo era analisar as concepções dos docentes participantes, em relação a docência em uma ação de reflexão onde emergiram as categorias relevância social e política neoliberal, que abriu espaço para que os mesmos pudessem expor seus sentimentos e ideias, a respeito da importância social do seu trabalho, bem como o seu bem querer da profissão em meio a todos os desafios que permeiam a rotina docente, bem como de que maneira a política vigente no país impacta a prática docente.

Nesse enfoque, como já citado, pode-se escrutinar com os participantes a respeito da relevância social do trabalho docente. A seguir, expõe-se o pensamento do professor P5:

Fundamental, essencial, inclusive a nossa não valorização acontece em razão disso, porquê nós influenciemos a maneira de pensar dos alunos e seres pensantes não é bom para o governo. Então a nossa função social, não é só de conteúdo, mas de transformação, os efeitos do trabalho do professor tem muita relevância na sociedade (Narrativa do professor P5).

Pode se perceber na fala do professor P5 o orgulho de saber que a profissão que escolheu para desempenhar, promove um trabalho que se sobrepõe, mesmo relevando as dificuldades sociais que estão presentes, no interior da escola. Infere-se que talvez essa seja a razão para que os docentes sintam-se impulsionados a prosseguir e se reinventar dentro da profissão.

De acordo com Codo (2002):

A importância da percepção do próprio trabalho como útil à sociedade tem valor inegável para a auto-estima do trabalhador, para a forma como se estrutura sua identidade; sentir que realizamos um trabalho inútil faz, de alguma maneira, com que nos sintamos também inúteis. (CODO, 2002, p. 293).

Por outro lado, não se pode deixar de analisar que a sociedade através da representação dos governantes, não demonstra o quanto é importante a atuação docente. De uma forma ardilosa, culpabiliza os professores pelo endividamento dos cofres públicos e usa de falsos discursos, como por exemplo, a falência previdenciária que motivou a retirada de direitos do funcionalismo público, consequentemente atingindo o magistério. Essas atitudes configuram um tipo de violência simbólica que objetiva diminuir e enfraquecer uma categoria

que tem poderiu para libertar da ignorância aqueles que tem acesso limitado à informação. O próximo docente, também revela em sua narrativa a importância da sua profissão: “Fundamental, o professor tem o poder de debater questões sociais [...]” (Narrativa do professor P6).

Ecoa na fala do professor P6, a importância que a sua profissão tem e o quanto se motiva a refletir sobre esse aspecto. Pode-se interpretar, que esse professor sabe que a escola é um espaço de educação e por isso, deve ter como pilar em seu currículo as questões sociais que se fazem necessárias ao debate, ao senso crítico de crianças, adolescentes e da comunidade escolar de maneira geral. Essas ações que legitimam a força da educação, fomentam opiniões, expõem determinado assunto por vários ângulos contribuindo para o crescimento de cidadãos conscientes. Nesse mesmo sentido se configura a fala de outros dois professores: “[...] o professor é uma referência, tem um papel extremamente relevante socialmente” (Narrativa do professor P2). “É de extrema relevância, se quisermos uma transformação social é através da educação” (Narrativa do professor P7).

Esses docentes, enfatizam em suas falas o quanto são conscientes, em relação ao reflexo de sua prática na sociedade. O brilho nos olhos ao falar, traduz a legitimidade de um sentimento de orgulho pela profissão. É notório que os professores em sua maioria, sabem da relevância de seu papel social e por isso, apostam com comprometimento em suas ações.

A visão dos docentes participantes desse estudo, exposta através de suas falas clarifica o comprometimento social ao qual vinculam suas ações. Declaram a ciência que possuem em relação ao papel do docente, bem como, reafirmam o quanto se identificam com o viés social da educação. As expressões que demonstraram nesta questão, retumbou o quanto essa autovalorização de suas práticas, impulsiona a realização do trabalho desses profissionais superando as outras questões. Enfatizando que muitas são as facetas a serem lapidadas em um educador professor e muitos são as agruras que se conhece nessa profissão, mas a autovalorização direciona para o crescimento pessoal e profissional é o estopim para o querer mais, para seguir a caminhada.

Nesta linha, Codo (2002, p. 298) destaca que “[...] ainda o professor acredita; a sua atividade, intrinsecamente, lhe ensina, dia após dia, a importância do que faz, vê nos olhos dos alunos a importância dos ensinamentos que porta à sala de aula”. Esse espelho que representa os olhos dos alunos, provoca o entusiasmo no docente, revigorando o seu fazer pedagógico.

5.3.2 Política Neoliberal

A categoria política neoliberal, emergiu das reflexões que os docentes realizaram, a respeito do contexto político que rege a contemporaneidade e atinge em demasia as relações na escola, ocasionando discordância entre os docentes, já que relatam sentirem-se sem autonomia para gerenciar o que e como fazer a sua prática, aspecto que gera frustração na categoria docente. Na fala dos professores a seguir é possível constatar como essas questões interferem no contexto docente:

[...] eu acredito que a falta de investimento na educação é para que nós tenhamos esse tipo de comportamento que o vídeo apresenta...acredito que a escola está representando uma sociedade, uma sociedade castrada...não temos incentivo estamos cada vez mais desvalorizados a ponto de conseguir virar o jogo... o governo quer que sejamos professores castrados para reproduzir alunos castrados (Narrativa da professora P5).

Torna-se oportuno, ao interpretar a fala da professora que a educação não é um processo neutro e que por isso, está associada às questões políticas e econômicas, logo, reverbera as relações de poder. Baseando-se nesses apontamentos, fica clarificado que as intenções veladas de um governo neoliberal, podem ser identificadas no descaso que é tratada a educação em nosso país. Depara-se com escolas sucateadas, cursos de formação aligeirados aos docentes, remetem á mercantilização de diplomas que estimulam a concorrência em detrimento da qualidade, o avanço tecnológico negado ás escolas públicas, enfim, um emaranhado de situações que contribuem para o fracasso da escola e conseqüentemente impacta a ação docente. Conforme Aranha (1989, p. 84) “a escola é apenas uma engrenagem dentro de um sistema e por isso tende a reproduzir as diferenças sociais mesmo quando dá a ilusão da democratização”. Nessa conjuntura, pode-se afirmar a força da ação docente, se as condições da escola em relação a burocracia e recursos contribuem para exclusão de muitos, a prática comprometida e consciente do professor faz a diferença.

O relato a seguir é de um docente que abarca em seu discurso o descaso político com a educação:

Um gestor do executivo da união, fez a fala irônica, que até um filho de porteiro fez faculdade, para um governo democrático isso seria uma honra o desenvolvimento do país através da sua população, mas a fala, resume o que eles querem da educação que ela seja podada, que não aconteça mais o fato do filho do porteiro ter acesso a educação...porquê se ele tiver acesso quem é que vai trabalhar no chão da fábrica? A educação tecnicista está voltando, porquê o empresariado precisa ter alguém para limpar o chão da fábrica [...] (Narrativa do professor P1).

Neste relato é perceptível, a indignação que esse docente sente em relação a desvalorização da profissão, em sua visão a fala citada do gestor do executivo da união é preconceituosa, que para esse educador professor é preocupante. Em sua análise o político quer a escola sirva apenas de reprodutora de desigualdades sociais e não como espaço de desenvolvimento de senso crítico. Aliás, na mesma linha deste docente, compreende-se que o modelo de escola que liberta não convém aos políticos imperadores do capitalismo.

Está no bojo da política neoliberal, estruturar o sistema para garantir a supremacia do empresariado, para isso é necessário que se fomente mão-de-obra, porque esta sustentará os privilégios dos que estão no alto da pirâmide social. Uma análise sucinta e prática é observarmos a classe média adquirindo bens móveis ou imóveis, se escravizando para pagar juros exorbitantes que geram lucros aos empresários e aos banqueiros. Esse ensino mecanista que aliena e exclui a intelectualidade dos filhos das classes operárias, convém a elite que ardilosamente coopera para esse tipo de engrenagem funcionar.

Por outro lado, sobre o papel do professor como um profissional da educação que contribui para uma mudança qualitativa da sociedade, há de se considerar sua presença no compromisso político-social na docência, uma vez que fica explícito que a formação do cidadão perpassa pela dimensão da compreensão do professor para a formação sociocultural do aluno, no intuito de formar cidadãos críticos e transformadores, tornando as pessoas mais livres, menos dependentes do poder econômico, político e social. (SILVA, 2017, p. 57).

Julga-se ser importante, proporcionar aos docentes momentos de leitura e discussão de temas que provoque reflexões pertinentes, que tangenciam as questões políticas intrínsecas à educação, esse movimento revigora o debate e a prática, além de fortalecer a construção da identidade docente. A intensidade de envolvimento dos docentes com a rotina de trabalho, acaba dificultando momentos de debates entre os pares. Temas relacionados a identidade docente e desvalorização profissional, devem ser debatidos pelos docente no viés político ao qual estão vinculados, com o propósito de fortalecer a categoria a resistência. Caso isso não aconteça o sentimento de frustração e indignação desses profissionais torna-se improdutivo. A importância de proporcionar espaços na escola para que os docentes falem a respeito da desvalorização que vivenciam em sua profissão é muito potente, como se pode observar na próxima narrativa, o docente enfatiza a falta de investimento, desvalorização da educação e o quanto isso limita a sua prática:

Existem diferentes práticas em diferentes contextos, o que eu tenho observado é que o investimento possibilita práticas diferentes, projetos intradisciplinares, que também podem acontecer em espaços menos abastados, porém a manobra para isso

é limitada...mas, normalmente onde tem recurso elas tendem a ser melhor valorizadas. (Narrativa do professor P4).

Na visão deste profissional, a falta de investimento financeiro impacta a prática pedagógica, limita as estratégias de um trabalho mais elaborado, no que diz respeito aos recursos. O que, conforme o docente, parece ser notório, ao compararmos as escolas públicas da periferia com as escolas privadas dos bairros abastados.

Por outro lado, se infere que o educador professor arrojado por uma formação que lhe permita gestar novas práticas de ensino, sem grandes aparatos tecnológicos. Claro que seria um disparate, alienar a escola das tecnologias que já fazem parte do contexto deste século, no entanto, acredita-se que o pensamento, a palavra e a afetividade completam-se a ponto de subsidiar uma prática pedagógica subjetivizada capaz de gerar efeitos interessantes. Mas isso, não anula a urgência de investimento em recursos para educação, assim pode-se equipar de maneira linear as condições de aprendizagens a todos. De acordo com Aranha (1989, p. 92) “[...] o que antes era aberto a todos, passa a ser patrimônio da classe dominante. Para os pobres é reservado o saber vulgar; para os ricos, um saber de iniciação que permita a manutenção dos privilégios”. Isso denota, que o reivindicar docente se legitima, não apenas pelos desafios e agruras que encontra ao desempenhar a sua função, mas por entender o seu papel político de oportunizar uma aprendizagem de qualidade para os menos favorecidos. Sob essa ótica, o próximo docente, sintetiza como concebe o seu papel social: “[...] nós é quem vamos dar o ensino intelectualizado para os filhos da classe operária” (Narrativa do professor P7).

Essa professora trás arraigada em sua fala a consciência do seu papel político no contexto da escola, para sobre ela um senso de responsabilidade muito aguçado em relação a forma como trabalha o currículo com os estudantes. Questão, que gera angústia, o educador professor abarca várias questões e todas imperiosas, ou seja, a amplitude do seu trabalho como já foi citado anteriormente, é muito intensa. Por isso, analisa-se que o professor tenha uma rede de apoio que dê suporte ao seu trabalho, para que esse possa realizar suas atividades ampla e significativamente, que ultrapasse a superficialidade de muitas ações e pouco aprofundamento. Pode-se refletir com Gregorin (2016),

Dentre algumas das condições que podem levar o professor a se sentir culpado, nenhuma é tão poderosa quanto a sua autorresponsabilização pelo não aprendizado de seus alunos, mesmo tendo consciência das intervenções do dia a dia que estão fora do seu alcance, como por exemplo, a vida social, econômica e afetiva de seus alunos [...] (GREGORIN, 2016, p. 66).

O comprometido e a entrega do docente à profissão em um primeiro momento parece admirável, mas não podemos deixar de analisar que o sentimento de culpabilização, frustração e até de desvalorização, por entender que negligenciou àqueles que estão sob sua responsabilidade na escola, avance para o sentido de identidade profissional, ou seja, qual na verdade seria a função docente? Todavia, é necessário que o docente se equilibre e ponha limites à sua atuação, não de maneira a se tornar relapso, mas ao reconstruir sua identidade docente, poderá subjetivar dentro de sua profissionalidade o que cabe em seu guarda chuva. Ação que parece justa, não abrindo brechas para sofrimentos que não deveriam ser seus, o docente terá que perfazer um caminho para reaprender o seu papel no século XXI e isso, só será possível através da construção de uma identidade docente percorrendo formações oportunizadas para esse momento.

A narrativa do docente a seguir, aponta para consciência desse profissional em relação as tramas que articuladas limitam a evolução da profissão: “Quanto mais sobrecarregados estivermos, menos tempo de reflexão teremos” (Narrativa do professor P3). A leitura de realidade docente que o professor P3 promove, demonstra uma indignação em relação a forma como a educação está organizada. Porque, sente-se limitado pelo sistema que carrega propósitos políticos encrustados na educação. Situação que desmotiva e aborrece esse professor, que sente-se desvalorizado. Interpreta-se que o capitalismo acelerado, dificulta momentos de estudos aprofundados, visto que, esses gerariam transformações que poderiam sim, abalar estruturas forjadas de poder. Na lógica capitalista o professor deve ser apenas o reprodutor de conhecimentos que não contemple o senso crítico.

Outro fato que é questionado pelos professores, foi aludido na narrativa a seguir: “A BNCC engessou os conteúdos e confirma uma aprendizagem mecanicista” (Narrativa do professor P6). Esse docente, revela o quanto lhe incomoda e causa desconforto a forma como ficou engessado os conteúdos na BNCC, segundo ele, houve um acúmulo de conteúdos nos componentes curriculares de Matemática e Língua Portuguesa, limitando sua ação enquanto professor. Porque, ao desenvolver uma extensa lista de conteúdos, perde espaço para atender o estudante como um todo. Não consegue corresponder as outras demandas que o seu estudante necessita. Esse professor, parte do pressuposto que relacionamento interpessoal, afetividade e diálogo são pontos importantes e necessários em sua prática. Nesse sentido, esse docente se sente desvalorizado, uma vez que sua aula fica reduzida a mera transmissão de conteúdos. Nesta linha, Rodrigues, afirma que “[...] os professores revelam sofrimento que se manifesta quando a impotência de agir engendra o sentimento de não saber mais o que significa fazer bem seu trabalho, introduz a dúvida sobre sua utilidade” (2015, p. 31). Dessa

forma, constata-se que a limitação imposta, mesmo que engendrada nas entrelinhas do excesso de conteúdo, ocasiona um mal-estar nesse professor que vivência uma regressão em sua prática e passa a se questionar, qual o seu papel? Considera-se ser muito frustrante para um profissional competente e envolvido com a sua função docente, ser forjado a desenvolver um trabalho técnico que diminua o seu fazer pedagógico.

Importante ressaltar, que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é um documento normativo que define as principais aprendizagens necessárias aos estudantes da educação básica, é uma referência para cada etapa da formação do estudante. Contudo, as críticas dirigidas a esse documento se estabelecem nos argumentos que o senso crítico não foi contemplado e que a educação passa a ser fragmentada. Para os docentes críticos a esse documento, questões como a forma que os conteúdos foram elencados, bem como, a retirada de alguns temas como, sexualidade e gênero, correspondem a um retrocesso no que diz respeito à diversidade. Enfocam que o componente curricular Ensino Religioso deveria ser ministrado por docentes formados, todavia, não há nem oferta de concurso para essa área, assim como, parece ser inexistente cursos de licenciatura para essa formação. Considerando a complexidade desse tema, sabe-se que o aprofundamento em relação as questões da BNCC, ficariam incabíveis nesse estudo, carecendo de um outro espaço para uma interpretação profícua. Não obstante, se achou oportuno tecer alguns comentários, uma vez que esse tema foi citado no grupo focal e está presente na pauta da escola e impacta na prática dos professores.

Compreende-se que a inferência neoliberal no contexto educacional, contribui para formação de um profissional alienado, reprodutor de práticas limitadas, gerando desconforto aos professores, que precisam construir estratégias para não sucumbir a esse sistema feroz que visa arditosamente, através da educação, perpetuar as desigualdades nas classes menos favorecidas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa insere-se no cerne da formação de professores e do trabalho docente, tendo em seu bojo como objetivo geral, compreender de que maneira o mal-estar docente repercute no protagonismo em sala de aula, em relação à qualidade da prática pedagógica. Sendo os objetivos específicos: identificar os elementos que intensificam o mal-estar docente na escola investigada; verificar de que maneira as condições de trabalho afetam as formas de como o professor assume o seu papel no processo educativo; analisar quais políticas públicas poderão dar suporte à minimização do impacto do mal-estar docente; analisar quais ações poderão ser apresentadas com objetivo de promover o bem-estar docente no contexto da escola investigada.

Seguindo no intuito de atingir os objetivos traçados, realizou-se uma pesquisa ao banco de dados da CAPES, cujo descritor foi “o mal-estar docente”, emergiram dessa busca 165 pesquisas entre teses e dissertações, entretanto, apenas 44 trabalhos, correspondiam ao guarda chuva de intenções desse estudo. Para complementar a pesquisa, resolveu-se analisar 04 artigos, referentes a essa temática, que serviram para aprofundar a análise a respeito do mal-estar docente no país. Salienta-se que, com o objetivo de contextualizar o período pandêmico e seus impactos na prática docente, se viu a importância de agregar mais 02 artigos que abarcassem em seu escopo essa temática. As pesquisas apontaram o mal-estar docente sob diversos ângulos no contexto educacional, sendo causado, principalmente por questões como a sobrecarga de trabalho, desvalorização docente, baixos salários e intensa carga horária de labor, entre outros.

Avançando na investigação, partiu-se para pesquisa de campo, visto que, para este estudo a escuta dos docentes seria de extrema importância. É essencial salientar que, essa etapa, devido ao período pandêmico, foi realizada de maneira online, utilizando a plataforma google meet. Aproveitando como instrumentos para produção de dados, entrevistas semiestruturada e grupo focal. Considerando os dados angariados, constituiu-se categorias de análises que originaram um diálogo entre o referencial teórico, pesquisas citadas e as inferências da pesquisadora.

Decidiu-se utilizar metodologicamente a técnica de análise de conteúdo, preconizada por Bardin (2011), a fim de se realizar a análise dos dados auferidos.

Após categorização dos dados, os mesmos foram divididos por eixos, com o objetivo de tornar mais clara e organizadas as informações adquiridas, situando a categoria à sua referência. Na sequência, será apresentada uma síntese abarcando o que foi discutido:

Eixo 1 - Apresentou acentuada relevância, reunindo o maior número de categorias atreladas ao ser professor. Os relatos apresentados nesta parte da pesquisa, revelaram fatores que afligem os docentes em relação a indisciplina dos estudantes, desvalorização profissional, sobrecarga de trabalho, déficit na formação. Questões que permeiam o contexto da escola, impactando na qualidade do trabalho docente.

A análise dos relatos dos docentes, possibilitou uma leitura a respeito de como está sendo vivenciada a profissão docente na atualidade. Os profissionais que participaram deste estudo, citaram as dificuldades que tensionam a sua prática, causando esgotamento. Ao analisar os relatos, interpreta-se que as dificuldades da profissão se fazem presente no cotidiano dos professores, e reverberam com intensidade na subjetividade interferindo em suas ações. Os relatos desses profissionais, revelaram que a falta de políticas públicas que subsidiem o professor em relação a sua profissionalização/profissionalidade, contribuem negativamente para o desenvolvimento docente. Outrossim, ressalta-se que, se a demanda da escola em relação as exigências da sociedade sobrecarrega os docentes com atribuições que vão além de suas funções, torna-se necessário um investimento em uma rede de apoio com profissionais da saúde, assistência social, entre outros, para que a escola tenha suporte e possa fazer os encaminhamentos necessários as demandas de sua comunidade.

Em relação aos dados referentes a desvalorização, pode-se observar que os docentes entre os seus pares e outros agentes envolvidos na educação se percebem como valorizados, no entanto, relatam que gostariam de ver sua valorização legitimada pelos agentes externos, ou seja, a sociedade e os governantes. O fato de se sentirem desvalorizados socialmente, faz com que o sentimento de culpabilização emerja ocasionando uma quebra na identidade da profissão docente, que é julgada e apontada por não dar conta de suas pseudos atribuições. Por outro lado, se observa um paradoxo, é mote em muitos discursos o tema valorização da educação, novas propostas de metodologias, porém, a valorização docente não é abarcada, antes fica estagnada, como exemplo plausível desse disparate, pode-se inferir a respeito da Lei nº 11.738, de 16/7/2008, que institui o piso salarial profissional para os profissionais do magistério público, que ao invés de ser efetivada torna-se motivo de constantes embates entre docentes e alguns governantes, que se armam de subterfúgios para não cumpri-la. Esse é um dos fatos que corroboram para o sentimento de frustração e indignação que culmina da desvalorização vivenciada pelos docentes. Os mesmos sobrecarregados, tendem a aumentar suas cargas horárias, para poder ter um pouco de conforto e amparar suas famílias.

Essa realidade traduz de que forma a desvalorização docente é sentida e vivida por muitos professores, desamparados por políticas que sustentem verdadeiramente o exercício

digno da profissão, desempenham seu trabalho com a resiliência inerente de sua subjetividade.

Na categoria déficit de formação, das falas dos docentes pode-se constatar a necessidade de melhoria nos currículos dos cursos de graduação, no que tange as questões de inclusão, uma formação inicial que contemple a realidade no chão da escola, algo que situe o docente em formação da realidade concreta da escola ao contrário de uma formação teórica, muitas vezes dissociada do educador professor, necessário para esse século. Vale ressaltar, que os docentes participantes dessa pesquisa realizaram suas graduações a mais de uma década. Compreende-se que há necessidade de avanços em relação a formação inicial dos professores, para que o ponto de partida para construção de sua profissionalidade, inicie alicerçado em uma realidade possível de evolução e não ao contrário, com pés de barro, cuja fragilidade logo exposta detona outras situações transformando sua prática em algo tenso, ou cambaleante. Por outro lado, infere-se que a formação continuada se faz necessária e urgente de sentidos que possibilitem aos docentes como categoria construir sua identidade e assim, dentro do processo subjetivo de profissionalidade possa se firmar como um profissional capaz de manejo com as demandas que são próprias do fazer de sua profissão. Urge, que os docentes desenvolvam novas capacidades para atuar na escola contemporânea, os moldes que foram construídos em tempos anteriores serviram para aquele tempo. Salienta-se que para formação do professor são necessários saberes técnicos forjados nos cursos pretensos para tal, mas também se faz importante as competências inerentes a pessoa do professor para que esse profissional tenha suas habilidades potencializadas para alcançar êxito em sua prática.

No que tange os dados em relação a indisciplina, pode-se constatar que os relatos apontaram que esse fator intervem na qualidade de suas práticas. Esse é sem dúvida, um desafio aos professores, tanto em início de carreira, quanto aos mais experientes, visto as demandas dos estudantes, para que a aprendizagem aconteça é preciso que o docente equalize um clima saudável, que propicie a prontidão à aprendizagem dos estudantes. Fato que demanda sensibilidade, empatia, autocontrole, enfim, é uma tarefa que ao professor é exigida. Assim sendo, compreende-se que os conflitos que acontecem caricaturam dimensões de outras instâncias que se estabelecem na escola, por isso, analisa-se que não há fórmula para tal resolução, mas ao se apostar, como já foi citado anteriormente na formação docente estará se encontrando estratégias oportunas ao enfrentamento desta dificuldade, que devido a atual conjuntura social torna-se mais rotineira no contexto da escola.

Na categoria realização profissional, surgiu com força nos relatos o quanto os docentes se sentem realizados desempenhando a profissão, alguns lembraram a escolha profissional,

ainda muito cedo na infância, quando optavam por brincar de professor/professora, com brilho nos olhos, seis profissionais afirmaram não se ver trabalhando em outra função. Situação de relevância, apesar das agruras enfrentadas no contexto de suas atividades, ainda se vê gosto pela profissão, vontade em acertar e prosseguir. Pode se constatar, que os docentes sabem que fazem a diferença na vida de seus estudantes e essa verdade para esse grupo, apresentou-se de maneira muito incisiva.

Eixo 2 – Nesse ponto, foi discutida as questões referentes a saúde dos professores, onde salientou-se a categoria adoecimento docente, sendo constatado na forma de estresse, ansiedade, herpes e esgotamento. Mazelas, que se originaram, conforme o relato dos participantes devido as questões enfrentadas em seu cotidiano de trabalho.

Considera-se que em relação a saúde docente, é necessário que se tenha um amparo maior, devido a complexidade dessa função, há que se ter ao docente, momentos de relaxamento, espaços de escuta onde a ética e a estética estejam alinhadas há um plano de promoção ao bem-estar docente.

Eixo 3 – A relevância social da profissão docente, foi uma das categorias discutidas nesse eixo, onde pode se constatar na fala dos docentes, o quanto sabem de sua importância social e o quanto seu fazer reverbera na sociedade através dos estudantes. Por outro lado, neste espaço, emergiu a categoria política neoliberal que os docentes refletem que interfere negativamente, principalmente no que tange as suas práticas, tornando-os reprodutores de um sistema que valoriza o capital e minimiza o ser humano. Para isso, o governo, através de metodologias e determinação de conteúdos, delinea o fazer dos professores, para que menos cidadãos intelectualizados se desenvolvam.

Todavia, as reflexões que surgiram após análise do material angariado no estudo de campo, direcionam à compreensão de que a permanência desses docentes na educação está ligada por vínculos que superam as dificuldades encontradas em suas práticas. A profissão docente faz parte da vida desses professores que realizaram a escolha de exercer essa atividade como exclusivo meio de trabalho. Nessa perspectiva, infere-se que os valores afetivos ligados ao amor a profissão e sua relevância social, contribuem para realização profissional desse grupo de docentes. Estes pilares, servem como bases de engrenagens motivadoras para o desenvolvimento e continuidade das atividades da profissão, sobretudo, para a constituição da própria profissionalização e construção da profissionalidade.

Por outro lado, foi constatado que o mal-estar docente perpassa a vida de alguns profissionais envolvidos nesse estudo, ocasionando fragilidades à saúde, fato que alerta para situação de atenção, pois existe um quadro de vulnerabilidades.

Para isso, com o intuito de contribuir para a construção do bem-estar docente, sugere-se algumas estratégias de prevenção e enfrentamento ao mal-estar docente. Sendo assim, infere-se que as políticas públicas direcionadas ao campo escolar poderiam focar em maiores esforços voltados para a saúde física e mental dos docentes. Como exemplo, pode ser citado o Programa Saúde na Escola (PSE), instituído pelo decreto 6.286 de 5 de dezembro de 2007, que afina seu trabalho entre os setores da educação e saúde, para que pudesse atender as demandas referentes a saúde e bem-estar dos professores; espaços de escuta aos docentes dentro da instituição que trabalham, no sentido de apoio e acolhimento direcionado ao fortalecimento da profissionalidade do professor; orientações para que os professores desenvolvam o cuidado de si como pessoas humanas e que transformem o trabalho como fonte de vida; formação contínua entre pares, voltada para construção da identidade docente e aprimoramento profissional; valorização salarial e profissional, por parte dos gestores, considerando a lei do piso, que sempre é motivo de abalo para os docentes que precisam recorrer ou reivindicar para que esse direito seja efetivado.

Enfatiza-se, que o presente estudo revelou a importância de haver um enlace entre saúde e educação, objetivando a construção de uma cultura de autocuidado docente. Para tanto, indicou-se algumas possibilidades de ações concretas que poderão resultar em incentivo à promoção do bem-estar docente. Acredita-se que a incorporação dessas ações no contexto escolar poderão contribuir positivamente na vida dos docentes, podendo ter um reconhecimento de si e do seu trabalho. Importante salientar que, a carta magna constitucional, preconiza a educação de qualidade como um direito fundamental de todos. No entanto, não há educação de qualidade sem a categoria docente, por isso, urge refletir sobre as suas condições de trabalho, visando o bem-estar físico e mental dos professores no exercício de suas atividades, valorando o que há de mais importante que é, a vida.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Alonso de. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. **Caderno de Pesquisa**, PUCSP, São Paulo, n. 113, p. 51-64, jul. 2001.
- ARANDA, S. M. **Um olhar implicado sobre o mal-estar docente**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre- RS, 2007.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. 1. Ed. São Paulo: Moderna, 1989.
- ASSUNÇÃO, A. A. Saúde e condições de trabalho nas escolas públicas. *In*: OLIVEIRA, D. A. (org.). **Reformas educacionais na América Latina e os trabalhadores docentes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 87-102.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BICUDO-PEREIRA, I. M. *et al.* Escolas promotoras de saúde onde está o trabalhador professor? **Saúde em Revista**, Piracicaba, v. 5, n. 11, 2003.
- BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 19 abr. 2020.
- BRASIL. **Lei nº 11.738**, de 16 de julho de 2008. Regulamenta a alínea “e” do inciso III do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11738.htm. Acesso em: 20 nov. 2021.
- BRASIL. **Lei nº 13.005/2014** - Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. 2014. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em: 20 out. 2020.
- BRASIL. Medida Provisória 934, de 01/04/2020 – Supressão dos dias letivos e manutenção das oitocentas horas – COVID-19. **Diário Oficial da União**. Publicado em: 01/04/2020, Edição: 63-A, Seção: 1 – Extra, Página: 1. Disponível em: <https://in.gov.br/en/web/dou/-/medida-provisoria-n-934-de-1-de-abril-de-2020-25071059>. Acesso em: 20 nov. 2021.
- CAETANO, Leticia Farias. **“No que você está pensando?”: o discurso do mal-estar docente produzido no facebook e a fabricação dos modos de ser professor na contemporaneidade**. 2017. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2017.
- CARVALHO, Marcio Henrique de. **O mal-estar na educação a natureza do trabalho docente entre o sofrimento e o ressentimento**. 2015. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

CEBALHOS, Camila Machado; PIRES, Celina Saideles. **A Atuação na Escola em Tempos de Pandemia: Um relato de experiência.** Diálogos Freirianos. Veranópolis, Rio Grande do Sul, 2021.

CELSONO, Maria C. W. M. **Síndrome de Burnout e Formação de Professores(as):** fatores de adoecimento e estratégias de enfrentamento dos docentes. Resumo da Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado do Pará, 2012.

CODO, Wanderley (coord.). **Educação: carinho e trabalho.** 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

COSTA, Cleyton Galeno da. **Mal-estar docente: vulnerabilidades ao adoecimento e estratégias de enfrentamento.** 2018. Dissertação (Mestrado em Saúde e Comunidade) – Fundação Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

COSTA, Diana Pereira. **Resiliência, resistência e tensão: estratégias psicossociais de professores para o enfrentamento do mal-estar docente.** 2019. 179 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Formação de Gestores Educacionais) – Universidade Cidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

DEBASTIANI, Valdemir Jose. **Mal-estar docente e síndrome de burnout: uma análise à luz da teoria da alienação de Marx.** 2017. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Frederico Westphalen, 2017.

DEBUS, M. Manual de excelência em la investigación mediante grupos focales. In: ESPERIDIÃO, Elizabeth. **Reflexões sobre a utilização do grupo focal como técnica de pesquisa.** São Paulo: Fundação Editora de UNESP, 2004.

DOMS, Karina P. **Níveis de mal/bem estar docente, de autoimagem e autoestima e de autorrealização de docentes em uma escola tradicional de Porto Alegre.** Resumo da Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011.

ESTEVE, J. M. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, António (org.). **Profissão professor.** Lisboa: Porto Editora, 1991.

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores.** Bauru: EDUSC, 1999.

FERREIRA, Josiane P. G. A. **O perfil profissional e representações de bem-estar docente e gênero em homens que tiveram carreiras bem-sucedidas no magistério.** Resumo da Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009.

FERREIRA, Gisele Nepomuceno. **Professores readaptados em um município do litoral norte de SP: mudanças e conflitos em sua identidade profissional.** 2017. 146 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais) – Universidade de Taubaté, Taubaté, 2017.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Os circuitos da história e o balanço da educação no Brasil na primeira década do século XXI.** Conferencia de abertura da 33ª Reunião Anual da

Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Caxambu - MG, 17 de outubro de 2010.

GAMA, Maria Eliza Rosa; MOTTA, Mariana Vizzoto. **Revisão de literatura:** trabalho docente em escolas públicas de educação básica. IV Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente (SIPD/CÁTEDRA UNESCO)

GATTI, Bernadete Angelina. (Coord.). **Professores do Brasil:** impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba de Sá; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Estado da arte das políticas docentes no Brasil.** Brasília, DF: Unesco. 2011.

GATTI, Bernardete Angelina. Formação de Professores: Condições e Problemas Atuais **Revista Internacional de Formação de Professores (RIFP)**, Itapetininga, v. 1, n.2, p.161-171, 2016.

GONÇALVES, Cecy M.M. **Escola pública: bem-estar docente, mal-estar docente e gênero.** Resumo da Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

GREGORIN, Cristiane Pinholi. **Um olhar sobre o mal-estar docente na perspectiva da contemporaneidade.** 2016. 159 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2016.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional:** formar-se para a mudança e a incerteza. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

JESUS, Saul. Neves. **Perspectivas para o bem-estar docente.** Porto: ASA Editores II, 2002.

KASPER, Samanta Antunes; RINALDI, Renata Portela. **II Seminário Formação Docente:** intersecção entre universidade e escola – Necessidades Formativas nas /Licenciaturas. Dourados-MS, 2017.

KASPER, Samanta Antunes; RINALDI, Renata Portela Alternativas para a diminuição do mal-estar docente: revisão sistemática das teses e dissertações no período de 2000 a 2016. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, 20(1): 98-108, 2017.

LAZZARI, Carla Weirich; SILVA, Denise da Silva. **Pesquisas sobre mal-estar e bem-estar docente:** uma revisão sistemática no banco de dados no portal da CAPES de 2003 a 2012. XIV SIE Seminário internacional de educação.

LAZZARI, Carla Weirich. **Mal-Estar na Docência:** Um Estudo de Caso no Ensino Público da Serra Gaúcha/RS. 2015. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade La Salle, Canoas, RS

LEITE, Natalia Costa. **O mal-estar do professor de língua inglesa:** o desvio de função como aposta subjetiva. 2018. 160 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **A pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, Fabiane de Oliveira. **Bem-estar/Mal-estar docente dos professores das escolas das águas no Pantanal**. 2020. 191 f. Tese de doutorado – Universidade Católica Dom Bosco-UCDB, Campo Grande, MS.

MARCELO GARCÍA, C. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 1999.

MARCELO GARCÍA, C. **El profesorado principiante: inserción a la docência**. Barcelona: Octaedron, 2009.

MEIRELES, Janaina Barela. **Trabalho, saúde e gênero das professoras de Educação Infantil da Região Sul do Rio Grande do Sul**. 2019. 61 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

MICROSOFT BIG. **Mapa do Rio Grande do Sul com a delimitação do município de Guaíba**. 2021. Disponível em: Site Big.com. Acesso em: 20 nov. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciênc. Saúde Coletiva** [online], v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>. Acesso em: 20 out. 2020.

MOMBACH, Lauri Alfonso. **A espiritualidade no enfrentamento ao mal-estar docente: um estudo na rede municipal de educação de Sapucaia do Sul (RS)**. 2015. 111 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2015.

MONTEZUMA, Luci Fatima. **Entre fios e teias de formação: narrativas de professoras que trabalham com matemática nos anos iniciais – constituição da docência e os desafios da profissão na educação pública estadual paulista frente aos programas de governo no período de 2012 a 2015**. 2016. 327 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

MUNIZ, Gardenia Oliveira. **Narrativas de professores de ciências sobre o mal-estar docente: trajetória, adoecimento e permanência**. 2018. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Formação de Professores) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, 2018.

NERY, Gabriela Rodrigues. **A docência no ensino médio: motivações e expectativas de professores de química**. 2016. 94 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Cidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

NÓVOA, Antonio. **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1995.

NÓVOA, António. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

NÓVOA, Antonio. Em busca da liberdade nas universidades: para que serve a pesquisa em educação? **Educação e Pesquisa**, FE/USP, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 263-272, jan-mar. 2015. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ep/v41n1/1517-9702-ep-41-1-0263.pdf. Acesso em: 20 out. 2020.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. As políticas de formação e a crise da profissionalização docente: por onde passa a valorização? **Revista Educação em Questão**, UFRN, Natal, v. 46, n. 32, p. 51-74, maio-ago. 2013. Disponível em: <http://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/5122/4100.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

OLIVEIRA, Michelle Ferreira de. **Trabalho e saúde do professor nas pesquisas em educação**. 2015. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

OLIVEIRA, Sienna Cunha de. **Responsabilidade estatal por danos ao meio ambiente do trabalho do professor: o ensino fundamental e médio na rede estadual de ensino na cidade de Manaus**. 2016. 219 f. Dissertação (Mestrado em Direito Ambiental) – PPGDA, Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2016.

PENA, Davi Barbosa. **Mal-estar docente: estudo com professores readaptados de escolas públicas**. 2017. 60 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2017.

PENIN, Sonia T. S. Salto para o futuro. **Edição Especial Profissão Docente**. Ministério da Educação: Secretaria de Educação a Distância. São Paulo: MEC, ano XIX, n. 14, p. 2-9, out. 2009.

PENTEADO, Regina Zanella; NETO, Samuel de Souza. Mal-Estar, sofrimento e adoecimento do professor: de narrativas do trabalho e da cultura docente à docência como profissão. **Saúde Soc.** São Paulo, v. 28, n.1, p. 135-153, 2019.

PEREIRA, Hortência Pessoa; SANTOS, Fábio Viana; MANETI, Mariana Aguiar. Saúde Mental de Docentes em Tempos de Pandemia: Os Impactos das Atividades Remota. **Boletim de Conjuntura**, revista UFRR, ano II, vol. 3, n. 9, Boa Vista, 2020. Disponível em: <https://revista.ufr.br/boca/article/download/Pereiraetal/3074>. Acesso em: 20 nov. 2021.

PEREIRA, Antonio Igo Barreto. **Autoridade enfraquecida, violência escolar e trabalho pedagógico: a percepção de professores sobre a ruptura dos vínculos de afeto e os malestares no magistério**. 2016. 263 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

PEREIRA, Juliana Martins. **Percepções de professores do ensino médio: as forças coercitivas no ambiente escolar e a relação com o mal-estar docente**. 2017. 290 f. Tese (Doutorado em Ciências da Motricidade) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2017.

POLTRONIERI, Cristiane do Nascimento Goncalves. **Percepções sobre o mal-estar docente dos professores de ciências naturais e matemática no ensino médio**. 2018. 116 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Barra do Bugres, 2018.

ROCHA, Erika Silva. **Subjetividade de professoras da educação infantil: uma abordagem histórico-cultural da saúde mental docente.** 2017. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.

RODRIGUES, Lenira S. Do mal-estar docente: uma análise de caso Argentina e Brasil. Resumo da Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011.

RODRIGUES, Ana Paula. **O mal-estar docente no contexto escolar a partir da percepção dos professores.** 2015. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2015.

SANTIAGO, Jonatas Silva. **Educação emocional, mal-estar e identidade docente: discutindo sobre a docência em uma escola pública em tempo integral.** 2019. 103 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade Instituição de Ensino) – Universidade do Estado da Bahia, Jacobina, 2019.

SARAIVA, Karla; TRAVERSINI, Clarice; LOCKMANN, Kamila. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, e2016289, p. 1-24, 2020. Disponível em: https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxis_educativa. Acesso em: 20 out. 2020.

SILVA, Ailton Souza da. **Bem-estar na docência: estratégias de enfrentamento dos docentes de uma escola pública no combate ao mal-estar docente.** 2017. Dissertação (Mestrado em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social) – Universidade de Cruz Alta, 2017.

SILVEIRA, Valeria da Silva. **“Eu sou escola!” Temporalidades e tensões: o discurso docente e seus rumores.** 2019. 189 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

SOARES, Manoel Messias Feitosa. **Linguagens que indicam fatores de adoecimento psicológico, depressão e ansiedade, nos docentes do município de Rio Branco – Acre.** 2018. 125 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Linguagem e Identidade) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2018.

SOUZA, A. M.; LEITE, M. P. Condições de trabalho e repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1105-1121, 2011.

TOLFO, Silvia Regina Basseto. **Organização do trabalho escolar e o mal-estar dos professores: o desafio de integrar pessoas.** 2017. 154 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão Educacional) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Construção do conhecimento em sala de aula.** 6. ed. São Paulo: Libertad, 2006.

WITTORSKI, Richard. A contribuição da análise das práticas para a profissionalização dos professores. **Cadernos de Pesquisa**, v. 44, n. 154, p. 894-911, out-dez. 2014. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742014000894&Ing=pt&nrm=isso&tlng=em. Acesso em: 20 out. 2020.

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista

Quadro 3 - Roteiro de Entrevista

Dados Gerais
<p>Nome da Escola: Local da Entrevista: Entrevistador (a): Equipamento de Gravação: Data: Horário de Início: Horário de Término: Duração:</p>
Perfil
<p>Idade: Sexo: Ano de Formação: Há quanto tempo atua no magistério? Há quanto tempo atua na E.M.F Anita Garibaldi? Qual sua formação (Graduação e Pós Graduação)?</p>
Ser Professor
<p>Como é sua relação com os alunos em sala de aula? O que você sente/sentimentos ao ministrar suas aulas? Como você vê a questão da inclusão na escola? Como são seus momentos de planejamento das aulas? Você se sente realizado como profissional? Por quê? Quais são os aspectos positivos de ser professor e quais são os aspectos negativos? Você se sente sobrecarregado com a demanda de trabalho</p>
Patologia
<p>Você já teve algum sintoma de adoecimento psicológico que possa ser relacionado ao trabalho? Qual? Faz uso de algum medicamento psicoativo? Se sim, qual? Faz ou já fez algum tipo de acompanhamento psicológico? Se sim, qual? Você percebe sintomas de estresse nos seus colegas? De que forma isso se manifesta? Você acredita que o trabalho docente pode ocasionar algum tipo de adoecimento? Você conhece algum colega que adoeceu em função do trabalho docente? Qual sua opinião em relação a esse fato?</p>
Reflexão
<p>Como você percebe a importância social do professor? Você afirmaria que a profissão docente, atualmente, está desvalorizada? Por quê? O que você gostaria que mudasse na sua profissão? Hoje há baixa procura pelas licenciaturas, a que você atribui tal fato? O que você considera condições ideais de trabalho Qual a sua opinião, sobre a relação da mantenedora com o trabalho do professor? Às vezes você pensa em trocar de profissão?</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

APÊNDICE B – Planilha do Grupo Focal

Pesquisadora: Marlova Gross da Silva

Período de Realização: 1º/07/2021

Quadro 4 – Grupo focal

Objetivos	Atividades	Duração	Recursos	Avaliação
Analisar se surgirão na fala dos professores, indícios de mal-estar docente.	<p>1º) Acolhida: Fala de boas-vindas aos participantes.</p> <p>2º) Explicação a respeito da dinâmica; 3º) Dinâmica de Grupo Focal.</p> <p>Videoclip: The Wall (Pink Floyd)</p> <p>Tema gerador: A falta de investimento social e político na educação pública e na carreira docente, poderá suscitar no protagonismo do professor questões que podem impactar a prática pedagógica? De que maneira?</p>	2h	<p>Materiais: Notebook; Plataforma Google Meet.</p> <p>Humanos; Pesquisadora; Professores do 6º ano.</p>	<p>Será considerado satisfatório se houver o envolvimento de todos que estiverem na dinâmica.</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Credenciamento: Portaria N° 597/2017 de 5/5/2017, D.O.U de 8/5/2017

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisadora responsável: Marlova Gross da Silva
 Instituição: Universidade La Salle
 Endereço: Av. Victor Barreto, 2288. Canoas - RS.
 CEP: 92010-000.
 Tel. 51 3476.8500.

Prezado participante:

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa/dissertação de mestrado, **O Impacto do Mal-Estar Docente, no Protagonismo do Professor**, desenvolvida por Marlova Gross da Silva, discente de Mestrado, do PPG em Educação da Universidade LaSalle/Canoas, sob orientação do Professor Dr. Gilberto Ferreira da Silva.

PROCEDIMENTOS: O objetivo geral da pesquisa é: Compreender de que maneira o mal-estar docente repercute no protagonismo em sala de aula, em relação à qualidade da prática pedagógica. A pesquisadora utilizará como instrumentos para a pesquisa a entrevista semiestruturada e grupo focal. As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas o aluno e seu professor orientador. O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente 40 minutos e acontecerá, via plataforma Meet. O grupo focal, que também será realizado on line, terá duração de 2h, para posterior transcrição dos dados, será realizada gravação de áudio e vídeo. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução CNS nº 466/12.

RISCOS: As dinâmicas propostas poderão ocasionar o risco dos participantes se sensibilizarem, pois, trarão à memória possíveis situações desagradáveis que tenham vivenciado em sua trajetória profissional. Caso isso ocorra a pesquisadora fará o acolhimento e deixará claro que o participante não precisará responder nada que o deixe desconfortável ou constrangido, bem como, poderá se retirar a qualquer momento, sem nenhum tipo de ônus.

BENEFÍCIOS: Essa pesquisa pretende colaborar com: Avanços nas pesquisas em Educação, em relação a temática mal-estar/bem-estar docente. O estudo poderá proporcionar melhores condições de trabalho docente, pois expõe a necessidade da promoção de bem-estar nos espaços escolares. Também, no momento, da realização das dinâmicas o espaço de escuta, bem como, a troca de experiências poderá proporcionar a ressignificação de vivências.

PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA: Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa. Serão garantidas a confidencialidade e a

privacidade das informações por você prestadas.

Obs.: Para participar você deve autorizar a gravação da entrevista e do grupo focal assinando o TCLE.

DESPESAS: Você não terá nenhuma despesa ao participar da pesquisa, nem direito a receber qualquer compensação financeira.

RESULTADOS:

Os resultados serão divulgados em palestras dirigidas ao público participante (se a instituição assim solicitar), artigos científicos e na dissertação.

CONSENTIMENTO: Recebi claras explicações sobre o estudo, todas registradas neste formulário de consentimento. Os investigadores do estudo responderam, em qualquer etapa do estudo, a todas as minhas perguntas, até a minha completa satisfação. Portanto, estou de acordo em participar do estudo. Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) será assinado por mim em duas vias (uma para o colaborador e uma para o pesquisador) e ficará sob guarda do responsável pela pesquisa por cinco anos.

Nome do participante/representante legal: _____

Identidade: _____

ASSINATURA: _____ DATA: ___ / ___ / ___

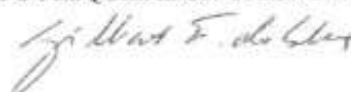
DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DO INVESTIGADOR: Expliquei a natureza, objetivos, riscos e benefícios deste estudo. Coloquei-me à disposição para perguntas e as respondi em sua totalidade. O participante compreendeu minha explicação e aceitou, sem imposições, assinar este consentimento. Tenho como compromisso utilizar os dados e o material coletado para a publicação de relatórios e artigos científicos referentes a essa pesquisa. Se o participante tiver alguma dúvida ou preocupação sobre o estudo pode entrar em contato através do meu endereço acima. Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade La Salle. Para outras considerações ou dúvidas sobre a ética da pesquisa, entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade LaSalle – Av. Victor Barreto, 2288. Canoas - RS. CEP: 92010-000. Tel. 51 3476.8500. Pesquisadora: Marlova Gross da Silva Tel. (51) 981417447. E-mail: marlovagross@hotmail.com Orientador: Gilberto Ferreira da Silva. Tel. (51) 991781546. E-mail: gilberto.silva@unilasalle.edu.br

ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL:



Marlova Gross da Silva

ASSINATURA DO PESQUISADOR ORIENTADOR



Prof. Dr. Gilberto Ferreira da Silva